



EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

EIS QUE FAÇO UMA COISA NOVA: NÃO A PERCEBEIS?



RÍMINI 2018

EIS QUE FAÇO UMA COISA NOVA: NÃO A PERCEBEIS? (Isaías)

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2018

Tradução do italiano de Cláudio Cruz.
Revisão de Maria Ramos Ascensão e Isabella Alberto.

© 2018 Fraternidade de Comunhão e Libertação para os textos de L. Giussani e J. Carrón

Na capa: Vincent van Gogh, *Ramos de amendoeira em flor*, Saint-Rémy-de-Provence, fevereiro de 1890. © Van Gogh Museum, Amsterdam (Vincent van Gogh Foundation).

«Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, com o título “Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?”, Sua Santidade o Papa Francisco dirige seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele os convida a fazer experiência viva de Cristo presente na Igreja e nos eventos da história, mudando a própria vida para poderem renovar o mundo com a força do Evangelho. É a contemplação do rosto de Jesus morto e ressuscitado que recompõe a nossa humanidade, mesmo aquela fragmentada pela dureza da vida, ou aquela marcada pelo pecado.

O Santo Padre deseja que os que seguem o carisma do falecido monsenhor Luigi Giussani deem testemunho do amor concreto e poderoso de Deus, que opera realmente na história e determina seu destino final. E, enquanto pede que rezem em apoio ao seu ministério petrino, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e confere de coração ao senhor e a todos os participantes a implorada bênção apostólica, estendendo-a aos que estão conectados via satélite e à inteira Fraternidade.»

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
27 de abril de 2018

Sexta-feira, 27 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Antonín Dvořák, Stabat Mater, op. 58

*Rafael Kubelik – Symphonie-Orchester des Bayerischen Rundfunks
“Spirto Gentil” n. 9, Deutsche Grammophon*

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

«Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?»¹ A capacidade de perceber as coisas pertence à natureza do homem, é parte de sua grandeza incomparável a nenhuma outra criatura. Infelizmente, muitas vezes prevalece em nós a obviedade ou a superficialidade. Quem, entre nós, vendo os rostos pintados por Caravaggio, enquanto estávamos escutando o *Fac ut ardeat cor meum* do *Stabat Mater* de Dvořák, não advertiu todo o desejo de ficar tomado como aqueles rostos, tão dominados por um conhecimento de Cristo que penetrava até ao coração? Mas – pensamos – como poderemos nós, frágeis como somos, chegar a conhecê-Lo? É por isso que Jesus nos oferece um grande consolo: «Tendes necessidade do Espírito. É o Espírito quem vos conduzirá à verdade plena».²

Peçamos então ao Espírito que nos conduza a um conhecimento de Cristo presente no real, na história, que faça arder o nosso coração.

Oh! vinde, Espírito Criador

Dou início lendo a mensagem de saudação que o Santo Padre nos enviou: «Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rímíni, com o título “Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?”, Sua Santidade o Papa Francisco dirige seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele os convida a fazer experiência viva de Cristo presente na Igreja e nos eventos da história, mudando a própria vida para poderem renovar o mundo com a força do Evangelho. É a contemplação do rosto de Jesus morto e ressuscitado que recompõe a nossa humanidade, mesmo aquela fragmentada

¹ Is 43,19.

² Cf. Jo 16,13.

pela dureza da vida, ou aquela marcada pelo pecado. O Santo Padre deseja que os que seguem o carisma do falecido monsenhor Luigi Giussani deem testemunho do amor concreto e poderoso de Deus, que opera realmente na história e determina seu destino final. E, enquanto pede que rezem em apoio ao seu ministério petrino, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e confere de coração ao senhor e a todos os participantes a implorada bênção apostólica, estendendo-a aos que estão conectados via satélite e à inteira Fraternidade. Cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado de Sua Santidade».

1. A consequência de um deslocamento

Desde a Jornada de Outubro, há uma frase de Dom Giussani que ficou martelando dentro de mim: «No início construía-se, tentava-se construir sobre algo que estava acontecendo [...] e nos tinha investido. Por mais ingênua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura. Por isso, por tê-la como que abandonado, tendo-nos atido a uma posição que foi, diria eu, acima de tudo uma “tradução cultural” mais do que o entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos – no sentido bíblico do termo – Cristo, nós não conhecemos o mistério de Deus, porque não nos é familiar».³

O deslocamento do entusiasmo com uma Presença para uma tradução cultural teve como consequência não termos conhecido a Cristo. E vê-se que não conhecemos a Cristo pelo fato de não nos ser familiar.

Parece-me que não há desafio maior do que o contido nesta provocação: se ao longo do caminho Cristo não se torna mais familiar, haverá cada vez menos interesse por Ele, e tudo o que fizermos será então uma consequência cada vez mais separada de sua origem, como um ramo seco, que nos deixará a cada dia mais decepcionados, com amargura na boca.

O trabalho feito desde a Jornada de Outubro deu a cada um a possibilidade de dar-se conta do caminho que percorreu nestes meses. Como entender se conhecemos mais a Cristo? Por quais sinais podemos demonstrá-lo?

Dom Giussani deu-nos um critério de verificação para reconhecermos se Cristo entrou realmente e está entrando cada vez mais na nossa vida, se se torna a cada dia mais familiar. Para entendê-lo, basta nos referirmos a uma experiência elementar que cada um de nós faz: vemos que uma presença, uma pessoa entrou na nossa vida até o ponto de se tornar familiar, quando determina o modo de encararmos tudo, de ficarmos diante das coisas e das

³ L. Giussani, *Una strana compagnia*. Milão: BUR, 2017, pp. 88-89.

circunstâncias. Basta pensarem em seus filhos. Ao contrário, quando não há tal familiaridade, ou ela não é suficiente, o ponto de partida continua sendo o de antes: uma determinada impressão das coisas, os esquemas que trazemos conosco. Todos nós podemos comprová-lo.

Não é diferente o que acontece com Cristo. Se, de fato, o acontecimento de Cristo não incide na minha forma de viver, de ficar diante do real, das situações e dos desafios cotidianos, se *o acontecimento de Cristo* presente não determina a forma como vivemos as circunstâncias, isto significa que as encaramos como todos, ou seja, a partir da *impressão* que suscitam em nós, e, como todos, acabamos por ficar sufocados numa vida que «quebra as pernas».⁴ O resultado salta imediatamente aos olhos: uma vida dominada pelas nossas “impressões” – cada um pense em como acorda em algumas manhãs –, em vez de aumentar o entusiasmo por Cristo, torna a fé cada vez mais irrelevante para viver, porque não se vê a pertinência de Cristo às exigências da vida.

Mas, se o entusiasmo por Cristo não aumenta cada vez mais, onde vamos procurar a nossa plenitude? Cada um pode olhar para a própria vida e notar o que é que predomina nela. Uma vez que o nosso coração não pode parar de desejar, inevitavelmente vamos procurar a realização no que nós mesmos fazemos, no nosso «esforço de atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política»,⁵ ou então na nossa tentativa profissional. A fé torna-se desta forma apenas uma “premissa” que deixamos para trás. Por isso Dom Giussani nos dizia que «o erro fundamental que podemos cometer [...] é dar por óbvia a fé. Vale dizer: dada a fé, introduzida a fé, muito bem, agora nós fazemos atividades culturais».⁶ Ele não nos dá trêgua neste chamado de atenção: «Se tudo o que esperarmos não se esgotar totalmente no que nos foi dado, no fato de que nos foi dado», no Fato de Cristo, todas as nossas atividades, tudo o que fazemos «torna-se a espera do nosso reino».⁷

A pergunta que inevitavelmente se coloca é então: mas essas atividades são capazes de nos realizar? O alarme é aquela sensação de incômodo que nos assalta por um “fazer” que, no fundo, não nos satisfaz.

Mas a insatisfação mesma que sentimos quando esperamos a realização a partir do que fazemos pode tornar-se – se conservarmos uma pobreza última de coração – uma ocasião, a oportunidade de sentir dentro de

⁴ C. Pavese, *Diálogos com Leucó*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 206.

⁵ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 88.

⁶ Idem, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*. Milão: BUR, 2006, p. 173.

⁷ Cf. idem, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*. Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 406.

nós a urgência de voltar ao início, ao entusiasmo por Cristo que nos tinha conquistado.

Escreveu-me um jovem médico, confirmando o fato de que a «urgência de voltar ao início», ao entusiasmo por Cristo, diz respeito à vida de cada um de nós, com qualquer idade ou história (podemos ter encontrado o Movimento um ano atrás e ter menos de trinta anos):

«Caro Julián, nestes meses comecei a entender o que você nos tem dito tantas vezes, quer dizer, que se eu não verificar a pertinência da fé às exigências da vida, ela não poderá resistir, e o primeiro sinal é um ceticismo – não explícito –, diria quase uma dúvida, um “quem sabe”, uma incredulidade em relação ao fato de certas coisas, certas chatices da vida, poderem ser abraçadas e mudadas por Cristo. Comigo aconteceu no trabalho. Sou médico especializado num departamento em que os ritmos de trabalho são corridos, a competição e a reclamação são contínuas, e a maior parte dos colegas não tem quase nada fora do trabalho. Nestes dois anos, na tentativa de fazer bem o meu trabalho, deixei-me absorver demais. Na sequência de duas grandes decepções no trabalho, dei-me conta de quanto o trabalho – ou pelo menos como eu o estou vivendo – não é capaz de me restituir, em termos de satisfação, nem sequer um pouco do quanto eu dou a ele: um balanço absolutamente negativo. Este fato me levou também a pensar no trabalho como naquilo que me rouba o tempo para minha mulher e para meus amigos, e as queixas até aumentaram! Ler a Escola de Comunidade, ir à missa, falar com os amigos – mas sem estarmos dispostos a mudar o ponto de vista, querendo só a solução do problema contingente – mostram-se todas tentativas fadadas ao fracasso e deixam-nos cada vez mais céticos quanto ao fato de Cristo poder mudar algo da relação com o trabalho. Por fim aconteceu um fato. Há mais ou menos dois meses eu tenho ido à missa antes do trabalho; há um grupinho de pessoas do Movimento que vão todas as manhãs e, ao fim da missa, tomam um café rápido no bar em frente à igreja: um fato banal e para eles cotidiano. Na primeira manhã em que me juntei a eles, fiquei contente e fiz o trajeto de moto para o trabalho – que normalmente é o momento em que me domina a preocupação com tudo o que vou ter de fazer e com todos os compromissos para encaixar – com a leveza de quem acabou de ver uma coisa bela. Enquanto na maior parte dos meus intervalos no trabalho eu já estou com a cabeça na próxima coisa para fazer, eles naqueles dez minutos estavam ali de verdade, atentos, presentes. Impressionou-me também a atenção por mim, que não os conhecia, e também por alguns mendigos que ficam passando na frente da igreja. Captei uma série de dados que me levaram a perguntar se não seria realmente possível também para mim ficar contente no trabalho.

Um pequeno fato reabriu uma brecha nas minhas queixas: uma pergunta que impele a fazer um caminho. Durante um encontro com você e alguns jovens trabalhadores, vi acontecer a mesma dinâmica do bar: impressionou-me a sua liberdade perante nós, o seu não ter nada que defender e, aliás, a curiosidade pelo que poderia aparecer entre nós. Os juízos que você deu mexeram comigo e têm desmascarado muitas vezes a perspectiva reduzida que tínhamos sobre a realidade. Entendo que um olhar tão livre não pode ser produzido por uma mais perfeita e atenta cultura sobre os textos de Giussani, pela participação num maior número de gestos e assembleias, mas só por uma familiaridade com o Mistério. Por isso eu o observei com curiosidade e inveja, e me perguntava continuamente por que você respondia às várias provocações de uma forma diferente de como eu teria feito. Eu estava muito atento para me identificar, para tentar entender como você olha as coisas. Foi bonito porque, para mim, no início seguir foi exatamente assim: uma identificação, quase espontânea, que nascia do maravilhamento por uma diversidade humana.»

Atenção, para redescobrir o entusiasmo do início não adianta só um saudosismo, não é suficiente ficar entre amigos lembrando os velhos tempos. A lembrança de algo que passou não nos devolve o início. Lembrar os bons tempos do namoro não devolve a um casal o entusiasmo perdido nos anos sucessivos. Querem uma prova disto? Observem o ceticismo que se insinua na vida de muitos adultos. A única possibilidade é reacontecer agora o que nos inflamou no início.

Sobre qualquer outra tentativa nossa de recuperação do início, Dom Giussani expressou-se de maneira definitiva: «Formulemos a hipótese de que se reúnam hoje algumas pessoas que [...] tendo a lembrança impressionante de um acontecimento pelo qual foram tocadas – que lhes fez bem, que até qualificou sua vida –, queiram retomá-lo, preenchendo uma “descontinuidade” que se foi criando ao longo dos anos. [...] Se, por exemplo, elas dissessem: “Vamos nos juntar para formar um grupo de catequese, ou para uma nova iniciativa política, ou, ainda, para desenvolver uma atividade caritativa, para criar uma obra, etc.”, nenhuma dessas respostas seria adequada para vencer a descontinuidade». Nada mais claro do que isto: «A continuidade com “aquela época” só é restabelecida quando acontece outra vez, hoje, o mesmo acontecimento, o mesmo impacto». ⁸ Porque o início é um acontecimento, sempre. E para cobrir a descontinuidade em relação ao início é preciso que reaconteça agora o que aconteceu naquela época, é preciso que ocorra o mesmo acontecimento que nos moveu no princípio.

⁸ L. Giussani, “Algo que vem antes”. In: *Passos-Litterae Communionis*, n. 100, dez. 2008, p. 3-4.

É o que nos lembrou o Papa Francisco na praça São Pedro: «O carisma não se conserva numa garrafa de água destilada! [...] Dom Giussani não pode reduzir-se a um museu de lembranças [...]. Fidelidade à tradição – dizia Mahler – “significa manter aceso o fogo”».⁹

É só o recontecer da Sua presença agora que pode restituir-nos o início. Cristo é um acontecimento presente. E a única esperança para nós é conhecer mais a Cristo, se não quisermos perder o entusiasmo que nos conquistou. Por isso, desde o Início de Ano essa frase ficou martelando na minha cabeça.

2. Ao nos tornarmos adultos, uma desmoralização

Nos primeiros Exercícios da Fraternidade, Dom Giussani dizia-nos exatamente que o nosso inimigo é «a ausência do conhecimento de Cristo». Mas de que tipo de conhecimento se trata? Sendo que para nós o conhecimento é normalmente reduzido a um saber conceitual, Giussani adverte-nos que está falando do conhecimento como o entende a Santa Bíblia: «Conhecimento como familiaridade, como afinidade, como identificação, como presença ao coração». Por isso, mais adiante observa: «É como se não prosseguisse [depois do encontro] uma familiaridade que se fez sentir [...]. Há um empecilho que é a distância d’Ele, que é como uma não presença d’Ele, um ser que não determina o coração. Nas ações não é assim, nelas pode ser determinante – vamos à igreja, “fazemos” o Movimento, talvez até rezemos as Completas, fazemos Escola de Comunidade, empenhamo-nos na caritativa, vamos fazer grupos daqui e dali e lançamo-nos, catapultamo-nos até na política –. Não falta nas ações: em muitas ações pode ser determinante, mas no coração? No coração não! Porque o coração é como a pessoa olha as suas crianças, como olha a mulher ou o marido, como olha o passante, como olha as pessoas da comunidade ou os colegas de trabalho, ou então – principalmente – como se levanta de manhã».¹⁰

Não só. A distância entre Cristo e o coração «explica também outra distância, que se revela também num último empecilho nas relações entre nós, no olhar entre nós, porque é só Cristo [...] que pode tornar-nos realmente irmãos»,¹¹ amigos! Quantas vezes falamos disso e o experimentamos na vida: a distância entre o coração e Cristo torna-se distância entre uns e outros, de modo que entre nós domina uma estranheza última, recíproca.

⁹ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹⁰ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 22-24.

¹¹ *Ibidem*, p. 24.

Ora, Jesus pode estar tão distante do coração, que se torna para nós como um estranho: «Se Jesus viesse aqui em silêncio – *softly* – e se sentasse numa cadeira ali, perto daquela, e todos a certa altura o percebessem, não sei em quantos de nós o maravilhamento, a gratidão, a alegria... não sei em quantos a afeição seria realmente espontânea, mesmo conservando uma certa consciência de si. [...] Não sei se não nos sentiríamos cobertos por um manto de vergonha [...], se nos dêssemos conta naquele momento de que nunca dissemos “Tu” [...], se tentássemos viver seriamente o não total naufrágio do seu Eu pessoal no nosso eu coletivo».¹² Perguntemo-nos: quem de nós hoje disse “Tu” a Cristo, com aquela familiaridade com que trata as presenças que lhe são de verdade queridas?

Não é que Cristo seja desconhecido à nossa vida, vejam bem. «Paradoxalmente – insisto – [é Dom Giussani quem fica no pé] Cristo é o motivo mesmo por que fazemos um tipo de vida que não faríamos: e no entanto está longe do coração!» Ao ficarmos mais velhos, virando adultos, embora fazendo muitas coisas para o Movimento ou em nome do Movimento, Cristo permaneceu longe do nosso coração, pode ainda não ter penetrado no coração. «Eu não considero, com efeito [continua Dom Giussani], que seja uma característica estatisticamente normal que o crescer nos tenha familiarizado com Cristo, tenha tornado mais presença para nós aquela “grande ausência” [...]. Não creio.»¹³

O que sucede se o fato de ficarmos mais velhos não torna Cristo mais familiar para nós? Uma desmoralização assume o controle em nós, «não no sentido banal do termo, mas em relação àquela familiaridade com Deus em que reside a essência da vida do homem».¹⁴ Por isso, se a moralidade é «tender a algo maior do que nós, a desmoralização quer dizer a ausência desse tender. Insisto em que, como discursos e até como obras – não como mentira, mas até veridicamente –, esse tender ressurgue, mas não está em última instância *no coração*. Porque o que está em última instância no coração [...] não tem horas nem tem condições que o impeçam [...]. Assim como o eu não pode suspender o seu viver, igualmente, quando o coração é moral, quando o coração não está desmoralizado, então esse tender para o “mais”, para algo de mais, é como se nunca diminuísse». Não há trégua, amigos, porque aqui estamos falando do coração, não das obras. «O problema está realmente no nosso coração.»¹⁵

¹² Idem, *L'attrattiva Gesù*. Milão: BUR, 1999, p. 151.

¹³ Idem, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 24-25.

¹⁴ *Ibidem*, p. 30.

¹⁵ *Ibidem*, pp. 25-26.

Como contrastar essa desmoralização? Neste momento, Dom Giussani renova o destaque ao valor da amizade entre nós, da nossa companhia, da nossa Fraternidade, esclarecendo a tarefa dela: «A nossa companhia deve, acima de tudo, fazer-nos lutar contra essa desmoralização; ela quer ser o principal instrumento contra essa desmoralização».¹⁶

Mas como é que ela pode ajudar-nos nessa luta, de modo que Cristo penetre em nosso coração? Vemo-lo com clareza quando acontece.

«Caríssimo Pe. Julián, eu nunca mais participei da Via Sacra, até ontem à noite em Caravaggio, depois de anos de esquecimento total da Sexta-Feira Santa. Sempre tive o álbi do trabalho, por isso faltava tranquilamente nesse gesto sem dúvida nenhuma. No fundo não sentia necessidade. Este ano, sabe-se lá por quê, encontrei um tempo e entendi que a questão é onde se apoia o meu coração. Foi como voltar à origem de tudo. Nos tempos do Tríduo Pascal dos universitários com Dom Giussani em Caravaggio, foi uma das coisas que me fulminaram, aos meus vinte anos. E também me “derrubou” ontem, mas com uma dor lancinante, escutar o coro cantar *Cristo al morir tendea* e à pergunta cheia de sofrimento de Maria: “Vós o deixaríeis por outro amor?” Marcou-me porque não diz “pelo pecado” ou “pelo mal”, mas “por outro amor”. Na manhã de hoje me fiz perguntas que havia décadas eu já não me colocava, ou que talvez nunca tenha colocado. Perguntei-me por que a Igreja todo ano nos repropõe a Semana Santa. Como é comum passarmos esse tempo como um gesto que no fundo não muda nada em nós, na nossa vida, até porque “já sabemos” e não temos nada para pôr em ordem! Esperamos que passe depressa para voltarmos a nos ocupar de coisas concretas: o trabalho, o dia de pagamento, o marido, os filhos, a casa, o carro, as festas de aniversário, os grupos de Fraternidade (mas em que é que somos irmãos, afinal?), as férias do Movimento ou na praia com os amigos. A Igreja porém quebra, literalmente quebra o tempo, para reabrir aquela ferida que é a minha humanidade. Porque você, amiga, marido, mulher, filho e qualquer movimento do meu coração; você, que é tudo para mim, não vai viver para sempre e vai me trair, e eu vou trair você e traio a mim mesma; você, que amo tão profundamente, não é capaz de manter a promessa que, no entanto, suscitou em mim. Então onde depositar a esperança que o coração não cessa de pedir? Eis o que nos repropõe a Igreja todo ano: descobrir as feridas de todo dia e, a partir da Quarta-Feira de Cinzas, reconhecer-nos necessitados de tudo, recolocar-nos na posição mais verdadeira, a mendicância. A resposta não nos é dada, mas impõe-se a um coração mendicante e que corre, numa nova alvorada, no terceiro dia.»

¹⁶ Ibidem, p. 26.

Eis a tarefa da companhia. Por menos do que isto não valeria a pena permanecer nela. «A nossa companhia», insiste Dom Giussani, «deve descer mais a fundo, mais no fundo, dizer respeito a nós mesmos, deve dizer respeito ao nosso coração»,¹⁷ ela deve introduzir-nos – como diz a Escola de Comunidade –, impelir-nos a «um relacionamento profundamente pessoal com Ele»,¹⁸ com Cristo.

Mas, chegando a esse nível, esclarece Giussani, ao nível do meu reconhecimento de Ti, ó Cristo, ou seja, ao nível do coração, ninguém pode delegar a outros uma resposta que só pode ser sua: «Esta é uma responsabilidade [como demonstra a carta que acabamos de ler] [...] que não se pode despejar sobre a companhia. O coração é a única coisa em que é como se não houvesse parceiros [...]. Se se está numa equipe em que cada um tem um papel, um puxa o outro, e assim é no caso do Movimento, nas atividades do Movimento. Aqui não! Por isso, a nossa companhia terá de ser estranha: é como uma companhia sobre a qual não se pode despejar nada».¹⁹

3. Cristo, esperança da realização

Por que Giussani insiste tanto assim na necessidade de que Cristo penetre no coração? A razão é simples: sem Cristo, o coração fica insatisfeito. E a experiência mostra-nos que o coração não pode enganar, porque é objetivo e infalível. Como nos lembra o primeiro capítulo d' *O senso religioso*, o coração, como critério de juízo, é objetivo: as exigências originais, com efeito, nós as encontramos em nós, não podemos nós manipulá-las, são-nos dadas com a própria vida. Por isso o coração é infalível como critério: as exigências elementares são infalíveis, tanto é verdade que desmascaram constantemente as reduções e as imagens que fazemos do que deveria responder à sede do coração; o sentido de insatisfação que provamos perante o caos pessoal ou familiar, mas também perante um sucesso profissional, é um sinal evidente disto.

Nessa insistência de Dom Giussani, podemos encontrar toda a sua estima em relação a nós, sua paixão por cada um de nós. Ele é mesmo a encarnação de uma companhia verdadeira, a de quem nunca desiste de chamar-nos a atenção para a única coisa que pode satisfazer o coração. «A ausência de Cristo», com efeito, «demole e deprime, coloca sob a forma estável de depressão o humano. Menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, menos humanidade para o meu coração e o seu coração, menos possibilidade da

¹⁷ *Ibidem*, pp. 26-7.

¹⁸ *Idem*, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 288.

¹⁹ *Idem*, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 27.

Tua presença, ó Cristo, menos humanidade no relacionamento do homem com sua mulher, da mulher com seus filhos, com [a consequência d'] aquele estender-se substitutivo à afeição verdadeira, ao amor real, à caridade, à gratuidade do dom de si, [que é a] pretensão [...]. Menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, e menos possibilidade de humanidade para [...] todas as pessoas que se amontoam ao redor de você»,²⁰ de nós.

Qual é o contrário da desmoralização do coração e da depressão do humano, que parece caracterizarem o nosso ficar mais velhos? «O contrário da desmoralização», o de que todos nós precisamos, «é a esperança». Também a nossa amiga nos testemunhava isso. O que Dom Giussani nos diz demonstra-se de forma impressionante em quem quer que faça uma experiência verdadeira de humanidade, seja leal com o que acontece em sua vida. Mas qual esperança? De que esperança se trata? Da esperança no próprio destino, na própria realização. Mas como é possível, com todos os erros, os fracassos, as contradições, que se repetem, multiplicam e acumulam? «É só onde Deus falou ao homem que essa esperança existe.» O conteúdo de tal esperança é de fato o «que o anjo disse a Nossa Senhora: “Para Deus nada é impossível”. Creio que isto seja tudo. O homem novo que Deus veio despertar no mundo é o homem para quem esta afirmação é o coração da vida: “Para Deus nada é impossível”; onde Deus não é o “Deus” dos nossos pensamentos, mas é o Deus verdadeiro, o vivo, vivente, o que se tornou homem, Cristo».²¹

Recorda-nos a Bíblia: «Eu, o Senhor, sou o Deus de toda criatura. Existe alguma coisa difícil para mim?»²² «“Para Deus nada é impossível”! Esta frase está, então, justamente no início da história verdadeira da humanidade, está no início da grande profecia do povo de Israel, está no início da história do povo novo, do mundo novo, no anúncio do anjo a Nossa Senhora, e está no início da ascensão do homem novo, está no início da perspectiva e dos passos do homem novo. [...] Os apóstolos, perante a frase d'Ele: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”, disseram: “Mas quem então poderá entrar no reino dos céus? Quem poderá salvar-se?” E eles não tinham nem eira nem beira, tinham largado aquela meia dúzia de coisas que tinham. Jesus respondeu: “Para vós é impossível, mas para Deus nada é impossível”».²³

²⁰ Idem, *Si può vivere così*. Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímni, 28-30 de abril de 1995, encarte de *Litterae Communionis-Tracce*, n. 6, 1995, p. 22.

²¹ Idem, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 28.

²² Jr 32,27.

²³ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 29.

Este é o fundamento da esperança, da possibilidade de resgate da desmoralização, de resgate da diminuição dessa inclinação do coração àquilo para o qual é feito: Deus tornou-se homem, Cristo. «Um novo homem entrou no mundo e, com ele, um caminho novo»: ²⁴ o impossível tornou-se possível. O cartaz de Páscoa chama a atenção para isso de modo comovente: «Desde o dia em que Pedro e João correram ao sepulcro vazio e depois O viram ressuscitado e vivo no meio deles, tudo pode ser mudado. Desde então e para sempre um homem pode mudar, pode viver, pode reviver. A presença de Jesus de Nazaré é como a seiva que, a partir de dentro – de maneira misteriosa, mas certa – torna verde outra vez a nossa aridez e torna possível o impossível: aquilo que não é possível para nós, não é impossível para Deus. De tal forma que, uma humanidade nova apenas insinuada, para quem tem o olhar e o coração sinceros, torna-se visível através da companhia daqueles que O reconhecem presente, Deus-conosco. Apenas insinuada humanidade, nova, como o tornar-se verde outra vez da natureza amarga e árida». ²⁵

Amigos, temos então de pedir ao Espírito a simplicidade de reconhecer Cristo, de «levantar o olhar de nós mesmos para essa Presença» ²⁶ que veio ao nosso encontro, e de deixar que ela penetre no nosso coração, como a alvorada de um novo dia.

Só precisamos de uma simplicidade. «Tudo se remete a ter um coração de criança». Que significa? «Levantar o rosto dos próprios problemas, dos projetos, dos próprios defeitos, dos defeitos dos outros, para olhar para Cristo ressuscitado. “Levantar o olhar de si para aquela Presença.” É como se tivesse de passar um vento para varrer para longe tudo o que somos; então o coração fica ou volta a ficar livre, e continua a viver na carne, ou seja, erra como antes [...], mas é como se outra coisa tivesse entrado no mundo. Um novo homem entrou no mundo, e, com ele, um caminho novo. “Eis que se abriu um caminho no deserto: não o vedes?” No deserto do mundo abre-se um caminho, abre-se a possibilidade de “obras”, mas principalmente de *uma obra*. “Obras” são a expressão do humano; “obra” é um humano novo, uma companhia humana nova.» ²⁷

Não há outra possibilidade para reencontrar o entusiasmo do início que possamos ter perdido vivendo: «Sem essa simplicidade, sem essa pobreza, sem termos a capacidade de levantar o olhar de nós mesmos para

²⁴ Ibidem, p. 34.

²⁵ Idem, *Cartaz de Páscoa*, 2018.

²⁶ Idem, *Uma strana compagnia*, op. cit., p. 35.

²⁷ Ibidem, pp. 34-5.

essa Presença, é impossível uma companhia que remova de si aquele empecilho último, [...] que se torne de verdade uma ajuda para o caminho até o destino [...] É preciso levantar o olhar de mim para essa Presença, para a presença de Cristo ressuscitado». ²⁸ Levantar o olhar de nós mesmos para voltá-lo à Presença d'Ele é a única possibilidade para vivermos a própria vida ganhando-a e para salvarmos a companhia, superando aquele empecilho último entre nós de que falava Dom Giussani.

Só Cristo está em condições de responder à espera que nos trouxe aqui, como escreve uma de vocês: «Estou à espera dos Exercícios como nunca aconteceu na minha vida!», para citar uma das muitas mensagens que chegaram, cheias dessa espera.

No auge da crise de '68, Giussani dizia aos amigos do Centro Péguy: «É muito necessário que um período termine e que outro comece: o definitivo, o maduro, o que pode aguentar com o choque do tempo, aliás, o choque de toda a história, porque aquele anúncio que começou por impressionar duas pessoas (primeiro capítulo de São João), João e André, há dois mil anos, aquele anúncio, aquela pessoa, é tal e qual o fenômeno que nos atraiu aqui e é o fenômeno que pode fazer com que permaneçamos na Igreja de Deus». ²⁹

Peçamos a Cristo que nestes dias faça o nosso coração vibrar de afeição por Ele: é a única possibilidade para O conhecermos realmente, de uma forma que não seja conceitual ou intelectual. Identifiquemo-nos então com a invocação que Dom Giussani tomou emprestada ao *Stabat Mater* atribuído a Jacopodi da Todí, enquanto comenta a versão musical de Dvořák: *Fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum ut sibi complaceam* (Faz com que meu coração arda de amor por Cristo Deus para que possa agradá-Lo). «Faz com que tudo arda em mim! Tudo, tudo até o último fio de cabelo. Faz com que tudo arda em mim, indigno mas feito para cantar: “Te adoro, Redentor”. Que liberdade, que ardor de reconhecimento!» ³⁰

Como vocês viram entrando no salão, este ano pensamos em propor a cada entrada uma breve citação de Dom Giussani relativa ao trecho musical que estamos escutando, como ajuda para nos identificarmos mais com o que está acontecendo. Os trechos musicais que propomos, como sabem, não são casuais: Dom Giussani introduziu-nos com o tempo a cada um

²⁸ Ibidem, p. 35.

²⁹ Idem, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., pp. 427-8.

³⁰ Idem, “La festa della fede”. In: S. Chierici; S. Giampaolo (Orgs.), *Spirito Gentil: Un invito all'ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*. Milão: BUR, 2011, p. 289.

deles justamente pela potência que podem ter ao nos facilitarem o silêncio. Quem observou as imagens de Caravaggio enquanto estava escutando o *Fac ut ardeat* terá feito experiência disso. Não é o mesmo ficarmos distraídos ou usarmos o celular em vez de nos deixarmos levar pelo que está na nossa frente: prestar atenção é para não reduzir o alcance do que está acontecendo.

Vamos pegar, por exemplo, o que Dom Giussani nos disse de uma obra de Mozart, a *Grande Missa em dó menor*, que tantas vezes escutamos durante os nossos gestos: «Este lindo canto ajuda-nos a nos recolhermos num silêncio agradecido, de modo que pode nascer no coração, pode desabrochar no coração a flor do “sim” pelo qual o homem consegue agir, consegue tornar-se colaborador do Criador [...]: amante do Criador. Assim como foi para Nossa Senhora [...]: uma relação sem fim preenchia seu coração e seu tempo. Se a intensidade religiosa da música de Mozart – uma genialidade que é dom do Espírito – penetrasse no nosso coração, a nossa vida, com todas as suas irrequietações, contradições e dificuldades, seria bela como a música dele».³¹

Eu, com vocês, desejo deixar-me educar cada vez mais pelo carisma a viver o silêncio, *esse* silêncio, que é o «sermos preenchidos no coração e na mente pelas coisas mais importantes», pela Presença mais decisiva para a vida. «O silêncio [...] coincide com o que nós chamamos de memória.» Nestes dias que vamos viver juntos, «a memória será favorecida pela música que vamos ouvir ou pelos quadros que vamos ver [no telão]; assim nos disporemos a olhar, a escutar, a sentir com a mente e com o coração o que de alguma forma Deus nos vai propor»,³² para nos deixarmos levar, tomar por Ele.

Todas as tentativas que fazemos – a escolha de uma determinada música, dos cantos e das imagens – são para aprendermos a dar espaço a um Outro, que ademais é a única grande razão que pode ter-nos trazido aqui hoje.

Sugiro-lhes, por isso, uma atenção particular ao silêncio nestes dias, nos trajetos desde os hotéis, na entrada e na saída dos salões. O gesto que vamos viver depende muito da contribuição de cada um de nós: peço, por mim e por todos nós, que não desperdicemos esta ocasião.

³¹ Idem, “Il divino incarnato”. In: *Spirto Gentil*, op. cit., p. 55.

³² Idem, *Dare la vita per l'opera di un Altro*. Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rimini, 8-10 de maio de 1992, encarte de *CL-Litterae Communionis*, n. 6, 1992, p. 5.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 13,26-33; Sl 2; Jo 14,1-6

HOMILIA DE PE. STEFANO ALBERTO

Naquela noite em que, antecipando o sacrifício total de sua morte e a glória de sua ressurreição, doa-se inteiramente, seu corpo como comida e seu sangue como bebida, Jesus encontra a resistência, a desmoralização, a estranheza dos seus. Mas usa a pergunta de Tomé – «Senhor, nós não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?» – para uma incrível, genial e definitiva manifestação de Sua ternura, de Sua paixão ao destino do homem. Ele diz, evidentemente: «Eu sou a verdade». Diz também: «Eu sou a vida». Mas antes – e isso homem nenhum jamais dissera e jamais poderia ter dito depois d’Ele: «Eu sou o caminho», que significa: «Eu sou esta iniciativa de comunhão, esta presença cheia de paixão ao teu destino. Não só sou o caminho: eu sou companhia ao longo do caminho, a cada passo do caminho». É o que está acontecendo esta noite, neste momento, depois de vinte e um séculos. «Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?»

Sábado, 28 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Grande Missa em dó menor, K 427

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 24, Deutsche Grammophon

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«Nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós»!

Há uma «viagem»³³ que temos de fazer para chegar ao conhecimento de Cristo no sentido bíblico do termo – como dizia Dom Giussani –, se não quisermos continuar paralisados no empecilho provocado pela distância entre o nosso coração e Ele.

Digamos logo qual é a perspectiva que Jesus coloca diante dos nossos olhos. Aonde quer nos levar? Nós o escutamos no *Regina Coeli* do domingo passado: «Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai».³⁴ Comentando estas palavras, o Papa Francisco dizia: «Jesus não fala de um conhecimento intelectual, não, mas de um relacionamento pessoal, de predileção, de ternura recíproca, reflexo da mesma íntima relação de amor entre Ele e o Pai».³⁵ Menos do que isso não é conhecimento de Cristo e do Pai. Jesus quer levar-nos, as Suas ovelhas, ao mesmo conhecimento, ao mesmo nível de intimidade que Ele, o Pastor, tem com o Pai. É este o objetivo.

Que caminho o Mistério usa para nos conduzir a semelhante conhecimento? «Deus é tudo em tudo», o Senhor é tudo, lembrou-nos muitas vezes Dom Giussani. «O Senhor é tudo não por força de um sentimento

³³ C. Chieffo, “Il viaggio”. In: *Canti*. Milão: Società Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2014, pp. 232-3.

³⁴ Jo 10,14-15.

³⁵ Francisco, *Regina Coeli*, 22 de abril de 2018.

nosso, porque “sentimos” que é tudo; não por força de um ato de vontade, porque “decidimos” que seja tudo; não de forma moralista, porque “tem” de ser tudo, mas por natureza». ³⁶ Esta é a verdade, que é verdade desde o início. Ela em si é clara e não depende do nosso sentimento, da nossa vontade, da nossa decisão. Mas pede para ser descoberta pelo homem, conhecida no sentido que mencionamos, para que chegue a plasmar a vida. Como, então, pode penetrar no coração? Só acontecendo.

Esta é a condição do conhecimento no sentido bíblico do termo: um acontecimento. Ser o Senhor o Senhor, ser Deus tudo para o homem, ser Ele familiar à vida de Suas criaturas, não se tornou evidente em virtude de uma reflexão, como conquista de um “saber”, mas por outra maneira, que inverte a direção: Deus revela-se Senhor do homem numa história, intervindo nela. Dom Giussani escreve: «O fato de que o Senhor seja tudo por natureza [...] não veio à tona como fruto de uma sabedoria, não saiu de uma reflexão filosófica. O fato de que o Senhor seja o Senhor [...] apareceu como evidência dentro de uma intervenção Sua na história, através de um Seu revelar-se histórico». ³⁷

A história bíblica – uma história precisa, particular, constituída de fatos e palavras pontuais – é a documentação desse revelar-se de Deus. A historicidade torna-se então a dimensão fundamental do comunicar-se de Deus. É exatamente como o que aconteceu conosco, dentro desta «história particular» que é o Movimento.

Ouçam como Dom Giussani recorda o seu início, até a precisão do horário: «Lembro como se fosse hoje: liceu clássico Berchet, 9 horas da manhã, primeiro dia de aula, outubro de 1954. Lembro o sentimento que tinha enquanto subia os poucos degraus da entrada do liceu: era a ingenuidade de um entusiasmo, de uma ousadia [...]. Revejo-me naquele momento, com o coração todo inflado com o pensamento de que Cristo é tudo para a vida do homem, é o coração da vida do homem: aqueles jovens tinham de começar a ouvir e aprender este anúncio, para a felicidade deles. [...] Digo estas coisas pois constituem o único motivo, o único objetivo e a única raiz da qual o nosso Movimento nasceu. E se o nosso Movimento atravessou momentos de debandada, de superficialidade ou distração, foi exclusivamente pelo fato de ter-se enfraquecido ou esquecido este único tema de todo o nosso esforço e de toda a nossa iniciativa. Um grande entusiasmo, portanto». ³⁸

³⁶ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 1996, p. 26.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ *Idem*, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*. Organizado por C. Di Martino. Roma: EDIT-Il Sabato, 1993, pp. 336, 338.

No início desta história particular reside o método de cada momento do percurso sucessivo. Mas justamente porque a verdade se tornou presente segundo este método – um revelar-se histórico –, na história ela pode perder sua evidência, seu fulgor, pode enfraquecer-se ou ser esquecida. A razão disto foi-nos lembrada por Bento XVI na *Spe salvi*: «Um progresso por adição só é possível no campo material. [...] Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e [...] deve ser incessantemente conquistada para o bem. A livre adesão ao bem nunca acontece simplesmente por si mesma».³⁹

Quem, quando decai, nos momentos mais lúcidos não surpreende em si mesmo o desejo de ser tomado novamente? Como isto pode ocorrer? Para responder, nada pode ajudar-nos mais do que a nossa identificação com Deus, com a trepidação de Deus, que quer atrair-nos para que a vida de cada um de nós não se perca e que usou toda e qualquer circunstância da história de Seu povo para fazer cada vez mais conhecido. Voltemos por isso ao início, para aprendermos de novo o que julgávamos já saber.

Não pude rere as páginas de von Balthasar, de *O compromisso do cristão no mundo*,⁴⁰ republicado recentemente, sem ter nos olhos a urgência desse retorno às origens. Talvez a consciência, amadurecida em muitas ocasiões, de que não adianta já saber ou ter experimentado algo num dado momento para que continue presente, nos torne mais disponíveis, mais atentos a deixar-nos surpreender por como Deus fez e faz as coisas.

1. O início: um ato de eleição

«Todos os povos antigos têm seus deuses, mas o deus de Israel distingue-se de todos os outros pelo fato de, em primeiro lugar, criar com um ato de eleição, único, [...] o povo que o adora. [...] Nos primórdios de tudo está primeiramente a livre iniciativa divina [...]. “O Senhor compadeceu-se de vós e vos escolheu, não porque éreis um povo mais numeroso do que todos os outros povos [...], mas porque o Senhor vos ama”.»⁴¹

É pela experiência de ser escolhido que se pode conhecer a Deus. Expressa-o de maneira luminosa o diálogo de Moisés com Deus: «No entanto me disseste [diz Moisés dirigindo-se a Deus]: “Eu te conheço pelo

³⁹ Bento XVI, Carta encíclica *Spe salvi*, 24.

⁴⁰ Somente em italiano. H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*. Milão: Jaca Book, 2017.

⁴¹ H. U. von Balthasar, “Significato dell’antica Alleanza”. In: *Ibidem*, p. 31.

nome e tu mesmo gozas do meu favor”. Se é, pois, verdade que gozo de teu favor, faze-me conhecer teus caminhos, para que te conheça e assim goze de teu favor».⁴²

Conhecer significa gozar do favor d’Ele, ser preferido por Ele: «O anjo, então, disse: “Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus”...»⁴³ É a preferência, a iniciativa que Deus toma, não uma capacidade do homem o que fundamenta a possibilidade de conhecê-Lo e de conhecer-se. Cada um de nós, a face de cada um de nós é essa preferência, esse gesto absolutamente único de preferência. Como diz von Balthasar: «O amor que Deus me tem faz de mim o que eu sou em verdade e definitividade: estabelece o Eu que Deus quer ver na Sua frente e ter para Si, dirigido a Si. O amor que escolhe torna pessoa irrepitível o vago “Sujeito” ou “Indivíduo” que o homem seria em si mesmo. Deus é absolutamente único e, enquanto me concede Seu amor que escolhe, nesse raio torna-me único também a mim».⁴⁴ Que impressionante ouvir estas coisas!

«A livre escolha e iniciativa de Deus são [portanto] a forma concreta em que a graça aparece entre os homens. Poder-se-ia crer que essa imotivada, soberana ação de Deus a caracterize como um poder soberano arbitrário e com isso reduza o homem a servo condenado à mera obediência, mas a livre escolha não é antes de tudo demonstração de poder, mas de amor.» A finalidade da Sua graça não é tornar o homem escravo de um novo poder, mas a sua libertação. «A ação de Deus é a minha libertação. Que Ele me tenha livrado da casa da escravidão do Egito não pode ter a finalidade de me conduzir a uma nova escravidão, na submissão a Yahweh, mas sim conduzir-me, pelo seguimento do Deus livre, à minha [...] liberdade. O fundamento da eleição: a liberdade de Deus tem de coincidir com a finalidade da eleição, que é a participação na própria liberdade de Deus.»⁴⁵

Como o homem faz – isto é, cada um de nós – para verificar se estas são palavras ao vento ou se é verdade que a finalidade da iniciativa de Deus é a própria libertação? A resposta a esta pergunta caracteriza a revelação de Deus na história: a verificação da promessa de libertação feita por Deus é a nossa participação na própria liberdade de Deus. Eu sei que conheço a Deus porque me torna livre. Mas com uma condição: acolhê-lo. É necessária a minha resposta, o meu acolhimento da Sua preferência, pois a minha liberdade não pode dar-se sem mim. Para me libertar, Deus precisa da

⁴² Ex 33,12-13.

⁴³ Lc 1,30.

⁴⁴ H. U. von Balthasar, “Significato dell’antica Alleanza”, op. cit., p. 38.

⁴⁵ Ibidem, p. 32.

minha liberdade. «Se o fato da escolha de Deus é primeiramente tal amor insondável, a resposta que espera, aliás, de que precisa, é [...] um “sim” que segue e obedece com docilidade e disponibilidade, [...] um “sim” que responda com gratidão a esse amor.» E só favorecendo a escolha é que o povo de Israel poderá ver o cumprimento da promessa: «Deus vai conduzir o povo para fora do Egito, vai fazê-lo atravessar o mar, vai fazer os perseguidores afogar-se, vai nutri-lo e saciá-lo milagrosamente no deserto. Passará como nuvem de fogo e de fumaça indicando-lhe as paradas: onde e quando a nuvem parar, lá o povo terá de acampar; quando se puser em movimento, aí o povo terá de desmontar as tendas e prosseguir seguindo sempre a Deus». É impensável que os dois fatores em algum momento possam inverter-se, e «que Israel assuma o comando e Deus siga atrás do povo. Docilidade e entendimento dos caminhos do Deus que faz a escolha são os primeiros dotes que se exigem de Israel. [...] Toda a obediência é educação para essa liberdade. “Sede santos como Eu sou santo”, bem compreendido [...] significa: “Sede livres como Eu sou livre”». Ser santos, ser livres significa então «depositar livremente a própria confiança na liberdade de Deus». ⁴⁶ É a condição pedida pelo Senhor para sermos realmente livres.

Mas isto implica – observa sabiamente von Balthasar – que o início jamais pode tornar-se passado. O início é «a fonte da qual nunca nos podemos afastar. Mesmo depois, logo depois, quando já houver as consequências, a premissa não poderá ser esquecida nem sequer por um segundo. A nossa liberdade é inseparável do fato de termos sido libertados». ⁴⁷

A nossa liberdade é inseparável do fato de termos sido constantemente libertados, tanto ontem como hoje: «Caro Carrón, acabo de passar por um período complicado. Houve um momento em que achei que seguir a Cristo não servisse mais e me afastei, achando que no fundo nada mudaria. Mas depois comecei a viver mal, tudo era insuficiente. E não é que eu não percebia todo aquele mal-estar e a minha tristeza, mas tinha medo de admiti-lo. Tinha medo de admitir que no fundo eu só preciso senti-Lo presente na minha vida, preciso d’Ele para aceitar circunstâncias que só têm de ser acolhidas. Não falo de uma aceitação resignada da realidade. Falo de uma maneira nova de encarar novas circunstâncias. Assim cedi, voltei e comecei a viver de novo. Se esta companhia falta, se Cristo presente falta, é impossível viver». Separados d’Ele, a nossa vida segue ladeira abaixo.

No momento em que nos assenhoramos da nossa liberdade, esquecendo que nos é dada instante após instante, nós a perdemos porque ela é

⁴⁶ Ibidem, pp. 32-33.

⁴⁷ Ibidem, p. 33.

inseparável do fato de sermos libertados. É isto o que nunca podemos esquecer. «Quando o Senhor teu Deus te introduzir na terra que teus pais [...] jurou dar-te, [...] cuida para não esquecer o Senhor que te tirou do Egito, casa da escravidão.»⁴⁸ Todo o intento pedagógico de Deus é precisamente conduzir o povo a esta consciência: nossa liberdade é inseparável do sermos constantemente libertados; por isso, dessa nascente que é a ação d’Ele, a preferência d’Ele, a presença d’Ele, nunca nos podemos afastar. Como tudo mudaria se tivéssemos consciência disto!

Se não identificarmos o método de Deus, se não reconhecermos o nexo entre a nossa experiência de liberdade e a iniciativa d’Ele, inevitavelmente nos deslocaremos da origem. Como? Dando-a por óbvia, tratando-a como algo já sabido. Mas o que é que fazemos com o já sabido diante das circunstâncias que nos perseguem? Damo-nos conta, porém, de que a tentação kantiana é também a nossa: afastar-se da fonte reduzindo a vida cristã a doutrina cristalizada ou a ética.⁴⁹ Mas a vida cristã é sempre um dom gratuito, livre, de Deus para nós, nasce sempre e de novo da Sua iniciativa presente, do Seu reacontecer agora; e afastarmo-nos dessa fonte, reduzindo-a ao que temos na cabeça, às nossas interpretações, significa voltar à escravidão, querendo ou não. Por isso, como dissemos ontem citando Dom Giussani, o erro fundamental é dar por óbvia a fé, dar por óbvio o ponto de origem de toda a novidade que experimentamos na vida.

Também sucumbe continuamente a essa tentação o povo de Israel. Em vez de acompanhar a obra de Deus no presente, seguir Sua indicação, decide agir por conta própria. É um consolo ver que, exatamente como nós, o povo de Israel teve de aprender, passo a passo, caindo continuamente, o método de Deus. É muito iluminador o caso do rei Saul. Totalmente determinado pelo medo com a iminente vitória dos filisteus, decide não esperar o profeta Samuel, como Deus lhe ordenara, e oferece ele mesmo o sacrifício. A situação apertada, os inimigos estão derrotando o povo, e então ele prossegue! Ao chegar, Samuel repreende Saul: «Agiste como um insensato! Não guardaste o mandamento que o Senhor, teu Deus, te havia prescrito.»⁵⁰ Saul não entendeu. Partindo da sua análise da situação, pensava que

⁴⁸ Dt 6,10-12.

⁴⁹ «Pode-se, de fato, tranquilamente acreditar que, se o Evangelho não houvesse ensinado primeiro as leis éticas universais em sua pureza integral, a razão não as teria conhecido em sua plenitude, se bem que agora, *dado que já existem*, cada um pode ficar convencido de sua correção e validade mediante apenas a razão » (I. Kant, “Lettera a F. H. Jacobi, 30 agosto 1789”. In: Idem, *Questioni di confine*. Gênova: Marietti 1820, 1990, p. 105).

⁵⁰ 1Sam 13,13.

já tivesse entendido o sentido do mandamento do Senhor, mas esqueceram-se de que o protagonista era Outro. Não interessava a Deus, com efeito, o sacrifício, mas sim que o povo começasse a entender e a confiar n'Ele.

É este o critério que permite verificar se o povo de Israel parte do acontecimento que se deu entre eles – a preferência de Deus, Sua iniciativa para com eles – ou de uma impressão das coisas: como encara o real. A história deles mostra que em muitas ocasiões a presunção de poder abrir por conta própria o caminho para a liberdade levou-os inexoravelmente para a escravidão. Também vale para nós. A comparação é imediata, e é experimentável na nossa pele: pretender abrir caminho para a liberdade a partir das nossas impressões ou análises conduz-nos sempre a alguma forma de escravidão.⁵¹

2. «Por estes fatos saberás que eu sou o Senhor»

Como é que o Senhor se dá a conhecer até o ponto de entrar nas entranhas do povo, tornando-se familiar? Por um método bem preciso: uma iniciativa contínua na história, que tem como objetivo fazer saber quem Ele é, não em termos de uma definição teórica, mas como Presença real, que toma conta de Seu povo. É marcante como a Bíblia vincula a experiência do povo de Israel ao conhecimento de Deus. Nenhuma abstração, nenhuma cristalização em doutrina, mas uma promessa que se torna realidade histórica. Trata-se de experiência pura, verificada, pois a experiência não é tal se não chegar até o reconhecimento da origem que a torna possível.

Deus dirige-se a Moisés: «Dize aos israelitas: “Eu sou o Senhor”». Como podem ver, como podem reconhecer isso? Eis a resposta: «Eu vos tirarei dos trabalhos impostos pelos egípcios, vos libertarei da escravidão e vos resgatarei com braço estendido e grandiosos castigos. Eu vos tomarei como meu povo e serei o vosso Deus. Assim sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos liberta dos trabalhos impostos pelos egípcios. Eu vos introduzirei na terra que, com mão levantada, jurei dar a Abraão, a Isaac e a Jacó, e vo-la darei em possessão – eu, o Senhor».⁵² No cumprimento da promessa, o povo tem a verificação de quem verdadeiramente é Deus: «Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou do Egito, da casa da escravidão».⁵³

É isto o que Israel aprendeu por experiência e deve guardar. Deus, com efeito, convida cada membro do povo a «guardar na memória [...] os pro-

⁵¹ Cf. H. U. von Balthasar, “Significato dell’antica Alleanza”, op. cit., pp. 33-34.

⁵² Ex 6,6-8.

⁵³ Dt 5,6.

dígios que realizei no meio deles. Assim sabereis que eu sou o Senhor». ⁵⁴ É só julgando essa ação de Deus, reconhecendo-a e conservando-a viva na memória, que ela poderá determinar a ação de cada um e do povo inteiro, constituir a origem de como estar diante de tudo. Toda a ética, de fato, toda a forma de pôr-se diante do real, «brota necessariamente do fundamento religioso», ou seja, dessa ação de Deus. Porque «não é a minha relação com Deus, mas sim a relação de Deus comigo. Sua ação salvífica fundamenta tudo, e esse tudo inclui concomitantemente a mim e ao meu povo». ⁵⁵

Por isso a liberdade do povo exprime-se numa resposta que nasce sempre diante da iniciativa de Deus e encontra nela sua origem: «Pois eu sou o Senhor que vos fez subir do Egito, para ser o vosso Deus. Sede pois santos, porque eu sou santo». ⁵⁶ Um convite que, como chamava a atenção von Balthasar, significa: «Sede livres como eu sou livre». Pois que Deus demonstrou-se tão verdadeiro, real, incidente, até o ponto de dar cumprimento à Sua promessa de libertação, os israelitas foram libertados da idolatria e podem ser livres: «Não vos volteis para ídolos», não tendes necessidade, «nem façais para vós divindades de metal fundido. Eu sou o Senhor vosso Deus». ⁵⁷

Outro ponto não nos deve escapar: o conhecimento de Deus não se dá apesar da rebelião do povo, mas passando por ela. O Senhor dá-se a conhecer justamente respondendo à rebelião e ao esquecimento, como aconteceu diante das murmurações de Israel. Deus usa essa ocasião para desafiar seu povo com uma nova iniciativa: «Eu ouvi as murmurações dos israelitas [diz a Moisés]. Dize-lhes: “Ao anoitecer comereis carne e amanhã cedo vos fartareis de pão. Assim sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus”». ⁵⁸ É a maneira constante pela qual Deus se dá a conhecer ao Seu povo. Disto «reconhecerão que eu, o Senhor, sou o seu Deus que os fez sair do Egito». E logo depois acrescenta: «Para morar no meio deles – eu, o Senhor, seu Deus». ⁵⁹

A finalidade é que a Sua presença se torne familiar – «morar no meio deles» – porque só o conhecimento progressivo de Deus, uma certeza cada vez maior da Sua presença, é que lhes permitirá enfrentar as circunstâncias sem medo: «Porque eu sou o Senhor [...] e digo: “Não temas”». ⁶⁰ Mas

⁵⁴ Cf. Ex 10,2.

⁵⁵ H. U. von Balthasar, “Significato dell’antica Alleanza”, op. cit., p. 38.

⁵⁶ Lv 11,45.

⁵⁷ Lv 19,4.

⁵⁸ Ex 16,12.

⁵⁹ Ex 29,46.

⁶⁰ Is 41,13.

ninguém deixa de temer só porque alguém lhe diz: «Não temas!» É preciso que tal presença tenha entrado nas entranhas do seu eu e se trate de uma presença que se demonstrou crível dentro de uma história. Só uma história vivida pode constituir, com efeito, a base adequada da confiança. Tudo o que Deus fez e faz é «para que saibas que eu sou o Senhor» e possas confiar n'Ele. Senão são palavras jogadas ao vento.

Portanto, em virtude de uma verificação contínua, o povo chega a conhecer cada vez mais quem é o seu Senhor: «Entrego-te até os mais secretos depósitos, e os tesouros subterrâneos. Tudo, para que fiques sabendo que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chamo pelo nome». ⁶¹ Deus esbanja tesouros e riquezas para Seu povo, para que este fique sabendo que Ele é o Senhor, para que possa conhecê-Lo cada vez mais por aquilo que é e possa familiarizar-se com Ele, abandonando-se confiadamente a Ele. E, por outro lado, é a própria familiaridade com Ele que torna acessíveis profundidades novas, escondidas à maioria, na relação com a realidade.

Infelizmente o povo de Israel normalmente não compreende, demonstra-se cego e obtuso. Como diz a comparação usada pelo Senhor: «O boi entende o seu proprietário, o burro conhece a cocheira de seu dono, só Israel não tem conhecimento, só o meu povo não entende!» ⁶² O povo de Israel não entende, enrijece-se continuamente em sua presunção, cede à tentação de agir por conta própria. Deus conhece muito bem as suas criaturas e sabe que se a Sua ação, a Sua iniciativa, não atingir o coração, ficará fora do homem, e este, por conseguinte, não O conhecerá por experiência – uma experiência íntima, pessoal, profunda, que já não possa ser apagada, que chegue a determinar a sua forma de viver o real –. Por isso, para fazer frente a esse obstáculo, Ele toma uma nova iniciativa: «A eles darei um coração capaz de me conhecer, pois eu sou o Senhor. Eles serão um povo para mim e eu serei Deus para eles, porque eles se terão voltado para mim de todo o coração». ⁶³ Assim «hão de reconhecer que eu sou o Senhor deles. Eu, então, hei de dar-lhes inteligência e ouvido capazes de entender». ⁶⁴

Deus vai estabelecer com Seu povo uma nova aliança, que chegue até ao coração: «Esta é a aliança que farei com a casa de Israel a partir daquele dia – oráculo do Senhor, colocarei a minha lei no seu coração, vou gravá-la em seu coração». ⁶⁵ «Eu vos darei um coração novo e porei em vós

⁶¹ Is 45,3.

⁶² Is 1,3.

⁶³ Jer 24,7.

⁶⁴ Bar 2,31.

⁶⁵ Jer 31,33.

um espírito novo»,⁶⁶ um coração que se deixe invadir e determinar pela Sua presença.

Os israelitas poderão reconhecer a novidade dessa aliança pela novidade de seus frutos, de acordo com o método com que Deus os educou a reconhecê-Lo presente; pelos frutos saberão quem é o Senhor. «Naquele dia farei desabrochar uma força para a casa de Israel e te darei a coragem de falar no meio deles. Assim saberão que eu sou o Senhor.»⁶⁷ «Ó meu povo, vou abrir vossas sepulturas! Eu vos farei sair de vossas sepulturas e vos conduzirei para a terra de Israel. Ó meu povo, quando abrir vossas sepulturas e vos fizer sair delas, sabereis que eu sou o Senhor»,⁶⁸ de modo que já não vivereis as circunstâncias como uma tumba.

Deus toma uma iniciativa nova para derrotar o formalismo com que o povo se relaciona com Ele. «Disse o senhor: “Esse povo me procura só de palavra, honra-me apenas com a boca, enquanto o coração está longe de mim. Seu temor para comigo é feito de obrigações tradicionais e rotineiras. Por isso mesmo continuarei a provocar espanto a esse povo, com um grande e espantoso milagre. Aí a esperteza dos seus sábios se perde, e a clareza dos inteligentes se apaga”.»⁶⁹ Se a relação com Deus é formal – de palavra e com a boca –, o povo não conhece o Senhor; seu coração, que é o órgão de conhecimento e adesão, fica longe d’Ele; a relação com Ele fica reduzida a obrigações tradicionais e rotineiras. Impressionante! Mas isto não detém o Senhor, que novamente toma a iniciativa – «Continuarei a provocar espanto a esse povo, com um grande e espantoso milagre» –, de tal modo que o maravilhamento novamente seja possível, e assim Israel O conheça de verdade e possa n’Ele confiar. A via não será a dos «sábios» e dos «inteligentes». «Aí a esperteza dos seus sábios se perde, e a clareza dos inteligentes se apaga.»

Estamos no alvorecer de um novo dia.

3. «Radicalização» do compromisso de Deus com o homem

O que Deus fez para nos ajudar a vencer o formalismo, essa distância em que o nosso coração O mantém e a que tantas vezes sucumbimos? O que fez para facilitar o conhecimento d’Ele? Tomou uma iniciativa ousada: envolveu-se com o homem ao ponto de tornar-se homem Ele mesmo. É o

⁶⁶ Ez 36,26.

⁶⁷ Ez 29,21.

⁶⁸ Ez 37,12-13.

⁶⁹ Is 29,13-14.

acontecimento da Encarnação. Em Jesus, Deus tornou-se uma «presença afetivamente atraente»,⁷⁰ a ponto de desafiar como ninguém o nosso coração. Basta ao homem ceder à atração vencedora da Sua pessoa. Assim como acontece com o apaixonado: é a presença fascinante da pessoa amada que desperta nele toda a sua energia afetiva; basta-lhe ceder ao fascínio de quem está na sua frente. Eis por que os discípulos logo se apegaram a Jesus. E, quanto mais ficavam com Ele, mais se apegavam. Mas o apego deles «não era um apego sentimental», sempre nos disse Dom Giussani, «não era um fenômeno emocional». Era «um juízo de estima [...], uma maravilha de estima»⁷¹ o que lhes fazia apegar-se.

«Jesus era um homem como todos os outros, era um homem sem possibilidades de exceção à definição de homem; mas esse homem disse de si coisas que outros não diziam, falava e agia de uma maneira diferente da de todos. Sinal de todos os sinais. Sua realidade, uma vez conhecida, era sentida, olhada e tratada, por quem fora golpeado pela sua pretensão, como sinal de outra, remetia para outra coisa. Como fica claro no Evangelho de João, Jesus não concebia sua atração sobre os outros como uma referência última a si, mas ao Pai: a si para que Ele pudesse conduzir ao Pai.»⁷² É assim que Deus se deu a conhecer e continua a dar-se a conhecer. Jesus o diz sinteticamente: «Crede-me: eu estou no Pai e o Pai está em mim. Crede, ao menos, por causa destas obras».⁷³

Jesus insere-se nessa história da salvação em que o povo foi educado por Deus a reconhecer, pelas obras d'Ele, que Ele é o Senhor. O grande exegeta Schlier explica por que esse reconhecimento não é mecânico, mesmo com a nova e inaudita aproximação de Deus ao homem em Jesus: «As ações portentosas de Cristo, nas quais se manifestam as obras de Deus, essas ações ou obras são “sinais” em que o episódio remete a outra coisa que o transcende e em que ocorre concomitantemente revelação e velamento, de modo a só poderem ser reconhecidos por quem compreende seu caráter de manifestação, isto é, por quem apreende a glória de Deus que se manifesta nos mesmos episódios. Assim a multidão alimentada milagrosamente reconheceu em Cristo, com o prodígio, o “profeta” que “deve vir ao mundo” (Jo 6,14) e por isso quer fazê-Lo rei”. Mas Cristo fala dessa multidão: “Em verdade, em verdade, vos digo: estais me procurando não porque vistes sinais, mas porque comestes pão e ficastes saciados” (6,26).

⁷⁰ L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*. Milão: Bur, 2000, p. 247.

⁷¹ Idem, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. IX.

⁷² Idem, *L'uomo e il suo destino. In cammino*. Gênova: Marietti 1820, 1999, p. 129.

⁷³ Jo 14,11.

Eles, que tinham visto com seus olhos o sinal (a ação milagrosa de Cristo), não o reconheceram *como* sinal, como referência a outro sacramento e a outro pão». ⁷⁴ Não era suficiente verem Jesus realizar um prodígio para entender, como muitas vezes acontece também conosco.

Querendo introduzir-nos em tal compreensão, Jesus mesmo nos oferece o significado verdadeiro, completo, de Suas ações. De fato, Schlier escreve: «As obras de Cristo, sendo milagres, quer dizer, sinais, estão estreitamente ligadas às palavras do próprio Cristo. [...] O milagre desemboca na palavra. A palavra deita suas raízes no milagre. [...] Tanto as palavras como as ações são “testemunhos”. [...] De ambos, das obras e das palavras de Cristo, diz-se que manifestam (2,11; 9,3; 17,6)». O quê? O próprio Cristo. «Com as palavras e os milagres, Cristo manifesta, no fundo, a si mesmo. Suas palavras e seus milagres são revelação de si. [...] “As obras que eu faço em nome do meu Pai dão testemunho de mim” (10,25; cf. 5,36)». Cristo «dá testemunho de si e, em si, do Pai». ⁷⁵

O testemunho de Jesus atinge seu ápice na Sua doação ao Pai pelo mundo. «Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que “eu sou”...» E esse «Eu sou o Senhor» – que vimos repetir-se tantas vezes no Antigo Testamento – quem o diz agora é Alguém em cima da cruz, que acrescenta: «Nada faço por mim mesmo, mas falo apenas daquilo que o Pai me ensinou». ⁷⁶ Esta é a manifestação suprema do Senhor, que possibilita conhecer a Deus no sentido bíblico do termo.

A convivência tornou Jesus tão familiar aos discípulos que no fim O reconhecem. Quando se sentou para comer com eles nas margens do lago, depois da ressurreição, João anota em seu Evangelho: «Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar quem era ele, pois sabiam que era o Senhor». ⁷⁷

Com o dom de Si até a morte, chega a seu auge o compromisso extremo de Deus com o mundo. A radicalidade de tal compromisso é vista no tipo de liberdade completamente novo que esse mesmo compromisso possibilita. «Do compromisso definitivo de Deus com o homem em Jesus resulta a libertação definitiva da qual nos falam João e Paulo: “a liberdade não só em relação aos poderes políticos, senão que a todos os poderes cósmicos do destino, à limitação do pecado, ao alienar-se de Deus, à limitação de defender-se, de agredir, de assassinar, à decadência no que é vão, efêmero e, enfim, à morte”: todos esses poderes ficam “paralisados”, “fora do cami-

⁷⁴ H. Schlier, *Riflessioni sul Nuovo Testamento*. Bréscia: Paideia, 1976, pp. 334-5.

⁷⁵ *Ibidem*, pp. 335-6.

⁷⁶ Jo 8,28.

⁷⁷ Jo 21,12.

nho”, “sem poder” em sua força atuante», pela ação e pela atração vencedora de Outro. «E isto era possível – continua von Balthasar – só quando eram superadas não de fora ou do alto, mas de dentro, pelo fato de Deus esvaziar-se a si mesmo no Filho, tornando-se obediente até a morte.»⁷⁸

A nova liberdade doada põe em evidência a diferença entre a libertação política do Egito e esta libertação sem comparações, muito mais profunda do que a inicial, pois diz respeito a todos os poderes, desde o do pecado e do efêmero até o da morte. É isto o que testemunha a diferença de conhecimento sem fim a que fomos introduzidos. Por isso von Balthasar ressalta que «o compromisso de Deus “conosco” não está só numa comunicação externa, a nós mesmo desconhecida e complementar, de perdão dos nossos pecados, como alguns imaginam que seja o acontecimento da justificação. Antes, esse compromisso toca-nos mais profundamente no nosso núcleo pessoal». Torna-nos novos! Confere-nos uma «dignidade pessoal diante de Deus».⁷⁹

A novidade dessa liberdade perante poderes, alienações, pecados e efemeridades evidencia-se a quem aceita segui-Lo num percurso humano, dentro do qual se mostra cada vez mais clara a origem dessa novidade. Escutemos o relato desta nossa jovem amiga:

«Comecei o percurso como catecúmena no ano passado. Frequentei o ensino médio no Sacro Cuore, onde fui parar por puro acaso. Ficou marcado em mim o primeiro Tríduo Pascal de que participei. Eu ainda entendia pouco, mas estava atraída pela beleza daquela companhia de pessoas que estavam juntas de uma forma diferente. Como é possível reunir milhares de jovens de dezoito/dezenove anos para encontrarem um padre? Não era um *show*, não era um jogo de futebol, e mesmo assim estávamos todos lá, e as palavras que eu ouvia não me pareciam nada distantes de mim, pelo contrário: aquele padre desconhecido falava de mim. Ali comecei a perceber a grandeza do encontro que fiz, e embora fosse difícil identificá-lo com Cristo, começou a me deixar muito fascinada. Naqueles anos de colegial, Jesus me deu como Seu rosto humano uma grande amiga, Lucia. O olhar que tinha para mim me deixava cada vez mais curiosa. Chegando à universidade, procurei inicialmente alguém do Movimento, mas depois abandonei tudo. Pensei que aquilo que tinha encontrado não era tão verdadeiro assim, ou pelo menos não era o bastante para a minha vida, e que até poderia viver sem isso. Em fevereiro, depois de umas férias em Amsterdã com

⁷⁸ H. U. von Balthasar, “Senso della nuova Alleanza”. In H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, op. cit., p. 40.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 41.

um grupo de amigos, voltei para casa muito triste, sentia-me vazia mesmo; lembro-me de ter chorado por uma semana inteira. Naquele momento voltei para a Escola de Comunidade e, tendo uma grande falta dentro de mim, encontrei pessoas com quem compartilhar a minha necessidade, e pouco a pouco voltei a ver aquela diversidade que tinha encontrado no colegial. Nestes anos junto dessa companhia de amigos, lentamente fui começando a intuir o que está na origem dessa companhia, o que quer dizer que esses amigos são a memória de Cristo. No ano passado, no fim de janeiro, depois de quatro meses de caritativa numa comunidade de acolhimento de menores em dificuldades, pedi para entrar nessa história. Toda vez, antes de começar o gesto da caritativa, lemos juntos *O sentido da caritativa*; um trecho diz que “eu não sei do que o outro verdadeiramente necessita, eu não posso medi-lo, não é uma coisa minha. É uma medida que eu não posso: é uma medida que está em Deus”; e depois ainda: “Justamente porque nós os amamos, *não é a nossa ação que os torna felizes*. [...] Somente um Outro poderá torná-los felizes. Quem é a razão de tudo? Quem é que fez tudo o que existe? Deus”. Aquelas duas horas na caritativa não ficavam ali, mas me ajudaram muito a ter um olhar mais terno para mim mesma em primeiro lugar, e depois na família e com os amigos. Essa mudança em mim é o que me atraiu totalmente. Vivendo nessa relação com Ele, tudo ganhou um gosto. Eu já nem me sentia eu mesma, passei a querer bem às pessoas perto de mim de uma maneira totalmente nova. Aquela beleza não podia ser fruto da minha capacidade. O Batismo [que recebeu no dia 31 de março, na noite da Vigília Pascal] é dizer “sim” a Cristo, com todo o meu desejo de ser completamente conquistada por Ele. Porque só Ele responde ao meu desejo infinito de ser amada. É dramático, porque sou humana e sou livre, todo dia é uma luta: mas esta saudade e ao mesmo tempo esta beleza são tão fortes, que só Ele é que pode criá-las. Surpreendo-me diante deste modo todo diferente e novo de viver. É vertiginoso pensar que estamos juntos “só” porque todos recebemos uma graça e decidimos caminhar juntos seguindo o nosso primeiro “sim”. Como é forte! Como é possível que eu, com o meu caráter forte, com todos os meus erros, com toda a minha pobreza, tenha na minha frente pessoas que me perdoam sempre e me olham como a um bem para elas? Como é que meus pais fizeram para se dar conta desta diversidade que se introduziu na minha vida? Acho realmente incrível o que Jesus pode criar se vivermos com Ele. Quando estou num período mais difícil, penso que esse encontro seja uma enganação, que preferiria viver “despreocupada e tranquila” como os meus colegas de classe. Mas depois, se penso seriamente, não renunciaria a ele por nada no mundo. Como poderia e aonde iria?»

Fatos como este, análogos aos que aconteciam quando Jesus caminhava pelas ruas da Palestina, são-nos dados para podermos, também nós, reconhecer no presente a Deus como o Senhor: «Eu sou o Senhor». Estas não são “historinhas”. São parte da própria história da salvação, que acontece agora. E, assim como no passado os israelitas podiam desinteressar-se delas, nós também podemos agora ficar indiferentes a esses fatos.

Como podemos, então, conservar uma liberdade em relação aos poderes, à alienação, ao efêmero? Só permanecendo na origem. Escutemos mais uma vez von Balthasar: «Em nenhum caso podemos voltar as costas à fonte [a garota da carta achava que podia viver sem aquele encontro, voltar as costas à fonte], ao ponto em que a graça de Deus tem origem, quase como se já fosse conhecida o suficiente como um objeto de saber ou um tesouro que passamos a possuir, que se pode usar no mundo e trocar por uma moedinha». Esta é a ilusão em que caímos com facilidade: achar que já sabemos, considerar que a origem seja já uma posse nossa, caindo assim na tentação de fazer por conta própria, abrindo mão do vínculo pessoal com ela, isto é, com a presença viva d’Ele, com o Seu acontecimento agora. Porém «a fonte é a boca de Deus [é a iniciativa atual, contemporânea de Deus], da qual nunca podemos separar a nossa boca. A fonte é o acontecimento permanente para o qual somos inseridos na verdade de nós mesmos com a possibilidade de aí permanecer».⁸⁰

Escreveu-me uma amiga: «Estou esperando muito estes Exercícios. Lendo a Página Um (“Um salto de autoconsciência”),⁸¹ identifiquei-me muito com o que você descreve, com o fato de acharmos que já sabemos e começarmos a andar com as “nossas próprias pernas”. Como você diz, é uma tentação sempre à espreita. Ao mesmo tempo, tenho bem presente na minha experiência a diferença abissal entre quando entro no meu dia e encaro situações difíceis ou circunstâncias boas com um Acontecimento nos olhos, de mãos dadas com uma Presença, e quando, ao contrário, aposto só em mim mesma. É justamente esta experiência que está me convencendo cada vez mais da imensa conveniência do cristianismo para a minha vida e para a vida de todos». É só isto o que pode convencer-nos. De fato, conclui: «Acho que nunca tive, em toda a minha vida, tanta certeza disto».

Então, «permanecer significa [...] permanência no recebimento de si mesmo pela graça e pelo compromisso de Deus [...]. A fonte é rica o bastante para fecundar toda a nossa ação terrena, se a mantivermos viva em

⁸⁰ Ibidem, p. 55.

⁸¹ J. Carrón, “Um salto de autoconsciência”, *Passos-Litterae Communionis*, n. 201, abr. 2018, pp. 15-22.

nós e jamais nos afastarmos dela. Só ela é a verdadeira fecundidade, pela qual a nossa [ação] será tão maior quanto mais intimamente nos mantermos perto dela: fonte que escorre para a nossa fonte pessoal, ação própria que se torna princípio de toda e qualquer ação nossa. Quanto mais ficarmos diante dela como criancinhas sem palavras, numa atitude de recebimento, mais poderemos abrir-nos, adultos e maduros, ao mundo numa atitude de doação». Naturalmente requer tempo para que a fonte entre nas nossas entranhas: «Temos de assimilar cada vez mais essa dimensão da prática cristã para não abandonarmos a origem de cada ação temporal. Só a assimilamos quando a pomos em prática conscientemente, ou seja, quando nos lembramos de forma sempre renovada da fonte originária, apartando-nos da distração mundana [cotidiana]. [...] A fonte escorre por toda a nossa pessoa mesmo quando estamos absorvidos pelos compromissos terrenos».⁸² Senão, como poderíamos vivê-los sem que nos dominem?

Portanto, assim como Jesus não pode separar-se do Pai (é deste seu vínculo com o Pai que Ele nos quer tornar partícipes, como dissemos no início), nós tampouco podemos separar-nos de Jesus presente e vivo e, por meio d’Ele, do Pai. «Jesus então deu-lhes esta resposta: “Em verdade, em verdade, vos digo: o Filho não pode fazer nada por si mesmo; ele faz apenas o que vê o Pai fazer. O que o Pai faz, o Filho o faz igualmente”».⁸³ O apego a Cristo presente pertence ao método escolhido por Deus para comunicar-se definitivamente aos homens, um método que não pode ser “superado”. De fato, não se trata de algo para “sabermos”, do qual – uma vez apreendido – podemos abrir mão, mas de uma presença presente para acolhermos, de um acontecimento que ocorre agora, com o qual temos de nos familiarizar. A Encarnação é o método escolhido por Deus para nos salvar: em Jesus, Deus tornou-se homem, e Jesus projeta esse método para toda a história, até o fim: «Em verdade, em verdade, vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou».⁸⁴ Com estas palavras, Jesus traça o caminho para o futuro, indica o modo para entrarmos em relação com Ele e, através d’Ele, com o Pai. É um convite que Ele nos dirige a cada um de nós hoje: sem isso, como poderíamos alcançar uma familiaridade com Cristo?

A esta altura, conseguimos compreender por que Giussani lamenta que o nosso caminho de pertencer ao Movimento não conduza a uma familiari-

⁸² H. U. von Balthasar, “Consequenze”. In: H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L’impegno del cristiano nel mondo*, op. cit., pp. 55-57.

⁸³ Jo 5,19.

⁸⁴ Jo 13,20.

dade com Cristo: dela depende a verdadeira mudança na nossa vida. «Essa mudança do ser é a presença de Outro.»⁸⁵ A mudança não coincide com uma coerência, mas com uma presença, com uma familiaridade vivida, como a de Jesus com o Pai. Sem ela, a mudança seria virtual e nada seria duradouro. Quando falta uma familiaridade com Cristo, perdemos o ponto de apoio para viver, para enfrentar as circunstâncias; ficamos presos, encurralados nas nossas impressões: a nossa forma de ficar no real não é determinada pelo acontecimento de Cristo, mas – como é para todos – pelos nossos preconceitos, pelos nossos esquemas. E – cada um de nós o verifica na própria pele, nas próprias experiências, todo dia, perante qualquer desafio, em qualquer circunstância – o “já sabido” não é suficiente para viver uma plenitude agora.

4. Onde se apoia a certeza

Só uma familiaridade com Cristo pode dar-nos a certeza de que precisamos. Senão, onde vamos procurar nossa consistência? «No que fazemos ou no que temos, o que dá na mesma. Assim, nossa vida nunca tem aquele sentimento [de] [...] certeza plena [...]. No máximo, chegamos à satisfação no que fazemos ou na satisfação em nós mesmos.» Imaginem o quanto dura! «E esses fragmentos de satisfação no que fazemos ou no que somos não trazem nenhuma felicidade e nenhuma alegria, nenhuma sensação de plenitude firme, nenhuma certeza e nenhuma plenitude.»⁸⁶

Nossa certeza pode apoiar-se só em «algo que aconteceu conosco, entrou em nós, foi encontrado por nós [...]. Nossa identidade, a consistência da nossa pessoa, a certeza do tempo coincide – literalmente “coincide” – com esse algo que nos aconteceu. Emmanuel Mounier, falando de sua filha doente, depois de ter dito “Algo nos aconteceu”, corrige-se e diz: “Alguém nos aconteceu” [...]. Alguém nos aconteceu, nos foi dado, dado a ponto de inserir-se na carne e nos ossos e na alma [de cada um de nós]: “Vivo, não eu, mas é esse [Cristo] que vive em mim”». Nós também, quando somos realmente “tomados”, fazemos a experiência de Maria, ou dos pastores ou dos Reis Magos: nossa identidade, nossa consistência está no que aconteceu. E isto implica abandonar a posição em que se está para deixar-se determinar pela presença de Outro, que nos preferiu antes ainda da nossa resposta. Esse “ser amados” «coloca um dado de fato irreversível» e «define o nosso valor no mundo».⁸⁷ Mas é preciso acolhê-lo.

⁸⁵ L. Giussani, *La familiarità con Cristo*. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2008, p. 27.

⁸⁶ *Ibidem*, pp. 25-26.

⁸⁷ *Ibidem*, pp. 26-28.

Pensemos no contragolpe que deve ter sentido o coração de Maria cada vez que «tomava consciência do que acontecera» e como «ruminava dentro de si o que acontecera». Imaginemos «o que sentiram os pastores, o que sentiam os Reis Magos [...]. O que acontecera evidenciava-se a eles como algo que queimava até a consciência da espera, que em primeiro lugar não era resposta à espera, mas era uma presença que invade». Para Maria, os pastores, os Reis Magos, «o que acontecera dominava seus olhos e seu coração, dominava a consciência deles mesmos. [...] Aquele menino era eles mesmos, era a identidade deles, a certeza deles, a plenitude deles, e já nem se lembravam do que tinha sido antes. Já nem se lembravam, perante aquele menino, de suas aspirações, e já nem sequer pensavam nelas, porque agora era aquele menino quem ditava tudo».⁸⁸ Foi assim que conheceram a Cristo: chegaram ao conhecimento d'Ele por experiência.

A prova de que a nossa vida é determinada pela certeza do que nos aconteceu é que nela dominam «a felicidade e a alegria», sinais inequívocos cuja raiz é a ternura. «Ternura», vejam bem, «não é satisfação com o sentimento que temos, mas abandonar-se, sentir-se tomado pelo amor que nos tomou, por Aquele que nos tomou. [...] É como quando a criança arregala os olhos e fica toda cheia do que vê e não tem espaço para dar ao sentimento que tem», esquece-se até mesmo de si; «ante o que vê, fica toda cheia do que vê. [...] O homem ama a si mesmo só por isso que tem na frente, em Cristo, nisso que tem na frente, nesse acontecimento». É esta a finalidade última de todo o agir de Deus. Porque nunca podemos ser tão plenamente nós mesmos como quando Ele prevalece. Que experiência Giussani deve ter feito dessa ternura de Deus para com a nossa carne, a ponto de dizer que ela é «um milhão de vezes maior, mais aguda, mais penetrante do que o abraço de um homem em sua mulher, de um irmão no irmão!»⁸⁹

Sabendo o quão facilmente escorregamos para o intelectualismo, Dom Giussani dirige-nos uma última advertência: «Estas coisas não se compreendem raciocinando, mas olhando [...] para a experiência», deixando-se tomar, atrair, fascinar «dentro da consciência dessa identidade entre mim e Ti, de Ti comigo, melhor, dentro da consciência desse acontecimento que se assentou em mim, desse “Tu que és eu”».⁹⁰

O silêncio é o espaço dado para olhar esse «Tu que és eu».

⁸⁸ Ibidem, pp. 30-31.

⁸⁹ Ibidem, pp. 32-33.

⁹⁰ Ibidem, p. 33.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 13,44-52; Sl 97; Jo 14,7-14

**HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL
PREFEITO DO DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA**

Caros irmãos e irmãs em Cristo,

Os Exercícios Espirituais são um tempo propício que o Senhor nos dá para pormos em foco a nossa vida interior. Para todos, sacerdotes e leigos, trata-se de recolocar “na frente dos olhos do nosso coração” o núcleo da nossa vida de fé e a vocação específica que o Senhor deu a cada um de nós. São estes os dois elementos dos quais temos de nos reapropriar nestes dias: o que me fez virar cristão e como eu sou chamado a “estar no mundo” como cristão? As duas coisas são inseparáveis: voltando ao núcleo fundamental da minha vida de fé, ao encontro originário com o Senhor Jesus, encontro também as razões profundas e as motivações mais nobres que devem animar-me na missão específica que o Senhor me confiou, como sacerdote ou como casado, como pai, como educador, como pessoa comprometida no mundo da escola, do comércio, da informação, da política, da promoção social e em qualquer outro emprego e atividade.

Sabemos bem que todos nós estamos expostos ao perigo de nos perder no dia a dia, de ser tragados pelas necessidades e pelas incumbências materiais que a vida coloca na nossa frente sem trégua, e assim, sem nos darmos conta, corremos o risco de viver semanas ou meses inteiros meramente “fazendo coisas”. O nosso “fazer” passa a predominar, mas o nosso “ser” empobrece. E então entramos num estado de sofrimento interior, porque o mero “fazer” não nos satisfaz, antes nos desgasta e deixa vazios, pois já não nasce da plenitude do que temos dentro, ou melhor, do que “somos” dentro, já não é expressão viva da nossa personalidade, das nossas convicções, da nossa sensibilidade; em uma palavra: da nossa humanidade *tocada* por Cristo, pelo Senhor Jesus, mas é, sim, só uma resposta passiva às circunstâncias da vida. É a experiência dolorosa, que normalmente fazemos, de termos perdido nosso “centro”. É dolorosa porque está bem naquele “centro” de nós mesmos, naquele “núcleo vital”; aí aconteceu o nosso encontro com Cristo, e aí, encontrando-O, nós encontramos também a nós mesmos, porque, como diz uma célebre frase do Concílio Vaticano II, «Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se

esclarece verdadeiramente». ⁹¹ Quando, pois, perco esse “centro”, habitado pelo meu eu mais autêntico e por “Cristo em mim”, então no meu íntimo florescem perguntas angustiantes: por que faço todas as coisas que estou fazendo?

O Evangelho da liturgia de hoje apresenta-nos uma confusão desse tipo também no apóstolo Filipe. O primeiro encontro com Jesus fora acompanhado pela certeza imediata de ter encontrado n’Ele a Verdade e a resposta à sua sede de sentido. Podemos deduzi-lo das palavras entusiasmadas que ele dirigiu a Natanael: «Encontramos Jesus, o filho de José, de Nazaré, aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, bem como os Profetas». ⁹² E ainda assim, algum tempo depois, como aparece no Evangelho de hoje, Filipe mostra-se muito menos seguro de si. Jesus acabou de tranquilizar os discípulos dizendo: «Desde já conheceis o Pai e o tendes visto», ⁹³ dando a entender que por meio d’Ele podem ter certeza de terem conhecido e visto também o Pai. No entanto, bem naquele momento, Filipe pergunta-lhe: «Senhor, mostra-nos o Pai, isso nos basta». ⁹⁴ Onde foi parar aquela “intuição interior” que Filipe tivera desde o começo a respeito de Jesus? Porventura seu coração não tivera a certeza inabalável de ter encontrado a Deus justamente naquele homem, naquele Jesus que conhecera na Galileia? Estes são os momentos de confusão que acontecem também conosco, quando a certeza de termos encontrado a Verdade em Jesus, e de que n’Ele Deus mesmo se fez presente na nossa vida, parecem arrefecer, quase como lembranças apagadas de um passado distante.

Eis então a graça dos Exercícios Espirituais. São o tempo que Deus nos oferece para impedir que o nosso eu se dissolva e, com ele e antes dele, a nossa fé que está na sua raiz. Mas perguntamo-nos: como nos reencontramos? Como devolver a vida à fé? Voltemos novamente ao Evangelho de hoje, na tentativa de achar uma resposta. Jesus capta a confusão de Filipe e, depois de o repreender docemente, dialoga com ele com muita misericórdia. Nesse momento de pouca lucidez do discípulo, abre-lhe o coração revelando-lhe o mistério mais íntimo de Sua pessoa: «Não acreditas que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?» ⁹⁵ Se Jesus irradia sabedoria, santidade, poder sobre o mal, clareza de julgamento e autoridade ao falar, é porque o Pai está presente n’Ele, e Ele mesmo vive sempre imerso no Pai.

⁹¹ Concílio Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et spes*, 22.

⁹² Jo 1,45.

⁹³ Jo 14,7.

⁹⁴ Jo 14,8.

⁹⁵ Jo 14,10.

«É o Pai que, permanecendo em mim, realiza as suas obras.»⁹⁶ A imanência recíproca do Pai e do Filho está na origem de toda a fecundidade e da plenitude de vida que a pessoa de Cristo irradia. Pensando bem, é essa mesma plenitude de santidade, de sabedoria e de inteligência da realidade o que nos falta, e por isso ficamos muitas vezes vazios e insatisfeitos. Pois bem, Jesus revela a Filipe que, pela fé, pode-se reproduzir em qualquer um de nós a mesma realidade que caracteriza o Filho: «Quem crê em mim fará as obras que eu faço».⁹⁷ Jesus revela que, como o Pai vive no Filho e atua n'Ele, assim, pela fé, o Filho pode viver em cada um de nós e atuar em nós. Mas a fé que faz «Cristo viver em nós», comunicando-nos Sua santidade e Sua sabedoria, não é uma autossugestão. É o acolhimento razoável do testemunho de homens e mulheres como nós que, antes de nós, encontraram a Cristo. Ela nasce, assim, do encontro pessoal e totalmente humano com os outros cristãos, nos quais Jesus vive e pelos quais Ele se faz presente também a nós. Os Atos dos Apóstolos, que escutamos na primeira leitura, dizem-nos que em Antioquia da Pisídia muitos pagãos, tendo cruzado com Paulo e Barnabé, tendo visto o jeito deles de ser e tendo escutado as palavras deles, «se alegraram quando ouviram isso, e glorificavam a palavra do Senhor. Todos os que eram destinados à vida eterna abraçaram a fé».⁹⁸ É a mesma alegria que floresceu em nós quando encontramos pela primeira vez pessoas que apresentavam uma humanidade inusitada, diferente, nova, que nos surpreendeu e fascinou, e quando descobrimos que a diversidade deles se devia justamente à presença de Cristo vivo neles. E a alegria que nos invadiu foi ainda maior quando descobrimos que essa «presença excepcional do divino no humano», ou seja, Cristo, era algo que satisfazia todos os desejos mais autênticos e profundos do nosso coração. E assim nos abrimos para a fé. Eis a tarefa que os espera nestes Exercícios: redescobrir a concretude e a beleza da presença de Cristo em vocês, e assim reencontrar-se a si mesmos.

Caríssimos, peçam nestes dias a graça de lembrar os rostos e as circunstâncias concretas pelas quais Cristo um dia veio ao encontro de vocês, e de ser gratos pelo dom da fé recebido naquele dia. Um dia, para alguns de vocês muito longe nos anos, para outros mais perto. E peçam a graça de compreender como, desde aquele dia, Cristo nunca mais se afastou de vocês, mesmo que vocês tenham perdido com frequência a consciência da proximidade d'Ele. Peçam que Deus Pai reavive em vocês aqueles dons do

⁹⁶ Ibidem.

⁹⁷ Jo 14,12.

⁹⁸ At 13,48.

Espírito Santo que lhes permitem identificar a presença de Cristo também hoje, nos desafios e nas circunstâncias determinadas que estão vivendo, nas pessoas ao seu lado, na família e no trabalho, na história de santidade que a Providência está construindo com vocês, usando até as misérias e as infidelidades. Peçam a graça de poder contemplar com olhos novos a Igreja e, na Igreja, aquela comunidade concreta de irmãos e irmãs que o Senhor pôs ao seu lado para sustentá-los nas vivências da fé. Jamais se esqueçam de que isto é para vocês o corpo de Cristo ressuscitado, onde vocês O encontram na escuta da Palavra de Deus, nos sacramentos, na oração comum, no testemunho da fé. E peçam a graça de se opor ao pecado com resolução e confiança em Deus. Com efeito, o pecado é o que destrói o tesouro mais precioso que temos: a presença de Cristo em nós! Que não nos aconteça perdê-Lo e, com Ele, a todos os benefícios da vida cristã. Conservar a presença de Cristo em nós, esta é a maior ajuda que podemos dar ao mundo! O Papa Francisco faz este convite em sua recente Exortação Apostólica sobre a santidade: «Permite-Lhe [ao Espírito Santo] plasmar em ti aquele mistério pessoal que possa refletir Jesus Cristo no mundo de hoje. Oxalá consigas identificar a palavra, a mensagem de Jesus que Deus quer dizer ao mundo com a tua vida».⁹⁹ Ser um reflexo de Cristo para os outros, ser uma palavra de Deus para o mundo! Somos todos chamados a isso! Se Cristo viver em nós, então todos, mesmo quem não crê ou é abertamente hostil a nós, receberá grandes benefícios, pois todo mundo está à espera dessa «palavra de Deus» para si. E essa «palavra de Deus» é você!

Jesus diz no Evangelho de hoje: «Se pedirdes algo em meu nome, eu o farei»;¹⁰⁰ não diz: «Sereis satisfeitos por Deus», mas: «Eu o farei», querendo dizer: «Eu mesmo o farei em vocês». Isto quer dizer que a missão confiada ao Filho pelo Pai para a redenção do mundo, Ele quer cumpri-la por meio de nós. Peçamos, então, na oração, que Cristo cumpra em nós a Sua obra, que leve à perfeição em nós os seus desígnios e faça da Fraternidade, nascida do carisma de Dom Giussani, um sinal vivo do imenso amor que Deus tem por todos os homens, para poderem, por meio de vocês, conhecer a perene novidade de Cristo, único salvador nosso, única fonte de felicidade para o mundo.

⁹⁹ Francisco, Exortação apostólica *Gaudete et exultate*, 23-24.

¹⁰⁰ Jo 14,14.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Eminência caríssima, em nome de cada um dos presentes e de todos os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, de-sejo agradecer-lo de coração por ter aceitado presidir esta Eucaristia durante os nossos Exercícios Espirituais anuais. Agradecemos por suas palavras e por ser testemunha viva da caridade e da solicitude do Papa Francisco, que nós desejamos seguir com tudo de nós mesmos, indo confiantemente ao encontro dos nossos irmãos homens, sobretudo os mais necessitados, nestes dias tão difíceis e ao mesmo tempo tão cheios da esperança de um novo início. Obrigado!

Cardeal Farrell. Obrigado. E obrigado a todos vocês. O que eu disse no meu italiano muito especial é que vocês têm de ser, vocês são a presença de Cristo no mundo. Não há outro sinal da bondade de Deus, da misericórdia de Deus, do amor de Deus, senão o que passa por meio de nós. Qual é então a nossa tarefa para os próximos anos? Ser a presença real de Cristo no mundo.

* * *

Regina Coeli

Sábado, 28 de abril, tarde

Na entrada e na saída:

Antonín Dvořák, *Trio n. 4 em mi menor, op. 90, “Dumky”*

Trio Prague

“*Spirto Gentil*” n. 26, *Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo-Universal*

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«*Bem-aventurados os olhos que veem o que vós vedes*»

Como vocês devem ter sabido, nesta madrugada o pequeno Alfie morreu.¹⁰¹ O Papa acabou de publicar este *tweet*: «Fiquei profundamente tocado pela morte do pequeno Alfie. Hoje rezo especialmente por seus pais, enquanto Deus Pai o acolhe com seu afetuoso abraço».

Fiquemos de pé e façamos uma oração.

Glória ao Pai...

Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam.

1. Por que temos tanta dificuldade em reconhecer Cristo presente?

O percurso que fizemos esta manhã mostrou-nos as inumeráveis iniciativas de Deus para fazer penetrar no coração dos homens o que deveria ser evidente à razão: «O Senhor é tudo». Às dificuldades que vimos aparecer no decorrer dessa história, nos nossos dias acrescentou-se outra, que torna o caminho ainda mais trabalhoso. Na encíclica *Lumen fidei*, o Papa Francisco sintetiza a natureza de tal dificuldade: «A nossa cultura perdeu a noção desta presença concreta de Deus, da sua ação no mundo; pensamos que Deus se encontra só no além, noutra nível de realidade, separado das nossas relações concretas. Mas, se fosse assim, isto é, se Deus

¹⁰¹ Depois de polémicas e confrontos, apelos e recursos nos tribunais, no dia 28 de abril de 2018 chega a seu epílogo a batalha de Alfie Evans, o menino de 23 meses que estava sendo tratado em Liverpool de uma grave doença neurodegenerativa de difícil diagnóstico. O juiz da Alta Corte inglesa estabeleceu o desligamento dos aparelhos que o mantinham vivo.

fosse incapaz de agir no mundo, o Seu amor não seria verdadeiramente poderoso, verdadeiramente real e, por conseguinte, não seria sequer verdadeiro amor, capaz de cumprir a felicidade que promete. E, então, seria completamente indiferente crer ou não crer n'Ele».¹⁰²

Dom Giussani já nos tinha advertido desta dificuldade há muitos anos. Por «ser difícil viver dentro de um contexto geral sem ser influenciado por ele», é preciso tomar consciência da realidade em que vivemos, do momento cultural em que nascemos: «Nós mesmos participamos da mentalidade segundo a qual Deus é concebido abstratamente ou esquecido ou até negado. Assim, na prática, existencialmente», continua Dom Giussani, «nós chegamos a negar que “Deus é tudo em tudo”»,¹⁰³ mesmo se nos reconhecemos do lado dos que afirmam a existência d'Ele.

E como é que foi ganhando espaço, na nossa história, essa negação da presença concreta de Deus na realidade? «A *negação* do fato de que “Deus é tudo em tudo” deriva de uma irreligiosidade estranha à formação dos povos europeus.» Tal irreligiosidade «começa, sem que ninguém perceba, de uma separação que se dá entre Deus como origem e sentido da vida (portanto pertinente às coisas que acontecem, ao dia a dia do homem) e Deus como fato de pensamento».¹⁰⁴ Portanto, no início da negação há uma separação: uma separação entre Deus e a experiência. Todo o percurso desta manhã não era um preâmbulo, uma preliminar do discurso. Era, isso sim, a tentativa de mostrar de que forma Deus se fez presente como «o Senhor» pelas suas obras na história, a fim de que os homens não O separassem de sua experiência.

Mas – cuidado – a raiz dessa separação está numa certa forma de conceber a relação entre razão e experiência, num certo uso da razão. Dom Giussani diz: «A substância da questão esclarece-se na luta que se trava sobre a maneira de entender a *relação entre razão e experiência*». Na experiência, a realidade – «uma realidade que nos é dada, com a qual deparamos, [que] não é criada por nós» – mostra-se ao nosso olhar humano. O que é, então, a razão? «É aquele nível da criação em que ela é consciente de si [...]. Essa autoconsciência gera a definição de razão».¹⁰⁵ Pois bem, foi precisamente isto o que se deteriorou: a razão, em vez de ser consciência da realidade que se mostra na experiência, tornou-se “medida” da realidade; a razão começou a impor à experiência as próprias fronteiras, a submeter a experiência às próprias “medidas”.

¹⁰² Francisco, Carta encíclica *Lumen fidei*, 17.

¹⁰³ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 105.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ *Ibidem*, pp. 106-8.

Para redescobrir que «Deus é tudo em tudo», é necessária, portanto, em primeiro lugar, «a retomada cordial da palavra “razão”, que é a palavra mais confusa no dicionário moderno». Se se usa mal a razão, com efeito, fica comprometido todo o nosso caminho de consciência. Vemos isto pelas consequências que produz. «Se se usa mal a razão, se se usa como medida, ocorrem [...] três possíveis reduções graves que influenciam todos os comportamentos»¹⁰⁶ e têm consequências no próprio modo como concebemos e vivemos o cristianismo, ou seja, na nossa relação com o que encontramos. Começemos pela primeira.

a) *Em vez de um Acontecimento, a ideologia*

A primeira redução diz respeito à grande alternativa na relação com a realidade: o ponto de partida – como dissemos na Jornada de Outubro – é o que acontece ou é uma impressão nossa, um preconceito. «Sem que o homem perceba, é como se irrompesse em seu julgamento sobre as coisas um discurso já ouvido, algo que experimentou, ou seja, um preconceito»; parte-se de um preconceito, em vez de partir «da factualidade, da supremacia do nosso existir, das coisas como ocorrem, das coisas com que deparamos»,¹⁰⁷ dos acontecimentos.

Partir do preconceito e não de algo que acontece, quer dizer, a influência racionalista, reflete-se na forma de entender o cristianismo, opera uma redução da sua natureza: o cristianismo já não é «uma passagem dia a dia da Presença [...], do Fato original, mas é a sua redução a um *a priori* abstrato». ¹⁰⁸ Quando o cristianismo «é passado como concepção, como doutrina, como maneira de conceber e de tratar, até mesmo o cristianismo se converte numa ideologia». ¹⁰⁹ Que interesse têm essas coisas, que Dom Giussani nos diz, para a vida? São decisivas, porque quando o cristianismo é reduzido a ideologia já não é capaz de mudar a vida, de dar forma à relação com a realidade. E então podemos saber tudo, mas ficamos sufocados no real. É um risco que nos concerne: podemos reduzir o Movimento ao “já sabido”, a uma ideologia, a um discurso dominado por nós, ou seja, podemos substituir o Acontecimento com o nosso preconceito. Todo mundo, querendo ou não, testemunha isso na maneira com que se move na realidade.

¹⁰⁶ Ibidem, pp. 108-9.

¹⁰⁷ Ibidem, pp. 109-11.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 67.

¹⁰⁹ L. Giussani, “Acontecimento e responsabilidade”, *Litterae Communionis*, n. 4 mai./jun. 1998, p. 24.

Uma de vocês escreveu: «Um dia cheguei à noite muito triste e amargurada por uma situação particular do trabalho. Cansada, pegando o texto da Jornada de Outubro, eu li: “O ponto de partida do cristão é um Acontecimento. O ponto de partida dos outros é uma determinada impressão das coisas”. Para mim, naquele dia, o Acontecimento não foi nem o último dos meus pensamentos. Simplesmente não pensei!» Essa circunstância a fez perguntar «por que é que nem tinha passado pela cabeça», por que é que estava arrancado da experiência, da forma como se relacionava com o real, e «o que queria dizer que para o cristão o Acontecimento é o ponto de partida de toda relação». Para responder a essas perguntas começou, então, a olhar para a própria experiência e notou que «há circunstâncias, mesmo muito difíceis e problemáticas, em que estou aberta e disponível ao Mistério. Enfrentando-as não me sinto cansada, não fico abatida; antes, tenho mais certeza de quem sou e de Quem conduz a minha vida. A diferença, na maneira de encarar as circunstâncias, está então no fato de eu ficar, em algumas delas, totalmente desarmada e a única posição possível ser o pedido. Sou pobre. Em outras eu já sei, sei o que é certo, o que é preciso fazer. Ter entendido isto abriu um buraco no significado da pobreza. Eu vi a relação entre pobreza e Acontecimento. Só um espírito necessitado, aberto, pode reconhecer o Acontecimento que está acontecendo agora». Só quando nos reconhecemos pobres, só quando temos necessidade, é que nos damos conta do que está acontecendo na nossa frente.

Tudo muda quando o cristianismo é o acontecer de Cristo, um acontecimento, quando não é reduzido a um discurso, mas é um fato na nossa vida.

Uma professora, que admite ter tudo (duas filhas lindas, um bom companheiro de vida, um certo bem-estar econômico, saúde, viagens, etc.), ficou impressionada com a diversidade de uma colega do Movimento: mesmo tendo tudo, «falta-lhe» algo que essa colega tem «em abundância». A professora ficou marcada principalmente com o fato de a colega do Movimento ter conseguido ficar em paz no meio de tantos problemas sofridos e ainda ser capaz de olhar positivamente até para pessoas que lhe fizeram mal. Assim, a nossa amiga a convidou para participar da vida do Movimento, e ela foi a uma assembleia sobre os Exercícios, leu o livrinho e depois foi à Jornada de Outubro; isto a mudou tanto, que deixou o marido e os amigos impressionados. Até os seus alunos lhe perguntaram o que estava acontecendo com ela. Ter estado diante de tamanha mudança não deixou indiferente a colega do Movimento, que me escreveu: «Se para essa mulher é um início, é um início também para mim, porque me contagia, devolvendo-me a simplicidade do encontro. Desejo estar com ela porque vejo Cristo acontecer em seu rosto, em seu maravilhamento, em sua alegria. E é fácil dizer “Tu”, fica muito fácil.

No outro dia, no grupo de Escola de Comunidade, entramos de um jeito e saímos de outro, todos felizes, muito felizes. Era evidente que Cristo estava presente, acontecia nela e contagiava também a nós: acontecia também em nós porque estávamos vendo acontecer. Acontece! Só precisa estar atento para vê-lo. Também percebo que, como você disse no texto da Jornada de Outubro, podemos assumir posições diferentes perante o que acontece, podemos até dizer: “Que bom, é o início dela”, e imediatamente analisá-lo, em vez de olhá-lo, reconhecê-lo como o método escolhido por Deus para comunicar-se neste momento preciso. Quando, porém, ficamos, mesmo só um pouquinho, lá onde acontece, é muito difícil subtrair-se ao contágio. Que é uma coisa muito simples. No início foi assim!»

Atenção, não nos confundamos: o acontecimento não é uma emoção que provamos. «Quería comunicar um incômodo que identifiquei na Escola de Comunidade», escreveu um de vocês, «porque parece que a gente tende a identificar o acontecimento com qualquer coisa que produza em nós uma emoção, quer um dia bom, quer “um café em companhia” (todas as vezes que a nossa companhia nos faz ficar bem), quer uma gentileza recebida por parte de alguém. Na minha experiência, eu só reconheço o acontecimento cristão hoje quando vejo, no que está acontecendo, os traços inconfundíveis de Jesus, ou seja, reconheço que o que está acontecendo é possibilitado por Jesus de Nazaré, nascido de Maria há dois mil anos, morto, ressuscitado e vivo hoje, porque senão essa coisa não seria humanamente possível. E quem disse que obrigatoriamente tem de se tratar de uma coisa excepcional? Pode ser também um gesto simples, uma gratuidade que, contudo, dado o contexto, se mostra realmente excepcional, ou então a capacidade de recomeçar toda manhã onde a vida que quebra as pernas poderia produzir só cinismo e ceticismo».

O que têm em comum essas cartas? A vitória sobre a abstração. O cristianismo não é um *a priori* abstrato que se hospeda na mente deles, mas um Fato, como há dois mil anos, para olharmos e seguirmos, que nos contagia e muda. Como essas pessoas conheceram a Cristo? Pelo Seu acontecer na experiência, diante dos olhos delas.

Como então é possível sair da ideologia, da redução do cristianismo a ideologia? Só graças ao reacontecer do acontecimento de Cristo aqui e agora. É só a reproposta do cristianismo como acontecimento é que nos pode impedir de cair no preconceito, na ideologia.

b) *Redução do sinal a aparência*

Quando na relação com a realidade o ponto de partida são os nossos preconceitos ou a ideologia, diz Dom Giussani, determina-se uma segunda re-

dução: a do sinal a aparência. A ideologia sufoca, suprime a provocação da realidade. «Se o homem cede à ideologia dominante, [...] verifica-se [...] uma separação entre sinal e aparência; disto se segue a *redução do sinal a aparência*. Quanto mais se tem consciência do que o sinal é, mais se entende [...] o desastre de um sinal reduzido a aparência. O sinal [como sempre dissemos] é a experiência de um fator presente na realidade que me remete a outro. O sinal é uma realidade experimentável cujo sentido é outra realidade.»¹¹⁰

Cada um de vocês pode entender imediatamente a natureza do desastre do qual Giussani fala: pensem se seu filho reduzisse a aparência cada gesto que vocês, pais, fazem em relação a ele! Se se detivesse no que aparece, ele não o perceberia como sinal de algo mais, do amor de vocês por ele. «Não é razoável, mas todos os homens são levados, pelo peso neles do pecado original, a ser vítimas do aparente, do que aparece, pois parece ser a forma mais fácil da razão. Uma determinada atitude de espírito faz aproximadamente assim com a realidade do mundo e da existência (as circunstâncias, a relação com as coisas, uma família para cuidar, os filhos para educar...): acusa o golpe, mas detendo a capacidade humana de adentrar-se na procura pelo significado, à qual inegavelmente o próprio fato da nossa relação com a realidade solicita uma inteligência humana.»¹¹¹

Neste contexto, Giussani cita Finkelkraut, que, referindo-se a Hannah Arendt, observa: «A ideologia [...] não é a aceitação ingênua do visível, mas sua destituição inteligente».¹¹² E Giussani comenta: «A ideologia é a destruição do visível, a eliminação do visível como sentido das coisas que ocorrem, o esvaziamento do que se vê, se toca, se percebe. Assim já não se tem relação com nada».¹¹³

Todos sabemos o quão facilmente nós mesmos escorregamos para essa «dstituição» do visível, para o esvaziamento do que ocorre, pelo qual nada nos fala, tudo fica achatado. Até os sinais mais clamorosos são reduzidos a aparência. Não somos os únicos, temos ilustres predecessores.

Os discípulos tinham sido testemunhas de dois sinais realmente espantosos de Jesus: duas multiplicações dos pães. Mas alguns dias depois, na forma como reagem, vem à tona a redução que tinham feito – talvez inconscientemente, como se dá conosco – daqueles fatos. «Tinham-se esquecido de pegar os pães e traziam consigo no barco nada mais que um

¹¹⁰ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 112.

¹¹¹ *Ibidem*, pp. 112-3.

¹¹² A. Finkelkraut, *L'umanità perduta. Saggio sul XX secolo*. Roma: Editoriale Atlantide, 1997, p. 88; cf. H. Arendt, *Le origini del totalitarismo*. Milão: Edizioni Comunità, 1996, pp. 645, 649.

¹¹³ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 113.

só pão.» Jesus advertia-os, dizendo-lhes que tomassem cuidado com o fermento dos fariseus e o de Herodes. Eles entenderam que Jesus estava falando assim porque só tinham um pão. «Começaram então a discutir entre si, porque não tinham pão.»¹¹⁴ Não perceberam a redução que tinham feito. Evidentemente o milagre da multiplicação dos pães não se tornara uma oportunidade para fazerem experiência de Cristo, para aumentarem o conhecimento que tinham d'Ele. Pela forma como discutiram sobre a falta dos pães, vê-se de fato que, tendo-se detido na aparência, não tinham entendido quem era aquele homem que estava lá com eles. Atenção, porque neste caso não vale a justificativa que normalmente usamos: «Se estivesse na nossa frente – pensamos –, a aparência não levaria a melhor e seria fácil reconhecer Cristo». Neste episódio do Evangelho, Jesus está lá com eles no barco, em carne e osso. Mas essa Sua presença não os leva a parar de discutir: Jesus estar no barco é irrelevante em relação à preocupação deles sobre a falta de pão. É impressionante!

Como é que Jesus, então, os ajuda a crescer, a sair da redução do sinal a aparência? Não realiza outro milagre – já tinham visto muitos e não tinham entendido, de que adiantaria fazer outro? – e tampouco lhes explica quem Ele é. Jesus estimula-os a não parar na aparência, desafiando-os com perguntas. É vital ver como Ele se comporta. «Percebendo [a discussão deles], Jesus perguntou-lhes: “Por que discutis sobre o fato de não terdes pães? Ainda não entendeis, nem compreendeis? Vosso coração continua endurecido? *Tendo olhos, não enxergais, e tendo ouvidos, não ouvis?* Não vos lembrais? Quando reparti cinco pães para cinco mil pessoas, quantos cestos recolhestes, cheios de pedaços?” – “Doze”, responderam eles. “E quando reparti sete pães com quatro mil pessoas, quantos cestos recolhestes, cheios de pedaços?” – “Sete”, responderam. Jesus então lhes disse: “E ainda não entendeis?»¹¹⁵ Desta forma, Jesus desafia-os a ir até o fundo no que viram, para trazerem à tona o conhecimento d'Ele a partir da experiência feita. Educa-os a olhar em profundidade para o que tinham visto e estavam vendo. Senão teriam continuado a reduzir qualquer outro milagre que Ele fizesse.

Jesus então provoca os discípulos a um uso pleno da razão: é isto o que lhes serve para não reduzirem o sinal a aparência. E um uso pleno da razão implica uma posição de abertura («aquela abertura viva ao objeto que se torna afeição»),¹¹⁶ que é a posição original em que fomos criados. Por isso,

¹¹⁴ Mc 8,14-16.

¹¹⁵ Mc 8,17-21.

¹¹⁶ S. Alberto; J. Prades; L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 30.

diz Dom Giussani, «o coração do problema cognoscitivo do homem não [está] [...] numa capacidade particular de inteligência. [...] O centro do problema é realmente uma posição justa do coração, [...] uma moralidade»:¹¹⁷ em vez de um coração endurecido, de pedra, que não se deixa tocar por nada e por ninguém, um coração de carne, escancarado, que se deixa ferir pelo real. Porque o homem «vê com os olhos da razão na medida em que o coração estiver aberto, na medida em que a afeição sustentar a abertura dos olhos [...] O olho da razão vê, portanto, enquanto for sustentado pela afeição, que já expressa o jogo da liberdade».¹¹⁸

Mas essa capacidade de despertar até o fundo a razão deles é uma maneira pela qual se manifesta a diversidade de Cristo, Sua excepcionalidade, Sua “divindade”. Imaginemos como deveriam perguntar-se: «Quem é esse que é capaz de escancarar desta forma a nossa razão e nos permite identificar o significado das coisas que vimos acontecer sem contudo termos entendido?» É a mesma experiência que nós também, dois mil anos depois, fizemos com Dom Giussani. Se não tivéssemos sido educados para essa abertura, se não fôssemos continuamente educados para ela, não veríamos nada, nem o que temos bem diante do nosso nariz, a não ser reduzindo-o.

Assim, a incapacidade de entender tornou-se para os discípulos outra ocasião para conhecerem mais Jesus. Sem a Sua presença, com efeito, não teriam entendido. É a Sua presença que, escancarando a razão deles, provocando-os a uma posição correta do coração, os faz reconhecer a natureza do gesto feito por Jesus. Nós também podemos conhecer Cristo pelo fato de que Ele, com o instrumento humano de que se serve, nos faz olhar para o real sem ficarmos presos na aparência. Senão Deus desaparece do horizonte da vida. E não porque Deus não exista. Não é que Jesus não estivesse lá e os discípulos não tivessem visto dois milagres efetivamente espantosos! O problema é que não estavam escancarados para reconhecer os sinais até a origem deles. Por isso, se a presença d’Ele não acontecer agora e nós não estivermos dispostos a segui-la, mesmo com todos os Evangelhos e com todos os textos de Dom Giussani à disposição, nós não veremos nada mesmo.

«Escrevo para agradecer o caminho que estamos fazendo, porque pertencer ao Movimento mudou profundamente a minha vida. Pertencer à Fraternidade está se tornando um vínculo cada vez mais profundo que me liberta das imagens minhas e de quem está ao meu redor. É como se “quem eu sou” passasse justamente por esse pertencer. É aí que me descubro e me

¹¹⁷ L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco, 2017, p. 54.

¹¹⁸ S. Alberto; J. Prades; L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 30.

conheço cada vez mais e de uma forma inesperada. Na última vez, você me provocou muito com o que contou sobre a letícia, mas muitas vezes eu não faço o trabalho que me permite reconhecer a origem dessa letícia.» É como acontecia com os discípulos. «Só assim Jesus pode tornar-se familiar, e juro que é a urgência mais imperativa que tenho, porque só quando O reconheço, volto a ficar presente a mim mesma, presente e apaixonada porque sou querida, e aí as coisas começam a me falar de novo» – ou seja, a vida é outra vida –. «E a relação com Ele vence tudo.»

O que lhe deu a certeza de ter chegado à origem do encontro com o Movimento, do que lhe é dado? O fato de as coisas começarem a lhe falar de novo, estarem cheias de significado, como o gesto de amor de uma mulher pelo marido ou pelo filho. Ela se viu presente a si mesma, e assim reconheceu realmente a realidade. É só o acontecimento presente de Cristo que vence a ideologia, isto é, a redução do que vemos. «A ideologia tende a afirmar como concretude o aparente, e o aparente é só o que se vê, se ouve, se toca. Mas o jeito de olhar próprio do homem é a razão, que (deixando-o intacto) investe o contato do eu com aquilo com que depara, esclarecendo-o e julgando-o, ou seja, reconhecendo a coisa em sua referência a outra; de fato só se pode julgar se houver uma profundidade hipotizável.»¹¹⁹

c) *Redução do coração a sentimento*

A terceira redução nasce do que dissemos até agora: trata-se da redução do coração a sentimento. É marcante que a provocação de Jesus aos discípulos no barco tenha sido: «Vosso coração continua endurecido?» Entende-se o significado da palavra “coração” se se considera a pergunta final: «E ainda não entendeis?» Para Jesus, como para toda a tradição bíblica, o coração tem uma função cognoscitiva. Sem o coração, não é possível entender. «Até hoje, porém – diz o Deuteronômio – o Senhor ainda não vos deu um coração que entenda.»¹²⁰ É o próprio uso do coração o que permite entender os fatos. Giussani captou em profundidade a questão: «Os fatos» – os fatos que fazem «reviver o Acontecimento original» – devem «ser lidos com o coração, quer dizer, com a razão afetivamente empenhada».¹²¹

O contrário de uma razão afetivamente empenhada é, como diz a terceira premissa d’*O senso religioso*, um cérebro «morto e sepultado»¹²² – ele

¹¹⁹ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 114.

¹²⁰ Dt 29,3.

¹²¹ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 66.

¹²² G. Giusti, apud L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 54.

diz assim mesmo – diante do que acontece, como vimos nos discípulos no barco. «Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram!»,¹²³ disse Jesus aos discípulos de Emaús. Quando somos «lentos de coração», o nosso olhar fica «morto e sepultado» perante o acontecer das coisas.

Dom Giussani indica desta maneira o núcleo da terceira redução: «Nós tomamos o sentimento em vez do coração como motor último, como razão última do nosso agir». O que isto significa? Que «a nossa responsabilidade se torna vã justamente ao cedermos ao uso do sentimento como prevacente sobre o coração, reduzindo assim o conceito de coração ao de sentimento. No entanto, o coração representa e age como fator fundamental da personalidade humana; o sentimento não, porque tomado sozinho age como reatividade, no fundo é animalesco».¹²⁴ É como Pavese escreve: «Ainda não compreendi qual é a parte trágica da experiência [...]. E mesmo assim é muito clara: é preciso vencer o abandono voluptuoso, deixar de considerar os estados de ânimo como finalidades em si mesmas».¹²⁵

Giussani continua: «O coração indica a unidade de sentimento e razão. Ele implica uma concepção de razão não paralisada, uma razão conforme toda a grandeza de sua possibilidade: a razão não pode agir sem o que se chama afeição». Por isso, o coração – como unidade de sentimento e razão – é «a condição da realização saudável da razão». Sempre me marcou esta frase de Giussani: «A condição para a razão ser razão é que a afetividade a invista e assim mova o homem todo».¹²⁶ Sem isto, nós vemos tudo de forma reduzida.

Como sair da redução do coração a sentimento? O que possibilita a realização saudável da razão? Uma presença. Não se trata de submeter-se a um treinamento específico. Só uma presença afetivamente atraente, dizíamos de manhã, que tenha a capacidade de atrair toda a nossa afetividade até nos colar a ela, é que pode dilatar a nossa razão, segundo a sua verdadeira natureza de abertura total à realidade, como aconteceu aos discípulos de Emaús encontrando Jesus no meio do caminho. Isto, que intelectualmente parece difícil de entender, se compreende muito facilmente quando ocorre. É a presença da mãe que, atraindo toda a afeição da criança, dilata a sua razão. Surpreendemos isto no rosto encantado, totalmente aberto, da criança quando a mãe vem ao seu encontro. E é justamente esse

¹²³ Lc 24,25.

¹²⁴ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., pp. 116-7.

¹²⁵ Cf. C. Pavese, *O ofício de viver*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

¹²⁶ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 117.

olhar escancarado, suscitado pela presença amorosa da mãe, que lhe permite reconhecer a mãe pelo que é, em toda a profundidade de bem que ela traz em si. Pensemos mais uma vez nos discípulos de Emaús: «Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?»¹²⁷ Quando acontece, é muito fácil de reconhecer. Antes não entendiam; Ele chega, «a mente retorna»¹²⁸ e tudo recomeça. De onde se vê que entenderam e que aquele ardor do coração não é sentimentalismo? Do fato de que os dois voltaram «naquela mesma hora» para Jerusalém. O que nos diz que algo aconteceu é sempre um movimento novo no real.

Só um coração concebido e vivido como razão e afeição, ou seja, não reduzido a sentimento, é que pode identificar e reconhecer a verdade. Mas para que esse coração se desperte completamente é preciso que haja uma presença: a presença d'Ele. Um coração assim desperto não pode trapacear quando fica diante da verdade, a não ser contradizendo-se a si mesmo. Portanto, a ajuda decisiva de Cristo ao caminho humano é o despertar do coração do homem. Ele o recoloca em movimento, às vezes só com perguntas: «E ainda não entendeis?», impedindo que a preguiça vença. Acontecendo, Cristo desperta o coração do homem de tal forma que lhe permite reconhecer a Sua diversidade, ou seja, a verdade, de modo que não possa confundir-la com algum substituto. Qualquer imitação da verdade, sempre falsa, é desmascarada.

2. A necessidade de um lugar que nos devolva o olhar original

Pelo que vimos até aqui, aparece a necessidade de um lugar que nos devolva e sustente constantemente um olhar original, escancarado.

O que pode vencer as reduções descritas, que nos fazem olhar o real como míopes? Elas só são vencidas por um acontecimento. Paradoxalmente, essas mesmas reduções, que muitas vezes vemos como algo sufocante, podem tornar-se ocasiões para o revelar-se de Cristo perante nós, e então para um conhecimento d'Ele não desligado da experiência. Para sairmos das reduções descritas, precisamos, de fato, deparar com a presença d'Ele. Isto significa que nós conhecemos Cristo a partir de dentro da experiência em que vemos a vitória sobre elas.

Livrando-nos da miopia com que normalmente olhamos o real, Cristo faz surgir um eu com uma capacidade de conhecer antes desconhecida. Por isso, a única alternativa verdadeira à ideologia não é uma doutrina ou

¹²⁷ Lc 24,32.

¹²⁸ Cf. “La mente torna”, letra de G. Mogol, música de L. Battisti.

uma ética – que não são capazes de dilatar a razão; de fato podemos ter muita doutrina ou ser eticamente “bons” e continuar fechados –, mas um eu novo, originado por um acontecimento, um eu capaz de não ficar preso nos mecanismos reduzidos do nosso modo costumeiro de conhecer (como se deu com a menina catalã, que citamos tantas vezes, que na ocasião do referendo desmascarou a pretensão totalizante da ideologia).

Quantas vezes dissemos que o eu se desperta de seu torpor, de sua redução, num encontro! «A pessoa encontra-se a si mesma num encontro vivo.»¹²⁹ A pessoa que nasce no encontro é uma criatura nova. Isto fica visível principalmente na capacidade de conhecer ela que adquire. «A criatura nova tem uma *mens* nova (*noûs*, em grego), uma capacidade de conhecer o real diferente da dos outros.»¹³⁰

Esse «encontrar-se» do eu não se dá só no início e de uma vez por todas. Como vimos na história do povo de Israel e na experiência dos discípulos, estamos sempre e constantemente expostos ao risco de recair na redução do nosso eu e do olhar que levamos no real. Como pode então continuar a ser viva, instante por instante, essa criatura nova que conhece o real diversamente? Isto só pode ocorrer se Cristo permanecer contemporâneo, num lugar, e nós não nos separarmos d’Ele. Nós já o recordamos: «O conhecimento novo implica [...] estarmos em contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta».¹³¹ Testemunhava-o a primeira carta que li esta tarde: «Pertencer ao Movimento mudou profundamente a minha vida [...], me liberta das minhas imagens e das de quem está ao meu redor. É como se “quem eu sou” passasse justamente por esse pertencer». Para ter essa capacidade nova de conhecer é preciso, portanto, não separar-se do acontecimento que a gera. «Uma vez que essa origem não é uma ideia, mas um lugar, uma realidade viva, o juízo novo só é possível numa relação contínua com essa realidade, quer dizer, com a companhia humana que prolonga no tempo o Acontecimento inicial.» Ao contrário, «quem privilegia suas análises ou suas deduções no fim adotará os esquemas do mundo». Portanto, conclui Dom Giussani, «permanecer na posição da origem em que o Acontecimento faz nascer o conhecimento novo é a única possibilidade de se relacionar com a realidade sem preconceitos, conforme a totalidade de seus fatores».¹³²

¹²⁹ L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*. Milão: Bur, 2010, p. 182.

¹³⁰ S. Alberto; J. Prades; L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 74.

¹³¹ *Ibidem*, p. 75.

¹³² *Ibidem*.

Se essa Presença que reabre os nossos olhos não acontecer constantemente na nossa vida, se não a reconhecermos e não aderirmos a ela, o nosso olhar se entorpece e acabaremos por negar a presença concreta de Deus no mundo, como diz o Papa. Isto não concerne só aos outros, mas principalmente a nós.

Quando experimentamos um conhecimento diferente, realmente novo, é fácil lembrar tal diferença como sinal da presença d'Ele agora. Há pessoas que, não tendo nenhum *background* cristão, se dão conta de maneira espantosa, ardente, da diferença de vida daqueles pelos quais Cristo se faz presente. Elas nos testemunham todo o maravilhamento que tal diversidade suscita nelas, até mudá-las.

Uma garota de origem indiana que encontrou o Movimento em Madri, depois de ter morado na Itália para um intercâmbio e depois de ter ido para a Índia e para a Inglaterra, tentando fugir de tudo o que lhe acontecera, escreveu a Pe. Nacho, o responsável do Movimento da Espanha:

«Fui embora para a Índia para viver uma filosofia famosa. Decidi ir para lá achando que encontraria a felicidade. Mas nada. Foi uma decepção constante. Constante. Achei que saberiam explicar melhor quem sou, por que estou sempre com uma espécie de nó em mim. E nada. A coisa curiosa é que todo dia eu tentava esquecer o que tinha me acontecido, mas as primeiras pessoas em quem pensava quando acordava de manhã eram as de CL que eu tinha encontrado (você, Anita, Gio, Javi, Marti, Emi, pe. Carrón). Eu me esforçava para apagar esses pensamentos, mas eram sempre a primeira coisa que pulava na minha mente quando eu abria os olhos. Depois decidi ir para Londres. Mas se passou a mesma coisa. O tempo todo com esse nó em mim, que não desaparecia de jeito nenhum. Saí com vários garotos, e nada. Quando ficava com outros garotos eu só pensava em Gio», um garoto que ela tinha encontrado aqui na Itália e com quem tinha começado um relacionamento, «em como ele me queria bem, em como tinha me tratado, em como eu me sentia a pessoa mais preciosa do mundo estando com ele, e em como ele olhou para cada particular de mim de um jeito completamente diferente. Assim, uma vez que Gio veio a Londres, eu lhe disse que queria voltar com ele» – de fato, ela também tinha fugido dele –, «mas ele me disse que não, pois estava para consagrar a sua vida a Deus. Justamente o último período, quando ele estava vivendo essa relação tão exclusiva com Deus, tinha sido aquele em que ele me amou mais do que nunca. O que ele está vivendo deve ser algo muito real para tê-lo mudado assim, mesmo se eu não o entendo. Depois desse período londrino, minha mãe me pediu expressamente que não entrasse mais em contato, porque não conseguia encarar a dor de não ter mais o meu pai» –

que tinha morrido alguns anos antes –, «e não podia ter ninguém como eu que a lembrasse tanto dele. Às vezes a dor me cega de tal forma, que não consigo dizer que em algum lugar haja alguém que me acolhe».

Mas as contas não batem! Mesmo assim, continua a carta, de fato, «há algo que não posso negar e que continua me parecendo incrível. Se de algum jeito penso em alguém de quem posso dizer que me sinto amada, penso em vocês. Lembro que no começo de toda a minha história, quando lia as coisas que Jesus dizia e fazia, não as sentia estranhas; eu escutava, via pessoas que eram como Ele, que falavam como Ele, que tratavam as pessoas ao redor como Ele as tratava. Esta é a única coisa diferente que vocês têm em comparação com todas as outras pessoas. E começo a me dar conta agora de que em vocês não há nada de diferente em comparação com o resto do mundo, a não ser o encontro com Cristo! E quanto mais me pergunto por que vocês fazem as coisas, mais tenho de reconhecer tudo o que fazem como ligado à relação com Ele. Por que você [Nacho] escolheria não se casar, não ter filhos? De qualquer outra pessoa eu poderia pensar que está louco, mas você não é burro. É nestes fatos que Cristo se aproxima de mim mais uma vez, é aí que vejo que Ele não pode ser uma invenção, uma mentira, mesmo se eu duvidar mil vezes disso. Esses são os fatos que não me deixam perder a esperança. Todo dia me levanto pedindo para ver que Ele não me deixa sozinha. Não posso afirmar que estou sozinha. Não posso. Dizer a verdade me surpreende. Cristo devia ser como vocês, uma pessoa que ajudava os outros a se entender, a olhar o fundo do próprio coração e a entender quem eram: alguém estava perdido e, quando cruzava com ele, reencontrava a si mesmo. Assim como aconteceu comigo quando conheci vocês: me entendo, me conheço mais, antes estava como que morta. Eu não posso negar que fui olhada e tratada como Cristo tratava e olhava as pessoas, como o pequeno Zaqueu, um cara que não valia nada, como eu. O fato é que a única coisa – a única – que todas essas pessoas têm em comum é que todas – todas! – têm uma relação pessoal e cotidiana com Cristo. Eu me dei conta de outra coisa. Há um pequeno ponto que depende de mim; parece nada, mas é tudo: reconhecer tudo isto que lhe disse. A minha pessoa se joga na decisão de confiar que tudo isto é por Cristo ou pensar que é simplesmente por um acaso que todas as pessoas com essas características estejam no mesmo lugar. Às vezes vejo como confundo tudo e traio tudo o que vivi antes. E é como se esquecer os passos que dei me deixasse mais infeliz, me deixasse até mesmo mais burra. Mas não posso me esquecer do que já vivi, do que já está dentro de mim. E espero que volte a me acontecer, eu O procuro, olho as pessoas esperando que volte a aparecer aquele olhar, que voltem a aparecer aqueles olhos que eu não

trocaria por nada no mundo, aqueles olhos que me tornam consciente de que existo por um motivo, que me amam mesmo se não sei nada. Espero vê-lo em cada pessoa que encontro, e às vezes inconscientemente olho para o rosto de todo mundo, até dos desconhecidos, para ver se encontro algo d'Ele, algo próprio d'Ele, que me faça voltar a ver que existe, e existe para mim. Porque muitas vezes a vida, a minha vida, é mais inquieta, até dolorosa, desde quando O encontrei, mas é também algo mais: é viva. É como se Ele fosse a nascente da minha vida: eu estava morta e agora vivo».

Este é o testemunho de um eu renascido graças ao encontro com Cristo. Essa jovem não sabia nada do cristianismo, mas depois de ter conhecido os amigos do Movimento pode ficar com verdade num mundo em que as evidências colapsaram, surpreendendo-se a buscar Cristo em cada pessoa que encontra, sem medo de sofrer contaminações, vivendo só do maravilhamento pela presença d'Ele, do entusiasmo sempre novo por Ele. «Isto é o cristianismo na história», estudamos na Escola de Comunidade: «o alvorecer de uma humanidade diversa, de uma comunidade humana diversa, ou seja, nova, mais verdadeira».¹³³

Pertencer a uma «história particular» – como é a vida do Movimento – tornou possível a essa garota uma tamanha descoberta de si («Me entendo, me conheço mais, antes estava como que morta, [...] estava morta e agora vivo») que, mesmo tendo feito de tudo para esquecer o que se passara com ela, não conseguiu arrancá-lo de si. Quanto mais busca, quanto mais gente encontra, quanto mais vive, mais fica clara a diferença com o que encontrou. O coração demonstra, em experiências como esta, toda a sua objetividade! Não é possível trocar Cristo por nenhuma satisfação barata, Seu olhar por nenhum outro olhar e Seu amor por uma imitação qualquer do amor. É impressionante a irredutibilidade de Cristo que cada uma dessas coisas ilustra.

Mas, para que todos esses sinais levassem a uma certeza sobre Ele, foi necessário um caminho de convivência com as pessoas que a marcaram e a lealdade de reconhecer o ponto que todos os que a impressionavam tanto tinham em comum. Por mais que se recusasse a reconhecer que fora Cristo quem mudou todas as pessoas que ela conheceu, por mais que ela fosse incoerente, os únicos relacionamentos que a deixavam sem palavras eram justamente aqueles com pessoas cuja vida lhe falava d'Ele. Ela conheceu Cristo justamente porque nunca se desligou de sua própria experiência. E essa experiência a levou à consciência de haver, nas pessoas que tinha encontrado, algo que não se encontrava em nenhum outro lugar e que não

¹³³ L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 283.

podia ser reduzido às capacidades humanas delas. Era “alguma coisa” que ela nunca teria imaginado, a qual porém não podia negar, da qual ouvira falar por eles próprios, à qual seu ex-namorado decidira dedicar a vida: Cristo. Entendeu que o reconhecimento desse “fator” não podia ser delegado a mais ninguém, só podia ser dela. Desde então continuou a procurar Cristo em cada olhar, em quem quer que encontre.

A partir de um encontro, Cristo é reconhecido como o coração da vida. Outra amiga escreveu: «Uma noite, voltei para casa depois da caritativa no Banco de Alimentos e comecei a contar ao meu marido como tinha sido. A certa altura, ele me disse: “Sou realmente sortudo por viver com você: não deixa escapar nem um particular dos seus dias, pede o máximo e sempre o faz, nunca se contenta e se deixa questionar por tudo o que lhe acontece. Para mim isso é invejável! Eu também queria viver com você”. Nesse mesmo momento me subiu um sentimento de agitação e respondi na hora: “Olha, não são as minhas capacidades, eu não sou boa! Eu sou assim porque encontrei Jesus, que mudou a minha vida, que me faz olhar para tudo desse jeito que você diz ser fascinante e desejável também para você. A companhia do Movimento O torna vivo e me torna viva”. Nesse momento eu entendi o que quer dizer conhecer Cristo na minha experiência: não quer dizer conhecer uma pessoa estranha à minha vida, mas reconhecê-Lo como verdade de mim mesma! Porque eu não consigo pensar em mim mesma, em como vivo, nas perguntas que tenho, no que faço, sem Ele; não “sem pensar n’Ele”, mas sem Ele mesmo! Eu não posso dizer “eu” sem Ele! Como dizia o título dos Exercícios do ano passado: “O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives!”»

A única resposta prática, concreta, efetiva à situação descrita acima – caracterizada pelas três reduções iluminadas por Dom Giussani –, na qual Deus, Cristo, é percebido como abstrato, estranho à vida, é o cristianismo como acontecimento. «Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis?»¹³⁴

Como o Mistério nos facilita a superação da abstração à qual tantas vezes relegamos Cristo? Através da Igreja, lugar da comunicação da verdade, cujo instrumento é o milagre. «O milagre é [...] um acontecimento, algo que ocorre, que não se previa, que não se pode explicar, mas acontece, é o conteúdo de um acontecimento que obriga a pensar em Deus.» E o maior milagre é a mudança do humano, é um humano realizado: uma abertura do coração e da razão, um olhar para si e para os outros, uma gratuidade, uma letícia, uma fecundidade, uma construtividade impossível

¹³⁴ Is 43,19.

de pensar. «Palavras e fatos impossíveis. Isto é o milagre. Presenças que são um milagre.» Dom Giussani cita, por exemplo, Madre Teresa e acrescenta: «Palavras e fatos, [uma] presença impossível de pensar. Tão pura, tão coerente, tão poderosa, continuando a ser presença na minha fragilidade: a sua humanidade é como a minha, mas na sua humanidade floresce algo que vem de Algo maior. [...] Milagre, portanto. Trata-se de uma realidade que eu vejo, sinto e toco, [...] mas que não posso reduzir àquilo que vejo, sinto e toco, que me remete obrigatoriamente a algo outro. Negando que sou remetido para algo outro, eu teria de negar aquela realidade. E, se a reduzisse, eu a aniquilaria».¹³⁵

Mas por que, mesmo perante todas essas coisas que ocorrem, em muitas ocasiões nos acontece sermos como aqueles a quem Jesus censura? «Com quem vou comparar esta geração? É parecida com crianças sentadas nas praças, gritando umas para as outras: “Tocamos flauta para vós, e não dançastes. Entoamos cantos de luto e não chorastes!” Veio João, que não come nem bebe, e dizem: “Tem um demônio”. Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: “É um comilão e beberrão, amigo de publicanos e de pecadores”. Mas a sabedoria revelou-se justa por suas obras.» Depois disso, Jesus «começou a censurar as cidade nas quais tinha sido realizada a maior parte de seus milagres, porque não se converteram. “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Se em Tiro e Sidônia se tivessem realizado os milagres feitos no meio de vós, há muito tempo teriam demonstrado arrependimento”».¹³⁶

É impressionante que, depois dessa censura, Jesus diga: «Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar».¹³⁷

Todos estão na frente dos fatos (assim como nós estamos). Seria razoável submeter a razão à experiência, depois de terem visto tantos milagres realizados por Jesus. Mas é a isso mesmo que os sábios e os entendidos não estão disponíveis. Não O reconhecem não porque faltem milagres, mas porque não há neles a disponibilidade para notá-los.

¹³⁵ L. Giussani, “Em busca de um rosto humano”, *Litterae Communione*, n. 49, 1996, pp. XXVII-XXVIII.

¹³⁶ Mt 11,16-21.

¹³⁷ Mt 11,25-27.

3. Se não vos tornardes como crianças

Eis, então, o que é preciso: ser como crianças. Ultrapassar a lógica dos sábios, contrária à dos pequeninos. Por isso, Jesus é categórico, como cantamos: «Se não te tornares como criança...»¹³⁸ «Quem não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele!»¹³⁹ Mas como posso eu, enquanto adulto, voltar a ser criança? É a pergunta de Nicodemos a Jesus: «Como pode alguém nascer, se já é velho? Ele poderá entrar uma segunda vez no ventre de sua mãe para nascer?» Jesus maravilha-se com a pergunta e com o fato de um homem inteligente como Nicodemos não entender a dimensão da questão: «Tu és o mestre de Israel e não conheces estas coisas tão elementares?»¹⁴⁰

Estamos diante de um ponto fundamental, como nos recorda Dom Giussani: «A grande questão é voltar à origem, a grande questão é voltar a como Deus nos fez. Com efeito, o que é a moralidade? Moralidade é viver na postura em que Deus nos fez. Somente quem está nessa postura reconhece a sua Presença».¹⁴¹ Por isso von Balthasar observa: «A simplicidade é que é a premissa de todo o resto!»¹⁴² Sem ela, não nos damos conta do que acontece, dos fatos que se passam diante dos nossos olhos; estes não são reconhecidos como sinais de algo diferente. Com a consequência inevitável de que os fatos se tornam inúteis, já não servem para aumentar o conhecimento de Cristo, a familiaridade com Ele.

Com esse apelo, Jesus não está pedindo, obviamente, que permaneçamos para sempre num estado infantil. Quando Cristo indicou a criança como modelo, «evidentemente, Ele não colocava como ideal o infantilismo, mas aquela abertura de espírito que a natureza assegura automaticamente à criança, de tanto que esta é condição necessária para o desenvolvimento do humano, e que, no adulto, é, como todo valor, uma difícil conquista».¹⁴³ É por causa desta dificuldade que isto parece tão impossível de alcançar, assim como seria impossível nascer de novo quando se é velho, entrando uma segunda vez no ventre da própria mãe para renascer.

¹³⁸ C. Chieffo, “Canção de Maria Clara”. In: *Cantos*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2015, p. 63.

¹³⁹ Mc 10,15.

¹⁴⁰ Cf. Jo 3,4.10.

¹⁴¹ Cf. L. Giussani, *É possível viver assim?*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, p. 182.

¹⁴² H. U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*. Casale Monferrato (AL): Piemme, 1991, p. 9.

¹⁴³ L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 35.

Mas o próprio Jesus testemunha que não é impossível viver, enquanto adultos, como crianças. «Todas as suas palavras e os seus gestos revelam que [Jesus] olha para o Pai com o eterno maravilhamento da criança: “O Pai é maior do que eu” (Jo 14,28). [...] [Jesus] jamais pensa em conquistar a sua origem [...]. Sabe que é dom doado a si mesmo, e que não subsistiria sem Aquele que se priva do dom mesmo doando-se nele. O que o Pai doa é o ser-eu-mesmo, a liberdade».¹⁴⁴ Jesus sabe que é doado pelo Pai. E esse dom enche o Filho de encanto, de maravilha e de gratidão. «De fato, o gesto da eterna transferência [entrega] do Pai ao Filho está constantemente presente, nunca está completamente encerrado, acontecido, [algo passado, concluído] ou devido [...]. Conquanto seja memória infinita, tal gesto continua sempre sendo a oferta perenemente nova, de certa forma aguardada com infinita e amorosa confiança. O menino Jesus certamente se encanta com tudo: com a existência da mãe que o ama, com a própria existência e, a partir de ambas, com todas as criaturas do mundo, desde a florzinha mais pequena até o firmamento interminável. Contudo, esse encanto origina-se no encanto muito mais profundo do Filho eterno que no Espírito absoluto do amor se encanta com o amor mesmo que a tudo domina e supera. “O Pai é maior”».¹⁴⁵ Esta consciência do Pai é a que transparecia em cada gesto Seu. Como Giussani diz, «o homem Jesus de Nazaré – investido pelo mistério do Verbo e, por isso, assumido na natureza mesma de Deus (mas Sua aparência era absolutamente igual à de todos os homens) –, a esse homem não o viam fazer um único gesto sem que a sua forma demonstrasse a consciência do Pai».¹⁴⁶

Mas Jesus não é um caso isolado, como aponta von Balthasar: «Pode-se deduzir dos maiores santos que não existe conflito entre permanecer criança [...] e a maturidade. [...] [Os santos] mantêm até na idade avançada uma juventude miraculosa».¹⁴⁷ Nós o vimos bem em Dom Giussani. E o Papa convida-nos a seguir essas presenças: «Frequente pessoas que conservaram o coração como o de uma criança».¹⁴⁸ O que possibilitou neles ser como crianças? Aqui podemos entender a resposta de Jesus a Nicodemos: «Em verdade, em verdade, te digo: se alguém não nascer da água e do Espírito, não poderá entrar no Reino de Deus».¹⁴⁹

¹⁴⁴ H. U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, op. cit., p. 44.

¹⁴⁵ *Ibidem*, pp. 45-46.

¹⁴⁶ L. Giussani, “Un uomo nuovo”, *Tracce-Litterae Communionis*, marzo 1999, pp. VII-IX.

¹⁴⁷ H. U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, op. cit., p. 41.

¹⁴⁸ Francisco, *Audiência geral*, 20 de setembro de 2017.

¹⁴⁹ Jo 3,5.

Tornar-se criança, nascer de novo é nascer do Espírito, aquele que recebemos no Batismo. É a comunicação de seu Espírito o que nos torna filhos como Ele é Filho, ou seja, filhos no Filho. Ser filho no Filho significa receber tudo como dom, sem parar na aparência, reconhecendo tudo como dado pelo Pai. É para isto que o caminho todo que Deus fez e continua a fazer conosco nos quer conduzir, de modo que tudo o que acontece possa introduzir-nos na relação com Ele. É pela familiaridade com Cristo e – por meio de Cristo – com o Pai, que nada da nossa vida se perde. Sem tal familiaridade, ao contrário, não temos aquele ponto de consistência que nos permite encarar o real com certeza, com paz, com uma novidade de olhar e de fecundidade.

Reconhecer tudo como dado pelo Pai muda até a nossa maneira de conceber a conversão a que somos chamados: «O caminho moral é o aparecimento da coerência, da qual somos incapazes [...]. A verdadeira coerência moral se dá quando a pessoa fica maravilhada; maravilhada com o que acontece nela, com o dom que lhe é dado».¹⁵⁰ Quando não reduzimos o que nos é dado, tudo se revela ocasião de reconhecer a Deus presente no real: assim pode crescer a cada dia a nossa familiaridade com Ele, uma certeza em sua Presença que nos permite não sufocar nas circunstâncias, que nos torna livres, não ficticiamente, mas realmente. E podemos olhar para coisas da nossa vida que nunca quisemos olhar, como esta pessoa escreveu: «Meu amigo! Queria dizer que amanhã viajo por alguns dias com meu marido. Aqui a alguns dias será o aniversário do assassinato do meu pai. Faz trinta anos que não vou, porque antes de te conhecer eu não olhava para esta ferida, não falava dela a ninguém, a não ser aos mais íntimos. Mas nestes últimos anos, também por causa da morte do meu filho, vi crescer uma familiaridade com Jesus inesperada. Então já não tenho medo e vou viajar, mas vou rever os lugares onde cresci e onde já O esperava. E quem sabe o que mais vai me fazer descobrir... Obrigada por sua amizade, que é mesmo um presente grande que Deus quis me dar».

Jesus entrou na história para vencer todo medo, toda solidão, todo empecilho entre nós.

É disto – do encontro real com Cristo na história – que o nosso mundo precisa, cada vez mais determinado pelos medos, pela desconfiança. Da experiência da Sua presença vitoriosa e transformadora nasce todo e qualquer ímpeto nosso. Dom Giussani sempre nos lembra: «É o conhecimento do poder de Jesus Cristo a razão profunda de qualquer gesto nosso de pre-

¹⁵⁰ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*. Milão: Bur, 2009, p. 436.

sença social e de comunicação ao mundo»,¹⁵¹ que é o que todos esperam. «Quando essa Presença atua em todas as relações da vida, quando nela ficam “penduradas” todas as relações; quando elas são salvas, julgadas, coordenadas, avaliadas, usadas à luz dessa Presença, tem-se uma cultura nova. Esta nasce então da posição que se assume perante tal Presença excepcional e decisiva para a vida.»¹⁵²

Portanto, ninguém se engane: o conhecimento de Jesus a que Dom Giussani nos incentiva não é para nos tirar do real, das circunstâncias, mas para encher da Sua presença cada gesto, qualquer «atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política». É assim que o início permanece, sem nunca tornar-se passado: «No início construía-se, [...] procurava-se construir sobre algo que estava acontecendo e nos tinha investido. Por mais ingênua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura».¹⁵³ Ao vivermos todos os gestos a partir de dentro do pertencer a Cristo presente, aumentaremos cada vez mais o conhecimento d’Ele e teremos cada vez mais razões para confiar.

Agora podemos identificar mais conscientemente o tamanho do convite do Papa Francisco: «*Encorajo-vos [...] a organizar-vos [disse no Peru] [...] como comunidades eclesiais que vivem ao redor da pessoa de Jesus. [...] A salvação não é genérica, não é abstrata. O nosso Pai vê pessoas concretas, com rosto e história concretos; e todas as comunidades cristãs devem ser reflexo deste olhar de Deus, desta presença que cria laços.*»¹⁵⁴

É isto o que o mundo espera: «“Toda a criação está esperando ansiosamente o momento de se revelarem os filhos de Deus” [...]. Sem poder tomar plena consciência disto, o homem de todos os tempos espera este homem novo»,¹⁵⁵ diz a Escola de Comunidade. Só essa presença diversa, original, pode responder à espera do homem de hoje, como vemos em muitos relatos que fazemos e em muitas pessoas que encontramos, conscientes de suas próprias necessidade.

Von Balthasar escreve a propósito disto: «Enquanto cristão significar primeiramente tradição e instituições, os movimentos de libertação dos tempos modernos terão uma enorme vantagem». E identifica com uma agudez incomparável de que forma o debate poderá ficar interessante: «O

¹⁵¹ Idem, “Storia di liberazione”. In: H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, op. cit., p. 140.

¹⁵² S. Alberto; J. Prades; L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 152.

¹⁵³ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 88-89.

¹⁵⁴ Francisco, *Encontro com a população, Puerto Maldonado (Peru)*, 19 de janeiro de 2018.

¹⁵⁵ L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 282.

verdadeiro confronto só terá lugar quando o cristão se comprometer [...] a mostrar que a autoabertura de Deus em Jesus Cristo é convite para entrarmos no espaço de liberdade absoluta, o único em que se pode desdobrar a liberdade humana». ¹⁵⁶

¹⁵⁶ H. U. von Balthasar, “Premessa”. In: H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, op. cit., 24.

Domingo, 29 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 9 em ré menor, op. 125 “Coral”

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 27, Deutsche Grammophon

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. O número de perguntas feitas foi muito elevado. Chegaram mais de mil e cem. É um sinal de que o que vivemos nestes dias e as coisas que nos foram ditas se conectaram profundamente com perguntas e necessidades que temos na vida. Tanto é assim, que a maior parte das perguntas, como vamos ver, estão acompanhadas de experiências pessoais que confirmam ou se veem questionadas pelas coisas escutadas. E isto é ótimo, é o sinal mesmo da utilidade de um gesto como este, porque sem a experiência de cada um de nós sendo questionada, não seria o mesmo gesto e levaríamos para casa muito pouco.

Entre as muitas questões que vocês colocaram, três nos marcaram particularmente. Vou resumi-las sinteticamente antes de começar com as perguntas.

A primeira tem a ver com o conhecimento novo, que faz crescer uma familiaridade com Cristo. Isto marcou inúmeras pessoas, e volta de vários jeitos: quer como algo que percebemos como já pertencente à experiência que vivemos, quer como algo que nos impressionou como uma sugestão inesperada, todos nós experimentamos o desejo de que a nossa vida – às vezes aparentemente vazia, repetitiva ou infeliz – possa ser invadida por essa familiaridade com o Senhor que torna tudo belo e grande, como foi para os que estavam com Ele nas ruas da Galileia; que possamos fazer a mesma experiência deles.

A segunda refere-se à centralidade da memória na vida do cristão. Esta palavra faz parte mesmo do nosso DNA. Dom Giussani praticamente reinventou seu significado, tamanho seu entendimento de que ela tem uma força extraordinária no mundo em que vivemos. Não se trata apenas de uma bela lembrança do passado, como escutamos nestes dias, mas é a

rocha em que se apoia a possibilidade de vivermos o presente, sem medo e sem reduções.

A terceira, por fim, diz respeito ao valor da nossa grande companhia. O fato de não estarmos sozinhos neste caminho não é apenas um consolo: é o caminho.

Como eu disse, chegou uma multidão de perguntas. Sei que muitos, às vezes, ficam decepcionados porque consideram muito importante uma determinada questão, que sentem especialmente urgente ou que surgiu escutando as coisas que você disse, e não encontram resposta. Todos mereceria uma resposta, mas obviamente não é possível; e ninguém, no fundo, desejaria isso, pois mais cedo ou mais tarde todos querem voltar para casa! Eu gostaria de lhe perguntar se você tem algo a dizer sobre isto.

Julián Carrón. Obrigado, sim, queria dizer que é uma coisa maravilhosa que tantos de vocês voltem para casa com perguntas. Deixem-nas abertas! Vamos começar um caminho de companhia, trabalhando sobre tudo o que dissemos, como fazemos normalmente. Terem surgido perguntas em tantos de vocês é o primeiro sinal do que aconteceu nestes dias, do fato de algo ter-se movido em nós. Por isso, é o primeiro dom destes Exercícios e é, em primeiro lugar para mim, motivo de maravilhamento. Ter perguntas, como sabemos, é crucial para identificar as respostas, para entender. É o que se passava conosco quando íamos para a escola: quem não se esforçava na tentativa de entender, de fazer as lições, nunca tinha perguntas. Só quem se esforçava é que as tinha. Então guardem no coração as perguntas que vocês têm, e prestem atenção aos sinais, aos indícios de resposta que encontrarem ao longo do caminho. A vida, assim, se tornará a aventura fascinante do conhecimento. Sempre me impressionou, quanto a isto, uma frase de Dom Giussani, no começo do quarto capítulo d’*O senso religioso*: «Nós fomos feitos para a verdade, entendendo por verdade a correspondência entre consciência e realidade». Por isso, «vale repetir que o verdadeiro problema, no que concerne à busca da verdade [...] não é o de uma certa inteligência que se faça necessária ou o de um esforço especial ou, ainda, o de meios excepcionais para alcançá-la. A verdade última é como encontrar uma linda coisa no nosso próprio caminho: só a vemos e reconhecemos se estivermos atentos. O problema, portanto, é essa atenção».¹⁵⁷ Ter perguntas facilita a atenção.

Prosperi. Começemos então com as perguntas.

¹⁵⁷ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 59.

«Ontem de manhã você disse que só a partir da escolha e da preferência de Deus por mim é que posso conhecê-Lo e conhecer também a mim mesmo, e que o que conta é a relação que Ele estabelece comigo. Intuo que este é um olhar novo sobre mim, que me liberta da medida que tenho sobre mim mesmo. Você pode retomar este ponto?»

Carrón. A primeira coisa é dar-se conta. Por isso dedicamos toda a palestra de ontem de manhã à tomada de consciência da preferência de Deus, de Sua iniciativa para conosco. Como podem ver, sempre nos impressiona. Nunca é óbvia, percebemos toda a sua novidade, porque desafia a nossa mentalidade, que faz com que nos apoiemos no que pensamos e nos nossos esforços. Foi Ele quem tomou a iniciativa. O que fazer, então, para que tal consciência se torne cada vez mais nossa? O que dissemos ontem de manhã não foi o lembrete de algo preliminar, para depois passarmos a outra coisa no discurso. Foi, isso sim, a tentativa de mostrar como essa preferência, que marcou o início da história de Israel, toca a nossa vida e pode entrar nas entranhas do nosso eu. A experiência da preferência de Deus demonstra-se tão desejável, que não posso deixar de sentir toda a urgência de que se torne minha, que me invada, até o ponto de eu viver desta consciência. Mas trata-se de um caminho, amigos! Todo o percurso estabelecido por Deus é para podermos alcançar a certeza da relação com Ele, de Seu amor pela nossa vida. Todos nós vemos com que dificuldade isto penetra na nossa mentalidade: de fato, nós achamos que é só uma questão de eficiência nossa, das nossas tentativas, das nossas análises, da nossa inteligência. Dom Giussani ressalta que a coisa mais distante da nossa mentalidade é que um acontecimento – um acontecimento que volta a ocorrer continuamente – seja o que nos desperta para nós mesmos, para a verdade da nossa vida. Por isso a questão, como foi para o povo de Israel, é prestar atenção a qualquer sinal do acontecimento que volta a ocorrer, a qualquer indício daquela iniciativa incessante que Deus toma para podermos fazer experiência d’Ele – «Eu sou o Senhor» –, para podermos olhar-nos com o mesmo olhar que o Mistério tem por nós: «Eu te preferi, és muito precioso para mim». Todo e qualquer gesto de Deus é para nos dizer isto, desde o início até agora. Não há um só gesto de Deus, uma só forma com que se aproxime de nós, que não seja para nos dizer isto. Daqui, pouco a pouco, nasce a consciência de que você e eu *somos* a relação que Ele estabelece com você e comigo, com cada um de nós. Imaginemos levantar-nos de manhã, todo dia, com a consciência de Alguém que nos diz: «És muito precioso para mim». Que novidade entraria, independentemente do que tivéssemos de enfrentar! Como eu disse ontem, citando von Balthasar, «o

amor que Deus me tem faz de mim o que eu sou em verdade».¹⁵⁸ Se não nos olhamos assim, não nos olhamos bem. Este olhar aconteceu e ninguém mais pode arrancá-lo da história. Deus é absolutamente único e, enquanto me concede Seu amor, torna-me único também a mim. Você e eu somos definidos por esse olhar sobre nós. Qualquer outra imagem é uma redução de nós mesmos.

Começa então um caminho que é uma luta. Muitas vezes, com efeito, caímos nas medidas: se sou capaz de fazer isto ou aquilo, se consigo ser coerente, se meu desempenho é adequado, como os outros me julgam... O nosso caminho é uma luta entre a minha medida – ou a dos outros – e a preferência que entrou na minha vida. Há Alguém que me diz: «Você pode se medir o quanto quiser, pode cair o quando quiser nas suas medidas, mas você é muito precioso para mim, sempre vai poder deixar entrar de novo em você a minha preferência. Você não é definido pela sua medida, você é a preferência que tenho por você». Daqui, só daqui é que pode nascer uma ternura por nós, um olhar que nos permita abraçar-nos a nós mesmos sem ser um sentimentalismo. Na medida em que o acolhe, você pode começar a lançar esse olhar na sua experiência, em tudo o que você tocar. Quando essa Presença começa a investir todas as relações da vida, como dissemos concluindo a palestra de ontem à tarde, quando nela ficam pendurados todos os relacionamentos, quando eles são salvos, julgados, coordenados, avaliados e usados à luz dessa Presença, então se tem uma cultura nova, um olhar novo para tudo. Porque a cultura nova nasce da posição que assumimos diante de tal Presença excepcional e decisiva para a vida. É o início de outro mundo, neste mundo. Convém-nos não perder este início, convém-nos que ele nunca se reduza a algo passado, mas que seja sempre um presente. Todo o esforço de Deus, a quantidade incalculável de iniciativas que Ele toma, é para nos convencer disto: «Você é muito precioso para mim, e nenhum dos seus erros, nenhum dos seus esquecimentos, nenhum dos seus maus humores pode apagar isto da face da terra». Por que então lutar contra esta evidência em nome de uma medida nossa, que jamais será verdadeira? De que adianta? A única verdade é esta: «És muito precioso para mim». A nossa luta sempre será desigual, porque, ainda que não nos demos conta, o que nos define em última instância é o olhar absolutamente único que Cristo tem por nós. Todo o trabalho da vida consiste nesta luta para deixá-lo entrar. De quanto tempo vamos precisar para a consciência do Seu olhar penetrar nas nossas entranhas?

¹⁵⁸ Ver aqui, p. 21.

Prosperi. Agora há duas perguntas sobre o tema da memória.

«Que diferença há entre o “já sabido” e a “memória”? Existe um jeito de partir da experiência feita que é uma hipótese de partida no juízo sobre tudo? Ou isto está errado?»

A segunda, parecida, é um exemplo pessoal: «Ontem de manhã você disse que “a fonte escorre por toda a nossa pessoa mesmo quando estamos absorvidos pelos compromissos terrenos”. Você pode explicar melhor? Sou um trabalhador *freelancer* e o meu dia é cheio de exigências de natureza técnica, às quais tenho de responder com urgência e sem parar. Muitas vezes, mesmo desejando, parece-me que a familiaridade com Jesus não aumenta. Como faço para ter o acontecimento sempre presente nos olhos e para aumentar isso nas ocupações do trabalho, que têm como objeto uma matéria que não parece ter nenhum nexos com Cristo? É um problema de crescimento da memória?»

Carrón. A diferença entre o “já sabido” e a “memória” – no sentido que Dom Giussani usa, quer dizer, no significado autenticamente cristão da palavra “memória” – é muito simples de entender. Trata-se de duas maneiras opostas de estar em relação com o que nos aconteceu. Pensemos em como, da mesma história, aquela de que falamos ontem de manhã, tenham nascido duas posturas antitéticas. Por um lado, a dos fariseus. Eles conheciam bem a sua história, eram os que mais a levavam a sério, aparentemente, mas a certa altura isto os levou a achar que já sabiam como as coisas eram. E este “já sabido” paralisou-os, em vez de abri-los – como deveria ter sucedido em virtude daquilo mesmo que conheciam – para a nova iniciativa que o Mistério estava tomando na frente deles. Por outro lado, tem-se a postura de Nossa Senhora, de João e André. Vejam bem, os fariseus, Nossa Senhora, João e André eram contemporâneos, todos vivendo no mesmo momento e tendo a mesma grande história por trás. Mas essa história, em Nossa Senhora e em João e André, pelo modo como a tinham vivido, originou uma abertura total à novidade que Cristo representava e que fora antecipada por tudo o que a iniciativa de Deus já fizera até então. A imanência àquela história particular, a memória dela escancarou-os à ação imprevisível de Deus. Nos fariseus deu-se exatamente o contrário. Então a verificação, o teste se estou na postura do “já sabido” ou da “memória” é se estou aberto ao imprevisto que Deus faz acontecer perante os meus olhos ou então se estou fechado. Este fechamento não é só dos fariseus. Até Pedro o experimentou. Quando Jesus perguntou aos discípulos: «E vós, quem dizeis que eu sou?», Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Cristo, o Filho do Deus vivo». «Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque

não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no céu.»¹⁵⁹ A mais ninguém Jesus dirigiu tamanho louvor. Mas, um segundo depois, Pedro acha que já entendeu e que já sabe como são as coisas, e ele mesmo faz o teste de que falei. Com efeito, depois de lhe ter dito: «Feliz és tu, Simão», Jesus acrescenta: «Agora vamos a Jerusalém, pois devo dar a vida por vós». Pedro lhe diz: «Nem fale nisto!» Depois de tudo o que tinha visto – a sua vida com Jesus fora de fato uma novidade contínua, composta de acontecimentos que nunca poderia ter imaginado –, logo após ter dado aquela resposta pela qual fora elogiado, em vez de seguir o imprevisto, ou seja, o que Jesus lhe dissera, Pedro o fez sentar-se no banco dos réus: «Não é possível! Que isto nunca te aconteça!»¹⁶⁰ Vale também para nós: a nossa história de Movimento, pela natureza que tem, em vez de ser o que origina uma abertura inesgotável à novidade da iniciativa de Cristo, pode tornar-se, pelo modo como a vivemos, o “já sabido” que torna supérfluo seguir: achamos que já não precisamos seguir! Vemos isto pelo fato de dizermos a Jesus, como Pedro, o que Ele deveria fazer. Num determinado momento, propondo uma comparação que usamos outras vezes, comportamo-nos como Kant: «Se já temos o Evangelho, por que ainda precisamos seguir? Podemos agir por conta própria». Nesta posição – dos fariseus, de Pedro, de Kant e muitas vezes nossa – o “já sabido” vence sobre a “memória”. Desta forma, a palestra de ontem não quis ser sobre a “história sagrada”, que vocês já conhecem, mas a tentativa de nos tornar conscientes do método de Deus, um método que ainda não é nosso, que ainda não aprendemos ou aceitamos, ao qual podemos ter sempre a tentação de nos subtrair, de modo que frequentemente acabamos dizendo, como Pedro: «Não, não, não pode ser assim». Mudamos o método, separando-nos da origem. Mas o método há de ser sempre o mesmo: uma iniciativa constante de Cristo, para seguirmos. Não diz respeito só ao passado, senão que também e sobretudo ao presente. Por isso, Jesus adverte: «Quem recebe aquele que eu enviar, a mim recebe»,¹⁶¹ pois Ele continua mandando outros pelos quais se faz presente. Sem que reaconteça esta iniciativa, sem que reaconteça a Sua presença diante dos nossos olhos, não há experiência cristã, e com o que “já sabemos” não duramos nem sequer um dia. O método de Deus corresponde à nossa necessidade. Temos de estar conscientes disto.

Vamos à segunda parte da pergunta: como fazer para sempre ter o acontecimento de Cristo nos olhos e para aumentar a consciência da Sua

¹⁵⁹ Cf. Mt 16,15-17.

¹⁶⁰ Cf. Mt 16,22.

¹⁶¹ Jo 13,20.

presença nas atividades do trabalho? Lembro que uma vez me perguntaram como se podia fazer memória de Cristo enquanto se trabalhava. Respondi invertendo os termos do problema: «Como é que você consegue trabalhar sem fazer memória de Cristo?» Como vocês dão conta de encarar tantas horas de trabalho, às vezes entre complicações e dificuldades, sem fazer memória? Como você consegue acordar de manhã e levantar-se da cama, olhar para sua mulher ou seu marido e os filhos sem fazer memória? É justamente o contrário, como disse a nossa amiga indiana: mesmo quando tinha tentado fugir do que lhe acontecera, não pôde evitar que a primeira coisa que vinha à sua cabeça quando abria os olhos fossem os rostos das pessoas que tinha encontrado e que tinham como única característica terem sido conquistadas por Cristo. A memória do que a conquistara determinava a espera por tudo. A memória é o fruto de uma familiaridade que a tudo torna leve. Estes Exercícios indicam-nos o caminho que temos de percorrer: não porque nós é que tenhamos decidido, mas porque Ele é quem o traçou. Se voltamos à origem, é para recolocar diante dos nossos olhos o método de Deus: uma história, começada no passado, que continua no presente. Por isso, qualquer coisa, qualquer desafio, qualquer sofrimento são um convite à memória. Até mesmo qualquer insatisfação é uma ocasião para a memória: «Será que você não sente minha falta?»

Prosperi. «Poderia esclarecer o que significa que só se compreende com uma razão afetivamente empenhada?»

Carrón. Preparando os Exercícios – a primeira graça para mim é preparar este momento, na esperança de ser útil também para vocês –, marcou-me um texto que eu li muitas vezes; está contido no terceiro capítulo d’*O senso religioso*. Após ter falado da descoberta de Pasteur – provavelmente todos se lembram deste trecho –, Dom Giussani dá um exemplo: «Suponhamos que Marcos e eu estejamos andando pelas calçadas de uma rua, porque Marcos me propôs um difícil problema e eu me esforço para dar-lhe alguns esclarecimentos. Ele está me acompanhando, e eu, sempre mais inflamado, sempre mais lúcido – pelo menos assim me parece – exponho-lhe as minhas razões. “Então, compreende?” “Até aqui estou com você.” Seguimos com os olhos fixos na calçada, discutindo. Mas, num dado momento, ele ergue o olhar, enquanto do outro lado da rua passa uma linda garota; ele, sempre mais mecanicamente “Sim, sim”, fixando o olhar na bela silhueta e virando a cabeça enquanto ela se afasta; até que, retraindo o olhar melancolicamente quando ela desaparece no horizonte, volta a mim no mesmo instante em que concluo e lhe digo: “Então, Marcos, você

concorda?” E ele responde: “Não, não! Não estou convencido!”» Dom Giussani comenta: «Isto não é justo». Por quê? «Porque ele não prestou atenção. É o delito que a maioria das pessoas comete perante o problema do destino, da fé, da religião, da Igreja, do cristianismo» e de tudo o que acontece. Por que esta página me marcou tanto? Pelo que Dom Giussani diz logo em seguida: «A grande maioria o comete porque está “ocupada com seus afazeres”, porque tem o cérebro “morto e sepultado” para essas coisas»,¹⁶² isto é, não está comprometido de jeito nenhum. «Morto e sepultado», diz assim mesmo! Não é que não ocorram fatos espetaculares – por isso ontem eu contei o milagre da multiplicação dos pães –, mas, se o cérebro, diante de semelhantes fatos, está «morto e sepultado», nós não os vemos. O eu torna-se como uma pedra: podem acontecer as coisas mais espetaculares, mas o nosso eu não está lá. Por isso Dom Giussani ressalta que só pode entender quem estiver «comprometido com o que experimenta».¹⁶³ Quer dizer: a realidade existe, e existe também o meu eu, dotado do critério para reconhecer a verdade, mas a verdade da realidade e a natureza do meu eu só vêm à tona numa experiência, quando o meu eu está comprometido com o que existe e – ao mesmo tempo – está comprometido com o que experimenta, no que experimenta, quando depara com o que existe. É como quando se compram sapatos: você os vê na vitrine e pensa: «Esses sapatos foram feitos para mim. Combinam perfeitamente com o meu vestido. Parecem até ser o meu número». Mas só quando entra na loja e prova concretamente o sapato, comprometendo-se com o que experimenta, é que você vai saber se é o que cabe. Tudo pode funcionar perfeitamente na nossa cabeça, como escutamos ontem. A pessoa pensa: «Eu posso ir embora do Movimento, no fundo eu não preciso mais», porque tem certeza de que entendeu; mas quando se compromete com o que experimenta, tendo ido embora, a decepção assume e o juízo começa a vir à tona. E só quando volta começa a dar-se conta das coisas. É sempre a mesma história. Nós só entendemos se nos comprometemos com tudo o que nos afeta e no que experimentamos, caso contrário tudo o que acontece será inútil para o caminho que temos de percorrer. Então nos é pedido um trabalho. Não há outra maneira para entender. Muitas vezes nós esperamos um milagre que nos poupe a liberdade, mas Giussani nos diz: «Esperem um caminho e não um milagre que vos evite as responsabilidades, que anule o vosso cansaço, que torne a vossa liberdade mecânica».¹⁶⁴ Só quem fizer o caminho, a par-

¹⁶² L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 54.

¹⁶³ Idem, *Si può (veramente?!) vivere così?*. Milão: Bur, 1996, p. 82.

¹⁶⁴ Idem, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., p. 654.

tir de um encontro ou de um milagre, é que vai poder entender de verdade, senão vai acabar na mesma situação dos discípulos que discutiam sobre o pão no barco, aos quais Jesus disse: «E ainda não entendeis?»¹⁶⁵ Se não nos comprometermos com o que encontramos e no que experimentamos, começaremos sempre do zero, dependeremos constantemente do humor, não conheceremos de verdade o que temos na frente, e por isso nada do que se passa aumenta a familiaridade com Cristo. A questão não é fazermos as coisas, mas que nas coisas que fazemos não nos empenhamos numa comparação constante com o nosso eu, e assim não conhecemos a Cristo. A pessoa pode até errar, e com seus erros perceber que o que faz não a realiza, identificando a diferença entre Cristo e aquilo de que esperava sua realização; entende que o seu fazer não a satisfaz, porque Cristo não está nisso. Quando, tendo errado, percebo que Cristo estava ausente da minha vida, fico agradecido por isto: a consciência do meu erro me faz voltar a Ele, como aconteceu com o filho pródigo. A questão não é nunca errar. A fé, de fato, não é só para os anjos. É para os coitados, os que tropeçam como nós, que sempre aprendem do que acontece; é, pois, para homens de carne e osso.

Prosperi. «Marcou-me a passagem sobre Deus fazendo crescer a familiaridade consigo através das rebeliões e das decepções do povo de Israel, bem como com a forma com que Jesus respondeu à incredulidade dos apóstolos não com novos milagres, mas desafiando-os sobre a origem. Como faço para ter certeza de que, com as decepções, rebeliões e incredulidades, nos desafios da realidade, a familiaridade com Jesus cresce?»

Carrón. Isto é o que vocês mesmos têm de verificar, não adianta eu explicar. É preciso verificarmos se, justo quando vivemos nossas rebeliões, nossas decepções, nossos erros, Deus continua tomando a iniciativa em relação a nós, e se com ela cresce aos poucos a nossa familiaridade com Ele. Deus não se faz presente à nossa vida só quando somos bons. Mesmo quando o povo de Israel reclama por não ter alimento, Deus intervém em seu socorro, não espera que os israelitas sejam bons para fazê-lo. Deus intervém, faz-nos sentir Sua presença, usando de tudo, até as nossas rebeliões, justamente para nos mostrar a diversidade que Ele representa. Quanto a isto, é muito consolador reler a frase de São Paulo: «Tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus»,¹⁶⁶ com o comentário de Santo

¹⁶⁵ Mc 8,21.

¹⁶⁶ Rm 8,28.

Agostinho: *Etiam peccata*, até os pecados. Deus serve-se de tudo para nos mostrar Seu rosto. Como vocês fazem com seus filhos: quando se rebelam, quando estão bravos com vocês, quando se fecham em si mesmos, vocês continuam tomando a iniciativa com eles, e é nisto mesmo que eles podem reconhecer a diversidade de vocês e pensar: «Ainda bem que tenho minha mãe!» Vale também para nós: ainda bem que temos a Ti, Cristo! Nas decepções, nas quedas, não me abandonas, e em qualquer situação eu posso voltar para Ti. Então ficamos mais felizes com o fato de Cristo existir do que deprimidos por termos errado. A gratidão pela existência de Cristo prevalece sobre a dor do pecado; como a criança que chora: vê a mãe e começa a sorrir enquanto ainda está chorando. Desta forma, quanto mais a pessoa vê Cristo em ação na sua própria vida – para isso precisamos estar atentos ao que acontece, às iniciativas sempre novas que Deus toma conosco –, mais cresce a disponibilidade para confiar n’Ele. É como se ele nos dissesse: «Por que você se agita, se estou aqui? Ainda não compreendeu? Por que você se agita por ter esquecido o pão? Não entendeu quem eu sou?» Toda vez, através de tudo o que acontece, Cristo com Sua ternura nos retoma de novo, para entrar cada vez mais no fundo do nosso ser.

Prosperi. Talvez você já tenha respondido em parte, mas mesmo assim vou ler a próxima pergunta. «Fiquei comovido ao ouvir que aquilo de que sou feito é a liberdade e que sou chamado a participar da mesma liberdade com que Deus ama tudo. Você disse que a origem da escolha de Deus coincide com a finalidade dessa escolha. Foi como debruçar-me sobre uma possibilidade nunca pensada, sobre um cenário nunca visto: nunca pensei isto de mim. Em certo sentido, a familiaridade que desejo com Cristo coincide com essa liberdade, que me parece o bem mais precioso: uma liberdade cheia de inteligência. O que a conserva e que nexo tem com o conhecimento?»

Carrón. Esta liberdade pode parecer-nos como uma «possibilidade nunca antes pensada». E ainda assim é justamente o que nós somos, o nosso nome: Comunhão e Libertação. Nós pertencemos a este lugar justamente por essa experiência de liberdade. Obviamente não é suficiente repetir um nome para que a experiência de libertação entre nas nossas entranhas: é preciso que cresça uma familiaridade com Cristo. Eis por que insisto em que a primeira questão, a decisiva, é essa familiaridade. Se não tivermos cada vez mais certeza d’Ele, da Sua presença, da Sua paixão por nós, certeza de que o caminho que nos faz percorrer é para nós, será impossível fazermos experiência da liberdade. A liberdade, de fato, é como uma surpresa que brota dessa familiaridade, não é o resultado de um esforço nosso

ou de uma análise nossa. Temos de nos preocupar com apenas uma coisa: seguir Cristo quando intervier, como aconteceu ao povo de Israel. Assim compreenderemos que a liberdade sempre é fruto de sermos libertados, de deixarmos a Sua Presença entrar na nossa vida. Constantemente devemos prestar atenção a isto: a como se introduz em nós esta «possibilidade nunca antes pensada» de liberdade. Por isso não é inútil voltar ao povo de Israel, para ver como, da iniciativa de Deus por meio de todos os incidentes, todos os erros, todos os desafios, todas as dificuldades, todos os fatores que caracterizaram a sua história, surge a libertação. No seio da história da salvação, que continua hoje e nos envolve, tudo é precioso para que a familiaridade com o Senhor possa entrar cada vez mais em nós. É suficiente dar-nos conta de que precisamos permanecer ligados à origem, à «fonte», que é Ele, se quisermos realmente ser livres. Com efeito, a tentação de pensar que tudo depende de um esforço nosso e não da certeza de uma Presença está sempre à espreita. Mas o que conserva a experiência da liberdade é permanecer em relação com Quem a origina. Quando Israel achou que possuía a verdade e se separou do Senhor que o tinha libertado, teve a confirmação: acabou na escravidão. A liberdade nunca há de ser uma posse nossa, é um dom que recebemos continuamente. É isto o que penamos para entender. Tratamos a liberdade como se fosse uma caneta que alguém nos dá: «Agora é minha – pensamos – e ninguém me tira». Isto é falso. A liberdade é como um fogo: se não for alimentado, apaga-se. Se nos afastamos da fonte, que é a presença de Cristo que reacontece, recaímos em alguma espécie de escravidão, como dissemos ontem. Então entendemos por que toda a tentativa de Deus é a de nos conduzir ao olhar da criança testemunhado a nós por Jesus, que recebe tudo como dom do Pai. Isto significa que eu só posso continuar livre se aceitar a liberdade que Outro me dá. E esta é a coisa mais difícil de fazer entrar na nossa cabeça, a mudança mais árdua na nossa maneira de conceber. A conversão, como dissemos tantas vezes, está no nível da consciência de si e do que o acontecimento de Cristo é para nós. Normalmente, de fato, usamos a palavra “acontecimento” para indicar um gatilho que foi ativado num dado momento, depois do qual as coisas seguiram em frente por conta própria. Ao contrário, o acontecimento de que estamos falando ocorre continuamente, está sempre presente, caso contrário a liberdade se perde, torna-se impossível

Portanto, vai ser crucial retomar a Primeira Palestra, trabalhando sobre ela nos próximos meses, pois é o que sentimos como mais longe de nós, enquanto mentalidade: somos tentados a achar que o dom recebido – a nossa libertação – já se tenha tornado ou possa tornar-se uma posse nossa.

Prosperi. «Ontem você disse que Cristo está aqui para nós, para vencer todos os nossos medos. Eu tenho medo pelos meus filhos, tenho medo de educá-los nesta cultura que diz que ser homem ou mulher não é um dado de fato, e onde é o Estado quem decide se o seu filho deve viver ou morrer. Como faço para combater esse medo, como faço para ficar diante de colegas e amigos que acreditam nisto, sem continuar a me queixar e a me sentir continuamente esmagada?»

Carrón. Este é um desafio impressionante, para ela e para cada um de nós. Cada um deve fazer a verificação de como responderia a essas perguntas. É crucial. Esta nossa amiga só pode não ficar determinada pelo medo se Cristo for capaz de fazer dela uma criatura nova. Este é o salto de consciência de que fala a Página Um, para o qual Dom Giussani sempre nos chamou a atenção: quanto mais os dias são difíceis, mais é o tempo da pessoa. O desafio é a geração de um sujeito, senão deveríamos declarar o cristianismo morto e sepultado, como algo que servia para uma época, mas não serve para hoje! O cristianismo nasceu em dias piores do que os nossos, no Império Romano, e atravessou momentos realmente difíceis, mas nenhum poder deste mundo pôde impedir a formação de um eu, de uma criatura nova, como São Paulo testemunha. Se não fizerem a experiência da criatura nova que Cristo trouxe ao mundo, vocês vão contagiar seus filhos com a sua própria insegurança existencial, vão injetar o medo no sangue deles. E não vão conseguir resolver a situação dando bons conselhos: é muito pouco para combater uma situação como a descrita na pergunta. Vocês só vão conseguir acompanhar seus filhos se eles virem em vocês uma certeza, senão vocês vão acabar comunicando a sua cultura, que nasce de uma insegurança existencial. Mas quem disse que temos de estar no mundo deste jeito? Podemos estar no mundo de outra maneira! É o grande desafio que hoje a Igreja tem à sua frente: formar sujeitos capazes de viver de maneira diferente justamente nesta sociedade, não no redil, não no quartel, não num espaço protegido; formar sujeitos capazes de estar neste mundo, vivendo não ambigualmente, mas carregando toda a novidade de uma presença original, que nasce da fé vivida, porque é isto o que interessa e desafia os outros. É o desafio mais potente pelo qual eles podem sentir-se investidos e do qual, consciente ou inconscientemente, estão à espera.

Estes Exercícios são a tentativa de continuar o nosso caminho para uma familiaridade cada vez maior com Cristo, nossa certeza, para que não prevaleça em nós a insegurança existencial e, assim, o medo, que tornará a nossa contribuição igual a zero. Só quando não comunicamos a inseguran-

ça, mas a certeza que nasce da fé, da familiaridade com Cristo; só quando não comunicamos um “já sabido” – que não basta nem para nós vivermos: sabemos por experiência que até conhecer a Escola de Comunidade como discurso não adianta para vencer o medo –, mas um frescor de vida nova, só então identificamos uma presença adequada para o desafio que vivemos. O Mistério fez-se carne para poder acompanhar a nossa vida, a fim de que entrasse na história uma presença diferente, que contagia os outros de acordo com um designio que não é o nosso, como vemos em tantas ocasiões.

Prosperi. «Eu e meu marido não podemos ter filhos. Esta estranha iniciativa que Deus tomou conosco não me faz sentir preferida. Meu coração grita este desejo de maternidade, mas percebo que ultimamente o meu coração tem estado endurecido, reduzido a uma forma de felicidade minha, e a reclamação dos discípulos prevalece também na minha vida (por que não podemos ter filhos? por que justo conosco?). Como se faz para não reduzir esse desejo e para ter um coração novo quando a realidade diz “não”? Por que Deus coloca no meu coração um desejo que a realidade me nega? Como o coração endurecido pode renascer de uma ferida?»

Carrón. O que Deus coloca no seu coração é o desejo de felicidade, não a forma específica da sua realização, que você, muito compreensivelmente, fixa. E Deus respondeu ao seu desejo de felicidade dando a vida por você. Se ficarmos maravilhados e agradecidos por isto, se nos apoiarmos no “cheio” da presença de Cristo morto e ressuscitado, então podemos enfrentar qualquer situação. Senão prevalecerá o medo. Encarnando-se, morrendo na cruz por nós, ressuscitando, e com isso permanecendo presente na história, Deus nos deu uma superabundância de resposta, além de qualquer medida. Como então ficar diante da situação misteriosa que você descreveu? Por que tinha de acontecer justo a vocês? Não sei, ou melhor: Cristo não nos dá uma resposta intelectual, na forma de uma explicação, mas nos diz: «A resposta ao seu desejo sou eu». Só aceitando isto, ou seja, fazendo experiência da correspondência única da Sua presença ao seu coração, você vai poder olhar para a ferida de não ter filhos e vai ficar agradecida por Cristo existir. Esta é a esperança da vida. Qual há de ser a maneira pela qual o Mistério a fará transbordar de plenitude e alegria, Ele vai indicá-la através do que for acontecer. O importante é que a lamentação não prevaleça sobre o maravilhamento pela superabundância do que Ele te dá. Somos livres e felizes porque temos tudo. Insisto, se não fizermos a experiência de nos apoiar no “cheio” da presença d’Ele, se não estivermos

agradecido por ter encontrado Cristo e não experimentarmos que tudo é abraçado por Ele, então a lamentação levará a melhor.

Prosperi. «Imerso na cultura de hoje, o homem tende a esmiuçar os problemas e analisá-los para chegar ao fundo de todas as questões. Como é possível chegar a um olhar mais de criança sobre a realidade, sem censurar a própria abordagem racional? Como encarar as perguntas de hoje com o coração de uma criança?»

Carrón. É uma questão à qual Dom Giussani sempre voltou: é fácil para uma criança estar na postura com que nascemos, ou seja, numa simplicidade e sinceridade perante o real, naquela abertura afirmativa que se expressa como curiosidade. Mas se um adulto não se empenhar numa constante educação para isto, se o considerar como mera espontaneidade, não conseguirá torná-lo verdadeiramente seu, aliás, pouco a pouco o perderá, cedendo ao pensamento de que essa abertura seja coisa de ingênuo, funcione para as crianças, mas nos adultos tenha de dar lugar à única posição realmente “inteligente”, que é o ceticismo. «Não sou nada ingênuo!»: quantas vezes não ouvimos isto de pessoas adultas? A questão, atenção, não é ser “ingênuo”, mas permanecer na postura original em que somos criados, com os olhos escancarados para o real. Você não gostaria de olhar para a sua mulher como a primeira vez? Ou para seus filhos como quando os viu sair do seu ventre? O que nos permite ter esse olhar depois de nos tornarmos adultos? Para nós, como disse Nicodemos, é impossível. Só pode ser um dom, que deve ser constantemente favorecido numa educação. Por isso, se não nascemos toda vez de novo, esse olhar desaparece, e com ele também a razão, que fica reduzida a medida. Para conhecer autenticamente o real, é preciso acima de tudo uma «razão que se abre», se escancara, antes de uma «razão que explica».¹⁶⁷ Por isso, para Giussani, o problema da inteligência está todo contido no episódio de João e André. No encontro com Jesus de Nazaré, João e André são atraídos, fascinados, tomados; é neste momento que a razão deles, enquanto sustentada pela afeição, se abre e se realiza conforme toda a sua natureza. Pois bem, a única razão verdadeira é a que se mantém toda escancarada para o real, como se dá na criança. Por isso, dissemos, sem participar de um lugar onde nós somos continuamente escancarados, terminamos encalhados nas nossas análises, adotando sem saber «os esquemas do mundo, que amanhã

¹⁶⁷ S. Alberto; J. Prades; L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 22.

serão diferentes dos de hoje». ¹⁶⁸ Pelo contrário, «a cultura nova [...] parte de um encontro feito», diz Giussani, «de um acontecimento do qual se participa, do deparar com uma Presença, e não de livros que se leem ou de ideias que se ouvem. Esse encontro tem um valor genético, na medida em que representa o nascimento de um sujeito novo, que surge num lugar determinado e num momento da história, e aí é alimentado e cresce como personalidade nova, com uma concepção única e irredutível a qualquer outra, [...] um conhecimento diferente». ¹⁶⁹ Será que estamos dispostos a não nos separar desse encontro que tem um valor genético para podermos manter um olhar verdadeiro para o real? Só Cristo salva a razão! Com as nossas análises não vamos muito longe.

Prosperi. «Quando você falava da redução do acontecimento a ideologia, fez com que nascesse em mim uma pergunta que normalmente me vem à mente: que diferença há entre pessoas boas (batizadas ou não) e quem encontrou Cristo?»

Carrón. Há uma diferença inconfundível, que não é criada por nós. Se estamos aqui é justamente porque nos defrontamos com essa diferença. Como a nossa amiga indiana: achou-se diante de palavras e fatos, de uma presença humana realmente impensável, de pessoas com uma abertura do coração e da razão, de um olhar para si e para os outros, uma gratuidade, uma letícia, uma fecundidade, uma construtividade – como dissemos ontem à tarde – que não têm comparação, com uma forma de enfrentar a vida, a dor e a morte que não pode nascer de capacidades próprias. Seria bom ler a *Carta a Diogneto*, mas antes seria preciso olhar ao nosso redor: entre nós há muitos exemplos de uma forma de estar dentro até das circunstâncias mais difíceis com uma plenitude e uma esperança que o homem não pode dar-se por si. Por isso, Dom Giussani chama tal humanidade de «milagre». Se estamos aqui e não em outro lugar, é porque não se vê esta humanidade em toda parte e não é fruto de um esforço de coerência do homem. Mas cada um deve dizer isto a partir da própria experiência, para responder à pergunta em primeira pessoa. Depende da consistência da nossa adesão.

Prosperi. A última série de perguntas é sobre a companhia.

«Na Introdução de sexta-feira, você nos disse que “a nossa companhia deve descer mais a fundo, mais no fundo, e [...] deve dizer respeito ao nosso

¹⁶⁸ Ibidem, p. 75.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 152.

coração' [...], deve introduzir-nos [...] a “um relacionamento pessoal com Ele”. Quais indicações você pode dar para essa tarefa, em particular com referência aos grupos de Fraternidade?»

«Eu estou sozinho, moro longe das comunidades do Movimento. Como posso viver a familiaridade com Cristo? O que ela tem a ver com as questões concretas de todos os dias?»

«A nossa amiga indiana não está mais no lugar da companhia, mas é como se não pudesse arrancá-lo de si, mesmo dizendo “não” tantas vezes. Que caminho este fato indica para a nossa vida?»

Carrón. A sugestão mais simples que lhes dou é permanecer ligados à experiência, porque assim pode acontecer o que esta carta ilustra (e que nos ajuda a responder também à pergunta anterior): «Duas linhas para lhe comunicar a alegria e o encanto pela assembleia que fizemos ontem com o nosso *visitor*. Uma assembleia toda baseada na experiência, e que experiências! Foi a explosão do testemunho da verificação da fé na vida de cada um. Experiências de doença grave, de morte da esposa, de perda do trabalho, de um gosto ao jogar o próprio “eu” e envolver-se na vida da cidade em que se mora ou na própria escola, de dificuldade econômica com a chegada do sexto filho, de problemas na família com a presença de filhos adotados, de maravilhamento com o milagre da disponibilidade dada por dois amigos ao hospedarem um nigeriano que ficou sem lugar para dormir. Foi realmente a demonstração de como a fé incide na vida e do centuplo nesta vida. Dentro de toda a dramaticidade da vida de cada um, era evidente que todos estavam felizes e cheios de letícia, e isto era desconcertante, de deixar boquiaberto: uma lufada de novidade e de fascínio. Se Jesus queria convencer-nos de que nos convém segui-Lo para o nosso bem e o de todos os irmãos homens, ontem Ele conseguiu!» Isto está ao alcance de qualquer um. Por isso, a sugestão que lhes dou é: troquem amplamente experiências entre vocês, acompanhando-se no caminho. Hoje em dia ninguém pode dizer-se isolado. Há incontáveis possibilidades para se manter em contato, mesmo quem está no lugar mais perdido do mundo. Temos o celular, o Skype, a transmissão por vídeo da Escola de Comunidade, a *Passos*, o site de CL, enfim, tudo! Quem me dera ter tido à disposição todos esses instrumentos quando encontrei o Movimento. Portanto, quem quiser ser acompanhado tem tudo o de que precisa. Quem te impede de usar esses instrumentos? É marcante a consciência tão viva da garota indiana acerca do valor do encontro feito, o valor cognoscitivo do encontro. Entrou nela tamanha novidade, sentiu sobre si um olhar tão novo, que já não consegue esquecer. Nesta garota vemos documentado o que Dom Giussani nos

diz: nela Cristo não está longe do coração, mas penetrou até o fundo no coração. Por isso não está sozinha, carrega a companhia dentro de si. Não pode olhar para nada, entrar em relação com nada sem fazer a comparação com o olhar que a invadiu, que agora já a constitui e que ela continua experimentando na relação com os amigos. E mesmo agora, que ela está isolada no meio do nada, continua vivendo aquela relação como pode. A companhia de Cristo a define, e por isso ela procura o rosto d'Ele em cada rosto que encontro pela rua. Se nós realmente damos tudo de nós na vida, ricos de tudo o que o Mistério nos deu e nos dá, podemos dizer, como São Paulo aos cristãos de Corinto: «Não tendes falta de nenhum dom».¹⁷⁰

Domingo, 6 de maio, houve a assembleia conclusiva dos Exercícios Espirituais da Fraternidade em Ávila, na Espanha, pregados pelo padre Julián Carrón, da qual propomos três perguntas e respostas.

A eleição supõe que haja também “não eleitos”? Há algumas afirmações que você fez acerca da eleição que ainda não entendi. Entendo a desproporção entre a graça e o mérito, mas a eleição parece algo injusto, como se fosse algo anterior à liberdade e houvesse “não eleitos”.

Julián Carrón. Quando alguém te dá um presente, você o considera injusto porque precede a sua liberdade?

Não. Mas há pessoas a quem Deus não dá nada?

Calma! Você pode opor o que quiser, mas não pode pôr em discussão o que acabou de dizer. Não é injusto alguém te dar algo antes de você exercer sua liberdade. Aliás, é justamente o que você está esperando. Quando alguém te ama gratuitamente, é injusto porque precede o movimento da sua liberdade? Este é o ponto de partida, uma experiência elementar que todos nós vivemos, antes de qualquer reflexão. O primeiro gesto de Deus para permitir que o homem chegue à plenitude do seu destino não é uma explicação: se assim fosse, não demoraríamos a ficar travados. O primeiro gesto é um fato – uma escolha, uma preferência totalmente gratuita, um vir ao encontro –, que te pega tão desarmado porque acontece antes que você possa encaixá-lo dentro dos seus esquemas ou colocá-lo em discussão. É impressionante. Se este fato não nos definir antes de qualquer outra coisa, sempre estaremos amarrados, aprisionados nas nossas medidas. O

¹⁷⁰ 1Cor 1,7.

primeiro gesto de Deus no Antigo Testamento foi uma iniciativa absolutamente gratuita, que não tinha nenhuma motivação anterior no homem. «O Senhor afeiçoou-se a vós e vos escolheu, não por serdes mais numerosos que os outros povos – na verdade sois o menor de todos.»¹⁷¹

O mesmo se verifica quando Jesus vai à casa de Zaqueu. Não foi lá porque Zaqueu fosse bom, Jesus sabia muito bem que ele era um pecador. A reação de Zaqueu – diz o Evangelho – é que «o recebeu com alegria».¹⁷² Esta é a primeira experiência, algo de absolutamente elementar: um maravilhamento. Contudo, é difícil – ou pelo menos não é imediato – que a pessoa permaneça nessa posição inicial; um momento depois e já nos estrepamos. Também constatamos isto na reação dos que viram Jesus entrar na casa de Zaqueu. «Foi hospedar-se na casa de um pecador! Mas aquele lá não merece! Como é possível?»¹⁷³ Consideram injusto. É este o escândalo cristão.

Mas o fato de que o amor de Deus excede as nossas medidas e que a justiça humana é de outra ordem, é uma coisa que aprendi a reconhecer na minha vida. Além disso, eu me dou conta de que, quando meço em termos humanos, no fim fico com a minha tristeza e a minha solidão. Por outro lado, na parábola dos trabalhadores na vinha se fala de um amor igual para todos: dá ao último como ao primeiro, e o primeiro, se tiver um coração simples, se alegrará pelo último. Porém, quando você fala de eleição, parece-me que ela implica que alguns não são escolhidos.

Fico feliz que você se debata contra o termo “eleição”, porque na maioria das vezes o damos por óbvio. O fato de não dar por óbvia a eleição é um dom que você recebeu hoje; é um dom o fato de algo em você ter-se rebelado e tê-lo feito dizer: «Isto não é justo!» Mas você não está sozinho: tem muitos companheiros de estrada, para os quais a palavra “eleição” deveria ser removida da Bíblia, por remeter a uma coisa injusta.

Para mim sempre foi assim.

É importante nos darmos conta disto: parece-nos injusto porque, para nós, escolher alguém equivale a excluir outros. Raciocinamos assim porque não entendemos o significado da ação de Deus, quer dizer, o motivo por que Ele leva a cabo uma escolha. Qual é o método de Deus? Seria suficiente ler dois trechos da Bíblia para ver que Deus, quando escolhe, não está excluindo ninguém. O primeiro: Deus «quer que todos sejam salvos

¹⁷¹ Dt 7,7.

¹⁷² Lc 19,6.

¹⁷³ Cf. Lc 19,7.

e cheguem ao conhecimento da verdade»,¹⁷⁴ isto é, o desígnio de Deus diz respeito a todos, abraça todos. O segundo: «Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores». ¹⁷⁵ Morreu por todos, ninguém excluído.

Então, qual é o método que Deus usou? Não escolheu alguns para excluir outros, mas para chegar aos outros por meio daqueles. Se nós fôssemos como os terminais últimos de um grande centro de cálculo, os dados – neste caso a salvação – chegariam a todos automática e simultaneamente, e tudo pareceria mais direto. Mas se abriria mão da liberdade do homem. Deus, porém, que nos quis livres, respeita a nossa liberdade justamente chamando alguns a responder livremente, e por meio destes chama outros a responder com essa mesma liberdade. É fundamental compreender este método, para que você possa dar-se conta, ao mesmo tempo, da graça que recebeu e do fato de não tê-la recebido só para você, mas a fim de que ela chegue aos outros através de você. Jesus não escolhe os doze só para eles mesmos, para só eles poderem gozar da presença d’Ele, mas para enviá-los ao mundo inteiro, a fim de testemunharem o que Cristo significa na vida. Qual é, de fato, a objeção mais grave que o anúncio cristão pode suscitar? Meus alunos em Madri já me diziam: «O que o Evangelho diz é lindo, mas não existe mais, não posso mais tocá-lo com as mãos». Como é que Deus responde a esta objeção? Agindo de modo que o homem de hoje encontre uma pessoa – real, de carne e osso, como você – em que possa ver acontecer o que escutamos no Evangelho, ou seja, por meio da qual o acontecimento original reacontece. Só assim o homem de hoje pode começar a interessar-se por Cristo: ainda não entende a origem da sua diversidade, mas o encontro com você, com uma pessoa real, provoca a razão e a liberdade dele. Deus continua, segundo um desígnio que não é o nosso, chamando você, que pode responder “sim” ou “não”, e se o aceitar Ele muda a sua vida, enche-a de alegria, de fecundidade, “demonstrando” com essa mudança a Sua presença a outros. É a mesma coisa que fez com Zaqueu e com os discípulos: escolhe-os para que, através deles, outros possam encontrar na carne – não em seus pensamentos, não virtualmente, não como num sonho – alguém que desafie sua razão e sua liberdade.

Será que tudo isto é real? Sim, e você o viu. Por isso, o método de Deus não é injusto: é um método pelo qual Deus, concretamente, realmente, historicamente, curvando-se à modalidade de compreensão do homem – que é carnal e histórica –, dialoga com a razão e a liberdade de cada um de nós. Evidentemente, se entendemos a eleição como exclusão de outros,

¹⁷⁴ 1Tm 2,4.

¹⁷⁵ Rm 5,8.

é compreensível que nos pareça uma coisa injusta. Ao contrário, se a concebemos como ela é, quer dizer, como um caminho para chegar aos outros, então a eleição não exclui ninguém. Este é o método de Deus, um método que respeita a liberdade do homem.

O que significa que a liberdade se dá simultaneamente ao fato de sermos libertados? A prova de que conhecemos a Deus é que somos livres, e não somos livres se Ele não nos libertar constantemente, mas ao mesmo tempo Ele precisa da nossa liberdade para ser reconhecido. Preciso entender essa unidade na vida cotidiana, e como isso acontece em você, Julián.

Como vimos, nós entendemos o verdadeiro significado das palavras com a experiência. Por exemplo, compreendemos o que significa amar quando nos sentimos amados, como nos disse a nossa amiga que esteve na Índia. Ninguém a tinha olhado como aquela colega de faculdade que encontrou em Madri, não imaginava que pudesse ser amada com semelhante gratuidade, e quando sua mãe a abandonou e declarou que não queria mais vê-la, tornou-se evidente que para entender o que significa amar, para poder amar, era preciso ser amada. O mesmo se dá com a liberdade: nós entendemos o que é a liberdade pela experiência. Por isso, Dom Giussani, pedagogicamente, sempre nos disse que, se quisermos entender o que é a liberdade, em vez de partir do substantivo, da definição (o que nos levaria a infinitas discussões), temos de partir da experiência, que é indicada pelo adjetivo: quando você se sente “livre”? Uma vez que o homem só consegue entender as coisas desta forma, por meio da experiência, Deus, em sua ternura única, debruça-se sobre a nossa necessidade.

Com o propósito de fazer o povo de Israel compreender o que é a liberdade, Deus age de modo a que eles experimentem a libertação: tira-os do Egito, livrando-os da escravidão. Enquanto homens, os israelitas tinham sido criados livres, a liberdade pertencia pois à natureza deles. Mas no Egito não se sentiam livres. De fato, eram escravos. Nós também somos livres por natureza, mas ao mesmo tempo não nos sentimos livres nas circunstâncias, tanto é que ficamos sufocados. Quando o povo de Israel é libertado do Egito, vive uma experiência de liberdade, de libertação, e começa a confiar em Deus. Sentem-se livres, começam a respirar, deixam de ficar sufocados nos trabalhos forçados. Mas, logo depois, muitas rebeliões seguem-se a essa experiência de libertação. O povo de Israel, como vimos, repetidamente cedeu à presunção de poder conquistar sozinho a liberdade, e isto provocou ainda mais escravidões. É o que também acontece conosco. Para podermos ser livres, precisamos aceitar a condição que possibilita uma experiência efetiva de liberdade: sermos libertados. Assim nós, con-

quanto livres por natureza (não estamos sujeitos aos mecanismos do instinto), ficamos sufocados nas circunstâncias, não conseguimos dizer “eu” até o fundo: não somos livres. Por isso eu pergunto tantas vezes: quantas pessoas você conhece que sejam livres? Livres na realidade, não na imaginação delas. É preciso perceber que todos somos livres por natureza, mas que na realidade – não dentro do quarto, no mundo virtual, nos sonhos, mas sim no dia a dia, no trabalho, em casa, com os amigos, nas circunstâncias – há realmente poucas pessoas livres. Neste nível podemos identificar a diferença que o gesto de Deus introduz, reconhecendo que a liberdade se dá simultaneamente ao fato de sermos libertados.

Para entender se somos livres, então, basta nos surpreendermos em ação na realidade, nas circunstâncias concretas, para ver se respiramos lá onde vivemos. Se nos descobrimos focados em reclamar por sempre haver algo errado, isto significa que a liberdade em nós é puro fingimento, de fato. É assim que cada um de nós pode investigar, além de suas palavras, de suas interpretações ou de suas discussões, se é livre de verdade, e quem ou o que o torna livre. O sinal de que eu acolho como dom o que recebo de Deus a cada instante é a minha libertação. Ao contrário, quando tenho a pretensão de possuir a minha liberdade, quando a concebo como liberdade autônoma, quando já não me sinto necessitado e me separo da origem que me dá a liberdade, esta desaparece, e aí começo a ficar sufocado. Então sempre precisamos receber a libertação e acolhê-la. Por isso, a nossa amiga indiana dizia: «Há um pequeno ponto que depende de mim», e é reconhecer tudo o que lhe aconteceu.

Não existe liberdade sem que eu acolha a libertação que Ele me quer dar. Para poder libertar-me, Deus precisa que eu me deixe libertar. Deus, com efeito, não quer entrar na nossa vida como um elefante numa loja de cristais, como um tanque de guerra que demole a nossa liberdade, sem nos pedir permissão. Deus respeita tão profundamente a nossa liberdade, que nos presenteia tudo, mas para entrar aguarda e mendiga o nosso sim, a nossa liberdade: «Você me acolhe?» «Alguém quer vir atrás de mim, quer seguir esta experiência?» Deus também nos oferece um método infalível para entendermos se estamos seguindo Seu convite: a experiência do cem por um: «Quem me segue terá o cêntuplo».¹⁷⁶ Não é questão de discussões ou interpretações: não adiantam. Você consegue saber se está acolhendo o que o Senhor te dá, verificando na realidade se a sua vida fica cem vezes mais humana, mais verdadeira, se a sua vida respira. Eu vivo assim. Não tenho outra experiência para contar além desta. Quando você segue,

¹⁷⁶ Cf. Mt 19,29.

respira. Quando não segue, fica sufocado. Porque a liberdade sempre nos é dada numa relação, e isto é o que aprendemos de toda a história que nos precedeu. Num determinado momento podemos achar que, como “já sabemos”, como já recebemos, podemos parar de receber, de acolher e de seguir o dom de Deus. Mas não, esta não é uma etapa superável, não existe um momento em que eu já não precise receber e acolher. Existe só uma consciência cada vez maior da necessidade que tenho de acolhê-lo. Porque, quanto mais compreendo de que se trata, quanto mais compreendo que a experiência da liberdade me é dada, mais entendo que a única possibilidade de ser realmente livre, de fazer experiência da libertação, é recebê-la do Único que a pode dar e que a torna possível. Esta é uma decisão que não podemos delegar a ninguém.

Gostaria de entender melhor qual é o papel da companhia dentro deste percurso. Você fala de uma «companhia» como ajuda contra a «desmoralização». Também diz: «A nossa companhia [...] deve descer mais a fundo, mais no fundo» [...] deve introduzir-nos a “uma relação profundamente pessoal com Ele”, com Cristo». Interessa-me demais porque, pelo percurso que fiz este ano, vejo como necessária uma companhia como aquela de que você fala. Reconheço certos rostos que são companhia, mas percebo que somos muito travados, a começar por mim. Tenho a exigência de sermos realmente uma ajuda uns para os outros. O que significa pertencer a um lugar, pertencer a esta companhia, além do formalismo? Na Introdução, você disse: «Mas, chegando a esse nível, esclarece Giussani, ao nível do meu reconhecimento de Ti, ó Cristo, ou seja, ao nível do coração, ninguém pode delegar a outros uma resposta que só pode ser sua». E depois citou Giussani: «O coração é a única coisa em que é como se não houvesse parceiros». Reconheço que este «não ter parceiros» é o maior sinal da minha grandeza. Não posso dá-lo por óbvio no momento de fazer o caminho de conhecimento de Cristo. Às vezes achamos que a insatisfação, a tristeza, o fato de as coisas não se encaixarem, as decepções, etc., sejam aspectos que temos de controlar, lapidar, eliminar. No entanto, eles são um eco do coração de que você fala, o lugar da maior preferência de Deus por mim, da maior companhia. O coração, que não tem colaboradores, é o meu melhor colaborador. Mas muitas vezes percebo que no mundo adulto não nos atrevemos a partir deste colaborador que é o coração. Pode ajudar-nos neste ponto?

Vou começar pela primeira pergunta. O Mistério, se estivermos atentos a como você descreveu as coisas, sempre nos fornece algumas pegadas. E qual é a pegada que o Mistério deixa para você poder entender o que é a companhia? Você reconhece na sua experiência que certos rostos são com-

panhia. Talvez não todos, mas alguns você os reconhece claramente como companhia. Mais uma vez dizia a nossa amiga indiana: «Cristo devia ser como vocês, uma pessoa que ajudava os outros a se entender, a olhar o fundo do próprio coração», a conhecer o verdadeiro íntimo de cada um, «e a entender quem eram». O mesmo se deu com João e André: começaram a entender quem eram porque encontraram alguém, Jesus. Começaram a compreender seguindo aquela pessoa. Esta é modalidade, o método de Deus, desde Abraão até hoje. Então, você pode entender seguindo aqueles rostos e ficando atenta a como acontece neles o que deseja para si. A primeira questão, então, é de atenção. Não é um problema de inteligência, antes de tudo. Porque você poderia dizer: «Eu sou mais inteligente e esse outro é um ignorante, como é que pode me dizer algo de interessante?» É verdade, pode até ser um coitado, mas o Senhor se usa dele – mesmo sendo coitado – para te chamar. Então, a primeira questão é ter uma atenção, juntamente com a disponibilidade para seguir a forma com que o Mistério te chama: através daqueles rostos. É assim que você descobre qual é a companhia verdadeira para a sua vida. Descobre e reconhece, mas não a decide. Às vezes você preferiria outros que são mais simpáticos, com quem se dá melhor, mas não é você quem decide quem realmente te ajuda. Cabe a você reconhecê-lo: estando com determinadas pessoas, você volta para casa e continua com alguma coisa dentro, e vê que no dia seguinte está se relacionando diferentemente consigo mesma e com a realidade, olhando as coisas de outra maneira. Então começa a se dar conta de que aquela é uma companhia que te faz ser mais você mesma, que te faz ir até o fundo de tudo.

Por isso dizíamos ontem que a companhia é o lugar, gerado por Cristo, que nos ajuda a ganhar consciência daquilo que somos. E qual é a maior ajuda que Ele te dá? Qual é a maior ajuda que Jesus dá a Seus discípulos? Que companhia Jesus lhes faz? Tira-os de suas reduções, desperta-lhes o coração, gera um sujeito capaz de olhar toda a realidade, até à sua origem. O que Jesus faz quando se coloca como companheiro de caminhada dos discípulos de Emaús? Tinham na sua frente uma longa lista de fatos e de milagres de Jesus, e mesmo assim estavam caminhando cheios de ceticismo. Aproxima-se aquele desconhecido, que pergunta sobre o que estão discutindo, e lhe dizem: «És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aconteceu nestes dias?»¹⁷⁷ Ele sabia muito bem o que tinha acontecido... contudo, o que Jesus faz? Que companhia lhes faz? Diz: «Será que tendes o coração endurecido? Sois tão sem inteligência que não

¹⁷⁷ Lc 24,18.

entendem o que se passou? »¹⁷⁸ Jesus provoca-os a ampliar o horizonte do olhar, a reabrir o coração e a razão. De fato, depois, quando o reconhecerem ao partir o pão, dirão um ao outro: «Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?»¹⁷⁹ Qual foi a maior ajuda que Jesus lhes deu? Originou neles um eu capaz de reconhecê-Lo. Quanto mais se desperta o nosso coração, mais entendemos que ele não pode ser satisfeito senão por Quem o criou, por Quem é o único no qual ele encontra sua realização. Cristo é o único que salva o desejo, que o faz vir à tona em toda a sua grandeza, na sua infinitude, respondendo a ele. Mas, quanto mais descubro a natureza do meu eu, sua irredutibilidade, sua unicidade, tanto mais fica claro o caráter insubstituível da minha responsabilidade: não posso delegar a ninguém a responsabilidade de dizer “eu”, de dizer “sim” a Quem me desperta e me pede para poder salvar-me.

Giussani nos diz coisas que só começamos a entender quando acontecem em nós, quando fazemos experiência delas. Como quando nos diz que o eu «é relação direta e exclusiva com Deus».¹⁸⁰ Trata-se do *meu* eu e da *minha* relação pessoal com o Mistério: não posso delegá-la a ninguém. Você, eu, cada um de nós é único; não somos um entre os muitos do rebanho, uma pecinha de um mecanismo global, não. E o Mistério quer estabelecer com cada um de nós uma relação única, uma intimidade única. É você quem é chamado, em primeira pessoa, e é você quem vai dizer “sim” ou “não”. Esta resposta não pode ser delegada. Sempre me marcou o caminho que Giussani nos faz percorrer com os livros do *PerCurso*. No começo, no primeiro capítulo d’*O senso religioso*, faz-nos reconhecer que temos o critério para discernir, para identificar aquilo de que o nosso coração precisa. Depois expõe o percurso todo, apresentando a pretensão cristã, o acontecimento de Cristo, o caminho dos discípulos, e depois a Igreja, como lugar da permanência de Cristo na história, e portanto também o nosso caminho. E no fim de todo este percurso ele diz: «A que é que Cristo confia tudo o que fez diante de você? Qual é o critério último para julgar? O seu coração». Cristo não quer que adiramos a Ele mecanicamente. Quer que adiramos a Ele por O reconhecermos como a resposta à necessidade do nosso coração, caso contrário ficaria fora de nós. Entendem por que o nosso “sim” não pode ser delegado a ninguém? Giussani diz que ninguém pode trapacear: Cristo não trapaceia conosco, mas nós tampouco podemos trapacear com Ele. Isto é o que torna a vida verdadeiramente

¹⁷⁸ Cf. Lc 24,25.

¹⁷⁹ Lc 24,32.

¹⁸⁰ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Cia Ilimitada, 2012, p. 125.

dramática. Neste sentido, o coração não tem parceiros. «O amor que Deus me tem faz de mim o que eu sou em verdade e definitividade: estabelece o Eu que Deus quer ver na Sua frente e ter para Si, dirigido a Si», afirmava von Balthasar. A predileção que Ele tem por você é a única que pode corresponder completamente ao seu coração. E os outros, por sua vez, na medida em que vivem esta relação, me ajudam a não me contentar com qualquer coisa menor do que esta, fazem com que eu vá até o fundo da minha necessidade humana.

Desta forma, todo o desígnio de Deus é para podermos encontrar o Único que nos responde. E, se não tivermos uma resposta para nós, para cada um de nós, não teremos também uma resposta para os outros: o mundo ficará sem resposta. Se não fizermos, em primeira pessoa, experiência de Cristo como resposta à espera infinita do nosso coração, não poderemos comunicá-Lo aos outros como um bem para eles. Só quem faz este caminho, quem vive esta experiência, é que pode propô-la aos outros com a certeza de que se trata daquilo que misteriosamente eles também procuram como que às apalpadelas. Esta é a maior aventura da vida: verificar cada dia mais que o que nos aconteceu, o encontro com Cristo, é a única coisa em condições de responder completamente às exigências do coração. Nós verificamos que esta familiaridade com Cristo se tornou o fator determinante da nossa vida no fato de sermos livres em meio às circunstâncias. Só assim vamos poder oferecer uma contribuição real ao anseio de liberdade que está em todo mundo. Por isso a seguinte afirmação de von Balthasar sempre me chamou a atenção: «Enquanto cristão significar primeiramente tradição e instituições, os movimentos de libertação dos tempos modernos terão uma enorme vantagem» – os quais movimentos chamamos hoje de “populistas” –, porque não se verão desafiados por nós, nós não representaremos desafio algum para eles. «O verdadeiro confronto só terá lugar quando o cristão se comprometer [...] a mostrar que a autoabertura de Deus em Jesus Cristo é convite para entrarmos no espaço de liberdade absoluta, o único em que se pode desdobrar a liberdade humana.»¹⁸¹

¹⁸¹ Ver aqui, pp. 21, 62.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 9,26-31; Sl 21; 1Jo 3,18-24; Jo 15,1-8

HOMILIA DE PE. JULIÁN CARRÓN

Não há dia em que a liturgia não depare aos nossos olhos a constante iniciativa de Deus. Hoje o faz com a narrativa da conversão de Saulo, a pessoa mais impensável, o perseguidor dos primeiros cristãos. Mas nada é impossível para Deus. Nisto mesmo é que fica visível a liberdade de Deus: escolhe alguém como Paulo para mostrar que é sempre Ele quem toma a iniciativa: «És muito precioso para mim».¹⁸² Estando consciente desta preferência, Paulo dirá depois em suas cartas: «Sei em quem acreditei».¹⁸³ Ninguém tinha entendido o que lhe passara no caminho para Damasco, mas logo ficou claro que algo de importante deveria ter-lhe acontecido: de fato, passou a conviver com aqueles a quem antes perseguia. Obviamente, os cristãos de Damasco, vendo-o no meio deles, tinham medo dele e não conseguiam acreditar que se tivesse tornado um discípulo de Jesus. Mas ele permanecia com eles, e os Atos contam que «falava e discutia e ia e vinha em Jerusalém com todos os outros». O fato de lhe ter acontecido algo tornava-se palpável, tocável, no seu frequentar aquela nova companhia de amigos, com quem começou a jogar o jogo da vida.

Eis o desafio que cada um de nós tem à frente, em qualquer momento: «Este é o seu mandamento: que creiamos no nome do seu Filho, Jesus Cristo», como fez São Paulo. Mas como permanecer nessa postura? Não há trecho do Evangelho que possa sintetizar melhor o que dissemos nestes dias do que o que acabamos de escutar. Não há possibilidade de vida separados d'Ele. Com a imagem da videira e dos ramos, Jesus diz como é absolutamente crucial que fiquemos ligados a Ele. Separados d'Ele, secamos e não produzimos fruto. Como vocês veem, hoje de manhã voltou o mesmo verbo que utilizamos ontem: permanecer. Se quisermos produzir fruto, é preciso uma só coisa: permanecer ligados à videira. Jesus diz aos discípulos: «Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós não podereis dar fruto, se não permanecerdes em mim». Porque «Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permaneceu em mim, e eu nele, esse produz muito fruto». Por isso, se alguém quiser produzir fruto, aqui há uma indicação simples, ao alcance de todos. Jesus não nos pede que façamos algum esforço particular nem

¹⁸² Is 43,4.

¹⁸³ Cf. 2Tm 1,12.

nos submetamos a uma prática ascética. Põe uma só condição: permanecer ligados à videira, que é Ele. A verificação se estamos ou não ligados à videira é o fruto que produzimos: o cêntuplo, uma nova forma de estar no real. É isto o que dá testemunho d'Ele. «Se permanecerdes em mim», produzireis fruto, e «nisto meu Pai é glorificado». Pelo fruto, que até os outros poderão ver, Sua glória vai continuar resplandecendo no real, na história dos homens, porque a glória é o esplendor da verdade.

Tudo o que dissemos de sexta-feira à noite até esta manhã é para que esta glória se manifeste. Não devemos separar-nos da videira, para que, pelo fruto em nós que vem apenas d'Ele, possa resplandecer a Sua glória na face da terra. Isto pode acontecer no meio de todos os nossos limites e erros, porque o fruto – uma mudança da nossa humanidade, de outra forma impossível – é obra Sua em nós. Se nós O deixarmos entrar, se nos deixarmos conquistar por Ele, nada poderá impedir a manifestação da glória de Deus por meio do fruto que Ele vai fazer nascer, com maravilhamento, diante dos nossos olhos, na nossa vida. «Sem mim nada podeis fazer», diz Jesus. Se não aprendermos isto, nós nos tornaremos ramos secos para ser queimados.

Peçamos por cada um de nós que fiquemos juntos, como São Paulo com seus novos amigos, só para isto: para reconhecê-Lo, para permanecer ligados à videira que é Ele, para viver um laço que nos rejuvenesce o tempo todo, de modo a podermos testemunhar a todos os nossos irmãos homens quem é Cristo e que o Pai de Jesus está na origem de tudo.

AVISOS
Julián Carrón

Fundo comum

No ano passado enviamos uma carta a quem havia anos não dava nenhum sinal de participação nos gestos da Fraternidade, e uma a quem no decorrer dos anos anteriores não tinha depositado nem sequer um euro de fundo comum. Foi surpreendente ver a resposta de milhares de pessoas, que responderam positivamente a essa iniciativa – que foi um gesto de amizade –, às vezes até apresentando situações de dificuldade nas quais de várias formas se pôde intervir. Leio algumas cartas recebidas.

Uma pessoa escreveu: «Respondo à carta na qual vocês me lembram que não participo dos Exercícios e não pago o fundo comum. É verdade, foram anos de desgaste nas minhas relações com o Movimento, e assim de certo afastamento. A carta me lembrou muitas coisas belas que vivi no Movimento. Agora acompanho um pouco mais e depusitei 60 euros no fundo comum (é tudo o que posso fazer) para me sentir parte do Movimento».

Um de vocês disse: «Agradeço infinitamente por ter recebido um chamado de atenção para o sacrifício do fundo comum. Há anos não conseguíamos dar nem mesmo aquela cota ínfima que eu e o meu marido tínhamos prometido pagar. Estivemos e ainda estamos passando por um período difícil e não pouco problemático. Perguntei ao meu marido se podia fazer o depósito para saldar ao menos em parte a nossa “dívida” com o fundo comum, mas ainda com a pergunta: “Será que vamos conseguir?”. Que surpresa foi a resposta dele! “Claro que sim, pode ir em frente!”. A resposta dele foi um consolo para mim, e me permitiu julgar só com o coração».

Eis o testemunho de uma família: «Não pagamos o fundo comum, eu e o meu marido, há dois anos, desde que ele ficou de novo sem emprego. Eu trabalho meia jornada. No último mês de setembro, encontrei um segundo trabalho por um ano, pequeno mas suficiente para dar conta das necessidades mínimas da nossa família. Para 2018, queria voltar a depositar o fundo comum, reduzindo-o a 5 euros mensais para ambos. Eu lamento muito, mas neste momento não conseguimos fazer diferente. Desejo, porém, voltar a pagar o fundo comum, não quero perder o sentido deste gesto, já esperei demais, é como se alguma coisa me faltasse!»

Outro amigo escreveu: «Marcou-me muito um trecho da carta enviada a mim: “Na relação com Cristo não há metro; não há metro, há somente o

coração: ou eu quero, ou não quero”. Há cerca de trinta anos, com alguns amigos do Movimento, fantasiávamos sobre o que desejávamos para o futuro: um queria vencer na loteria, outro queria participar das Olimpíadas, na minha vez lembro que respondi de cara: “Estar cada vez mais tomado por Cristo”, resposta que surpreendeu todo mundo, a mim inclusive. Desde então, passei por muita coisa, inclusive a demissão. Tive de diminuir drasticamente a minha cota. De todo modo, queria ser fiel, mas depois não depus mais. Em setembro a sua carta como que me despertou, e assim, diminuindo ainda mais a quantia, consegui cobrir os atrasos e, hoje, depois de ter recebido o pagamento de alguns trabalhos feitos, posso aumentar um pouquinho a cota. É irrisório, eu sei, mas agora é assim, depois vamos ver. Obrigado pela sua paternidade, rezo por você todos os dias».

Como vocês veem, o envio dessas cartas foi uma ocasião para retomarem a relação com a vida da Fraternidade. Alguns, porém, nos comunicaram que enveredaram por outro caminho.

A decisão de escrever as duas cartas foi ditada pela paixão por todos os que pretendem percorrer o caminho da Fraternidade, a fim de poderem ser acompanhados com toda a seriedade possível. No livro *Una strana compagnia*, lemos que Dom Giussani, falando do fundo comum como de uma ajuda para vivermos a pobreza, disse durante os primeiros Exercícios da Fraternidade: «A pobreza não é não ter nada para administrar: a pobreza é administrar tendo como finalidade que tudo esteja em função do reino de Deus, em função da Igreja».¹⁸⁴ E é justamente para vivermos em função da Igreja que queremos ajudar-nos também agora. Neste sentido, é impressionante para mim o testemunho que nos dão os nossos amigos venezuelanos: na situação dramática de empobrecimento geral (causada pela alta inflação que veio a afligi-los e que todos nós conhecemos), são, percentualmente, o país em absoluto mais fiel ao pagamento do fundo comum! É comovente o fato de nos terem escrito para comunicar o quanto lamentam terem diminuído o valor do fundo comum em 2017: «O câmbio entre Euro e Bolívar variou demais entre o primeiro semestre e o fim do ano, sem uma mudança correspondente no salário das pessoas. Mas, apesar da crise, muitos continuaram fiéis ao gesto do fundo comum». Uma fidelidade assim não pode deixar de nos questionar!

Passos

Faço questão de compartilhar com vocês uma novidade que considero possa ser uma provocação a mais para nos compararmos com os

¹⁸⁴ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 106.

conteúdos destes dias. Vocês provavelmente se lembram de que no ano passado, coincidindo justamente com os Exercícios, inauguramos o novo *site* e as redes sociais do Movimento, porque as mudanças provocadas pela internet nos levavam nessa direção. Isto teve uma repercussão evidente na maneira de fazer a *Passos*. Chegamos assim à nova *Passos*, que a partir de hoje está disponível a todos. A nossa revista apresenta-se completamente renovada na forma e nos conteúdos.

Por que continuar fazendo a *Passos*? Por que mudar? É iluminador o que Dom Giussani nos disse a respeito: «A comunicação é consequência [...] [de] duas dimensões: uma consciência crítica e sistemática da própria vida e uma humanidade nova. Mas as duas primeiras dimensões não podem subsistir se faltar a terceira, que é a paixão em comunicar aos outros o princípio de vida, a realidade de vida, a unidade de nós, o acontecimento que nos libertou». ¹⁸⁵ E ainda: a imprensa – ainda não havia o digital – «é o principal instrumento para o aumento da nossa autoconsciência e para uma comunicação com os outros». ¹⁸⁶

Dentro deste horizonte, quisemos acertar o passo com as enormes e repentinas transformações que estamos observando há anos e que nos chamam a uma mudança necessária: a revolução da comunicação digital, os desafios que todos estamos enfrentando no mundo editorial, a mudança de hábitos que envolve todas as pessoas, nós incluídos, etc.

Daqui a tentativa de renovar a revista, levando tudo isso em conta. A nova *Passos* quer então completar e integrar a comunicação que é realizada pela internet, respondendo principalmente à exigência de aprofundamento, dando a alguns temas e assuntos, escolhidos a cada edição, todo o espaço necessário para um trabalho de compreensão, de reflexão e de diálogo. Com a nova *Passos*, estamos dizendo: «Na grande agitação dos dias, semanas, meses, faça uma pausa, pare um pouco!» Talvez nos convenha. A *Passos* é essa tentativa – temos de nos lembrar sempre de que é uma tentativa – de chamar a atenção para um tema, uma pessoa, uma experiência, uma situação, que consideramos realmente relevante para o caminho que estamos fazendo.

O *site* e as redes sociais vão continuar seguindo o ritmo do dia a dia, fato a fato, juízo a juízo, acompanhando em tempo real o caminho de todos com textos essenciais, a partir da Escola de Comunidade.

Temos fome de tudo o que nos pode ajudar a dilatar a razão, a aprofundar o carisma, a verificar a fé. Igualmente, temos o desejo de nos comu-

¹⁸⁵ Idem, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 39.

¹⁸⁶ FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO, *Documentação audiovisual*. Encontro dos padres de CL da alta Itália, , Idice San Lazzaro di Savena (BO), 20 de maio de 1985.

nicar com os outros, de nos interessar por eles, de percorrer um trecho do caminho juntos, assim como se deu, por exemplo, durante toda a série de encontros, tanto na Itália como no exterior, a partir das apresentações da biografia de Dom Giussani e d' *A beleza desarmada*.

Se continuamos fazendo a *Passos*, se quisemos mudá-la ressaltando a sua razão de ser como ocasião de educação e encontro, é por essa paixão, por essa fome que nos constitui. É difícil aprofundar o caminho sem um compromisso sério, uma atenção. Sem isto, acabaremos por ser prisioneiros da mentalidade de todos.

Como podemos tornar-nos a todos mais protagonistas desta tentativa? Nossa preocupação, a minha preocupação não pode ser senão educativa. Faço minhas as palavras de Dom Giussani: «Peço que não sintam isto como uma propaganda da *Litterae* [vale também hoje para a *Passos*], mas como a urgência da nossa comunhão». ¹⁸⁷ Dom Giussani dizia-nos ainda que a revista «é parte do projeto de vida, é um instrumento do projeto», ¹⁸⁸ «espelho da vida do Movimento. E isto implica uma participação criativa». ¹⁸⁹ Por isso, escreviam, sugeriam temas, fatos e pessoas, pois a nossa revista é «um espaço livremente acessível a todos os que tiverem uma vida para comunicar». ¹⁹⁰

Esta, portanto, é a primeira forma de participar da comunicação do Movimento, uma participação criativa. Uma forma que está ao alcance de cada um de nós: não se trata apenas de escrever sobre fatos e pessoas, mas também de identificar e sugerir quem quer que possa ter um talento na fotografia ou na criação de vídeos, ou nas redes sociais, etc. Com certeza nas comunidades de vocês há jovens capazes.

Também é possível participar usando a *Passos* para um diálogo com um amigo: se é útil para mim, pode ser útil para ele também. Uma assinatura ou um exemplar de presente são uma ocasião de encontro, de testemunho, de missão. Pensem que muitos bispos e núncios – no mundo inteiro, até em lugares onde o Movimento não está – nos escrevem para nos agradecer a oportunidade que têm de ler textos de Dom Giussani e de permanecer em contato com a vida do Movimento. Convido-os, pois, a difundir a revista, utilizando inclusive o ensejo da nova roupagem gráfica, quer pessoalmente, quer comunitariamente, como fazem – pensem só! – as mulheres da Rose em Kampala, que vivem como um acontecimento a

¹⁸⁷ Idem. Encontro dos padres de CL, Bolonha, 6 de março de 1978.

¹⁸⁸ Idem. Diaconia diocesana de CL, Milão, 16 de junho de 1980.

¹⁸⁹ Idem. Encontro dos padres de CL, Imola (BO), 2 de fevereiro de 1987.

¹⁹⁰ Idem. Dia de fim de ano de CL, Milão, 3 de junho de 1989.

chegada de cada número novo da *Traces*. Quem nos dera nós também a recebêssemos assim cada vez que chega!

Por último, peço que levem em consideração a assinatura como forma concreta de apoio a todo o empenho para desenvolver a comunicação do Movimento – deste o *site* até as redes sociais e a revista –, que depende da atenção de cada um de nós. Assinar a *Passos* é a maneira com que podemos garantir este sustento a todos os nossos instrumentos de comunicação. Obrigado.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

Mais uma vez o Senhor oferece a vocês, reunidos para os Exercícios, a ocasião de uma retomada de consciência. Esta consiste no dom da redescoberta de que Jesus é o Destino do homem e portanto é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Também este ano, como em muitas circunstâncias da existência humana e por meio das relações que por graça cada um de nós estabelece com os outros, Ele faz de nós «uma coisa nova».

Neste Tempo Pascal, a liturgia chamou-nos a não conhecer mais nada segundo a carne, nem sequer o próprio Jesus. De fato, se estamos em Cristo, somos uma criatura nova.

Qual é a razão por que todo ano quem conduz a *Fraternidade de Comunhão e Libertação* sente o dever de chamar a atenção de todos os membros para estes elementos substanciais da existência cristã? Parece-me que se encontre no risco aninhado na pergunta: «Não a percebeis?» A distração e o esquecimento invadem o cotidiano e assim se perde de vista a única coisa necessária: o amor de Cristo que nos urge.

Façamos nossa, pois, a invocação para que o Pai nos doe passar da inata fragilidade humana à existência nova em Cristo Ressuscitado.

Com afeto, uma bênção especial

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo emérito de Milão

Caríssimo pe. Julián Carrón,

a você e a todos minha saudação e minha oração para o bom andamento destes Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

O tema destes Exercícios: «*Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?*» (*Is 43,19*) propõe-nos a novidade e a beleza do que nos aconteceu no encontro com Cristo por meio da experiência do carisma como fato não ocasional, mas evento estável numa história de graça, num povo em que se mostrou a misericórdia do Senhor.

Esta novidade ecoa com autoridade no que o Papa Francisco nos indica em sua última Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*; onde, junto com a «santidade “ao pé da porta”» (n. 7), nos propõe a mensagem das bem-aventuranças como caminho específico de uma experiência laical na Igreja e no mundo.

Diante das incertezas do presente, como a falta de definição de um governo para o país e a persistente onda da crise econômica, o Papa convida-nos a uma santidade que também é ousada, “*parresia*”: «O próprio Jesus vem ao nosso encontro, repetindo-nos com serenidade e firmeza: “não temais!”», indicando-nos «uma existência aberta, porque está disponível para Deus e para os irmãos» (n. 129).

Neste apelo, que une a ousadia à confiança, sentimos repropor-se a nós as palavras do Senhor que Dom Giussani nos repetia com frequência: «Até mesmo os cabelos de vossa cabeça estão contados. Não tenhais medo!» (Lc 12,7). E o coração se aquece, confortado pela grande Presença que faz novas todas as coisas e nos envia em missão.

Cheio de confiança, peço para mim e para todo o Movimento o dom do Espírito e a disponibilidade para respondermos ao mandato do Senhor seguindo o passo que você nos indica.

Cumprimento-os cordialmente

e invoco sobre todos vocês a bênção do Senhor e a proteção da Mãe de Deus,

S.E.R. dom Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitano de Taranto

Caríssimo pe. Julián,

Que bonito é o título destes Exercícios: «*Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?*» (*Isaias*). A palavra do profeta chega ao povo em exílio, como anúncio de bem que floresce na desolação e na tristeza de um mundo que desmoronou, com a destruição do templo: Deus surpreende-nos sempre, como o Papa Francisco ama dizer, fazendo «uma coisa nova», introduzindo uma vida nova, uma presença nova entre nós e na história, tanto ontem como hoje.

Mesmo de longe, uno-me com a oração e o afeto a toda a grande companhia da Fraternidade e peço, por intercessão do Servo de Deus Dom Giussani, que o Espírito do Senhor nos torne capazes de reconhecer os sinais dessa “novidade”, que nada pode impedir ou parar.

S.E.R. dom Corrado Sanguineti

Bispo de Pavia

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

agradecemos-lhe seu convite a fazemos experiência viva de Cristo presente, contemplando Seu rosto que recompõe a nossa humanidade. Dedicamos a isso os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que reuniram em Rimini 21 mil pessoas, enquanto outros milhares estavam conectadas por satélite de 13 países. A partir da frase de Isaías: «Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?», perguntamo-nos por que temos tanta dificuldade em reconhecer a presença de Cristo na história. A *Lumen fidei* indicou o caminho da resposta: «A nossa cultura perdeu a noção desta presença concreta de Deus no mundo».

Por isso nos identificamos com o método escolhido por Deus para revelar-se, revivendo os momentos da história bíblica, até sua realização em Cristo, que na Igreja continua a alcançar a nossa vida com uma atração vencedora. «A pessoa encontra-se a si mesma num encontro vivo» (Dom Giussani).

Nestes dias pedimos para voltar a ser crianças, para reconhecer os sinais de Deus e participar da novidade que Cristo trouxe na história. Levantar o olhar de nós mesmos para Ele, deixando que a Sua presença penetre no nosso coração, permite-nos «manter aceso o fogo» do início, como o senhor nos disse na Praça São Pedro. Experimentamos a alegria, que é o sinal da familiaridade com Cristo, que nos faz cantar: *Fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum ut sibi complacem.*

Voltamos para nossas casas com mais certeza de que a presença de Cristo define o nosso rosto no mundo e indica a razão profundo de todo e qualquer gesto nosso de presença. Vendo como o senhor se move todo dia, estamos conscientes de que só uma presença original – porque centrada em Cristo – pode mover o homem de hoje.

Continuando na oração cotidiana em sustento do seu ministério petri-no, dedicamos-lhe todo o nosso afeto de filhos.

pe. Julián Carrón

Sua Santidade Papa emérito Bento XVI

Santidade,

«Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?» Isaías acompanhou-nos nestes Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, num caminho de conhecimento de Cristo a fim de que o entusiasmo por Ele mobilize a nossa liberdade determinando o nosso rosto humano. Pedindo-lhe uma oração para nos tornarmos como crianças a fim de reconhecermos os rebentos de Deus em ação no mundo e segui-los com toda a energia da nossa liberdade, pedimos, por intercessão de Dom Giussani, que o Pai lhe dê sempre a paz e a letícia do coração.

pe. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Gualtiero Bassetti

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima,

Nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que reuniram em Rimini 21 mil pessoas, meditamos as palavras de Isaías, «Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?» Desejosos de voltar a ser crianças para conhecer a Cristo e crescer na familiaridade com Ele, que define o nosso rosto no mundo, segundo o ensinamento de Dom Giussani e seguindo o Papa Francisco, confirmamos ao senhor o compromisso de sermos instrumentos da presença da Igreja na Itália.

pe. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo emérito de Milão

Caríssimo Angelo,

conscientes do risco da distração e do esquecimento de que você nos falou em sua mensagem, retomamos a grande lição de von Balthasar que convidava a voltarmos a ser crianças para conhecer mais a Cristo presente, única razão da nossa esperança. Desejamos que você viva cada vez mais a familiaridade com Cristo, a única coisa necessária também para nós – no seguimento de Dom Giussani e do Papa – para sermos instrumentos do avanço da novidade de Cristo que renova a face da terra, começando pela nossa.

pe. Julián Carrón

*S.E.R. dom Filippo Santoro
Arcebispo Metropolitano de Taranto*

Caríssimo Filippo,
gratos pela sua carta, a experiência destes dias foi um passo para uma familiaridade com Cristo que nos enche de entusiasmo por Ele e do desejo de estarmos disponíveis como crianças a seguir o Senhor que quer atingir os corações incertos dos nossos irmãos homens.

pe. Julián Carrón

*S.E.R. dom Corrado Sanguineti
Bispo de Pavia*

Caríssimo Corrado,
nos Exercícios da Fraternidade o acontecimento que tomou a nossa vida aconteceu em nós como uma coisa nova, até tornar Jesus mais familiar em nós e entre nós. Gratos pelas suas orações, estamos mais disponíveis a dar-nos conta dos sinais da Sua ação no mundo.

pe. Julián Carrón

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici e Nadia Righi

(Guia para a leitura das imagens tiradas da História da Arte que acompanharam a audição das peças de música clássica na entrada e na saída)

Poucos artistas como Caravaggio contam a história sagrada como um contínuo recontar do Acontecimento no hoje. A utilização de modelos tomados da vida cotidiana sugere que experimentar Cristo presente é uma oportunidade oferecida a todos nós, independentemente da nossa condição. A intuição desta possibilidade impele o artista, movido pelo desejo de compreender o sentido profundo da realidade, a representar-se várias vezes como ator e espectador do drama da história de Deus feito homem.

O sacrifício de Isaac – Florença, Galeria dos Oficinos

Anunciação – Nancy, Museu de Belas Artes

Sagrada Família com o menino São João Batista – Coleção privada (Museu Metropolitano, Nova York)

Nossa Senhora e o menino com Sant'Ana – Roma, Galeria Borghese

Adoração dos pastores – Messina, Museu Regional

Descanso na fuga para o Egito – Roma, Galeria Doria Pamphili

A vocação de São Mateus – Roma, Igreja de São Luís dos Franceses

Marta e Maria Madalena – Detroit, Instituto de Artes de Detroit

A captura de Cristo – Dublin, Galeria Nacional da Irlanda

A deposição no sepulcro – Cidade do Vaticano, Pinacoteca Vaticana

A ceia em Emaús – Londres, Galeria Nacional

A ceia em Emaús – Milão, Pinacoteca de Brera

A incredulidade de São Tomé – Potsdam, Sanssouci

A morte da Virgem – Paris, Museu do Louvre

A crucificação de Pedro – Roma, Igreja de Santa Maria do Povo

A conversão de Saulo – Roma, Igreja de Santa Maria do Povo

São Mateus e o anjo – Roma, Igreja de São Luís dos Franceses

O martírio de São Mateus – Roma, Igreja de São Luís dos Franceses

Enterro de Santa Luzia – Siracusa, Igreja de Santa Luzia no Sepulcro

O martírio de Santa Úrsula – Nápoles, Coleção Banca Intesa

As sete obras de misericórdia – Nápoles, Igreja Pio Monte da Misericórdia

Nossa Senhora dos peregrinos – Roma, Igreja de Santo Agostinho

COMENTÁRIOS DE DOM GIUSSANI ÀS MÚSICAS DE ENTRADA

Os textos foram extraídos do volume *Spirto Gentil. Un invito all'ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, organizado por S. Chierici e S. Giampaolo, Milão: Bur, 2011.

Sexta-feira, 27 de abril, noite – A. Dvořák, *Stabat Mater op. 58*

«Faz com que o meu coração se dê conta desta força misteriosa e real graças à qual tudo vibra, graças à qual tudo renasce, que o meu coração se dê conta do Mistério que dá a vida e que me chamou, Presença humana que me envolveu e se envolve comigo» (p. 289).

Sábado, 28 de abril, manhã – W.A. Mozart, *Grande Missa em dó menor K 427*

«Deus comunicou-se ao homem na sua carne, no seu tempo e espaço vivido, na sua vida como tempo e espaço vivido, como relação vivida. O Mistério aparece-nos na experiência, nalguma coisa que sofremos, desejamos, erramos, fazemos bem, em alguma coisa que experimentamos; na experiência humana tal como ela é, inteira.

Pudéramos também nós, como Mozart, contemplar com a mesma simplicidade e intensidade o início no mundo e na história da misericórdia e do perdão, e ir beber à fonte que é o “sim” de Maria!» (p. 55).

Sábado, 28 de abril, tarde – A. Dvořák, *Trio n. 4 op. 90, “Dumky”*

«Ouvindo estes trechos de Dvořák, breves mas intensos, puros como o ar rarefeito da montanha, não podemos senão voltar a ser crianças. Dvořák incarna um coração de criança. [...] Aquilo que é necessário para apreciar esta música é sermos assim pequenos, ou seja, simples de coração ou pobres de espírito. Pobre é aquele que reconhece não ter nada: eu não sou nada. Tu – Mistério que fazes todas as coisas – existes. Chama-se pedido à expressão da própria pobreza» (p. 300).

Domingo, 29 de abril, manhã – L. van Beethoven, *Sinfonia n. 9*

«Nós somos como uma sinfonia pequena diante daquilo que devia ser, um pouco mesquinha, um pouco assustada, um pouco intimidada. E, no

entanto, no que diz respeito à Nona Sinfonia [...] a nossa catedral, não de notas, é feita para encher a história. Nós aproximamo-nos deste destino obedecendo a uma tarefa, aderindo com a nossa liberdade à tarefa que nos é confiada. E qual é esta tarefa? A tarefa da vida é a paternidade e a maternidade; ou seja, chegar à maturidade do amor. A tarefa da vida é imitar o Pai continuando o canto de Jesus na história» (p. 117).

Sumário

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 27 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA — HOMILIA DE PE. STEFANO ALBERTO 17

Sábado, 28 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — «*Nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós!*» 18

SANTA MISSA — HOMILIA DE S.E.R. CARDEAL
KEVIN JOSEPH FARRELL 36

Sábado, 28 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO — «*Bem-aventurados os olhos que veem o que vós vedes*» 41

Domíngo, 29 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 63

SANTA MISSA — HOMILIA DE PE. JULIÁN CARRÓN 88

AVISOS 90

MENSAGENS RECEBIDAS 95

TELEGRAMAS ENVIADOS 97

A ARTE E A MÚSICA EM NOSSA COMPANHIA 100
